

Espaços Paralelos:

- A cidade do Porto enquanto meio propício para a promoção de estilos de vida saudáveis entre a população jovem

Dissertação realizada no âmbito do 2º ciclo em Actividade Física e Saúde, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Orientador: Prof. Doutora Ana Luísa Teixeira Nunes Pereira
Rui Gonçalves de Carvalho

Porto, 2009

Carvalho, R. (2009). *Espaços Paralelos: a cidade do Porto enquanto meio propício para a promoção de estilos de vida saudáveis entre a população jovem*. Porto: R. Cravalho. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: SAÚDE; CULTURAS JUVENIS; DESPORTOS URBANOS; CIDADE DO PORTO

AGRADECIMENTOS

À Professora Ana Luísa Pereira, pelo incentivo e por constantemente me desafiar a ir um pouco mais longe, pela confiança que foi demonstrando em mim e, acima de tudo, por me ter dado toda a liberdade para ir explorando o tema à minha maneira. Doutra forma não conseguiria ter levado a cabo este trabalho.

Aos meus Pais, por todo o apoio e incentivo. Pela forma orgulhosa que falam de mim, por serem, hoje e sempre, uma grande inspiração.

Aos meus irmãos, apenas pela presença, porque é bom ter irmãos, pelas jantaradas bem-dispostas que me fizeram esquecer os momentos difíceis. Quando estamos os três juntos “partimos a louça toda”.

Às minhas avós, pelo olhar orgulhoso, pelo cuidado constante, por serem verdadeiramente Avós.

Aos meus avôs, que apesar de não estarem presentes fisicamente foram, possivelmente a maior razão deste meu percurso. Cada qual, à sua maneira, soube aguçar a curiosidade de uma criança que recordará sempre os todos momentos partilhados.

À Li, por continuares presente, sempre.

Ao Miguel Nogueira, responsável técnico da MAPoteca por toda a disponibilidade, e por dar vida a uma parte fundamental deste trabalho.

A todos os praticantes observados e entrevistados, sem a forma aberta como se deixaram fotografar e dedicaram algum dos seu tempo a falar comigo, não teria sido possível aprofundar a forma como vivem as suas práticas.

Índice

Agradecimentos	IV
Resumo	IX
Abstract	XI
Résumé	XIII
1 – Introdução	15
2 – Revisão de Literatura	21
2.1- Níveis de actividade física na população actual	22
2.1.1 Panorama nacional	23
2.1.2 - As consequências para a saúde	25
2.1.3 - Sugestões no sentido da promoção da actividade física.	26
2.2 - Culturas Juvenis: estruturas de lazer e sociabilidade	31
2.2.1 - Em torno do conceito	32
2.2.2 - Sistemas de representação	35
2.3 - O meio urbano: produções e apropriações do espaço	39
2.3.1 - O espaço como produção social.	39
2.3.2 - Espaços de contestação/reprodução.	42
2.3.3 - A Cidade/Espaço Social.	43
2.3.4 - Vivências da cidade através dos desportos urbanos alternativos	46
2.3.5 - A escolha do lugar	50
3 - Campo Metodológico	55
3.1 - A Construção do quadro teórico	57
3.2 - O objecto de estudo	60
3.2.1- O local	60

3.2.2 - Os intervenientes	61
3.3 - O processo de recolha de dados	63
3.3.1 - A observação	63
3.3.2 - As entrevistas	66
3.3.3 - A construção das entrevistas	67
3.3.4 - A Fotografia	69
3.3.5 - A cartografia	74
3.4 - A análise de conteúdo	83
3.4.1 - Construção das categorias de análise	84
3.4.2 - As categorias	86
4 - Apresentação e Discussão dos Resultados	89
4.1 - Os praticantes	91
4.2 - Descrição dos espaços	105
4.2.1 - A Casa da Música	105
4.2.2 - Avenida da Boavista	109
4.2.3 - Edifício Transparente	109
4.2.4 - Estação da Trindade	111
4.2.5 - Praça da Batalha	112
4.2.6 - Praça dos Leões	114
4.2.7 - Centro Comercial Itália	116
4.2.8 - Zona Histórica do Porto	117
4.2.9 - Parque da Cidade	119
4.3 – A Cartografia	123

4.4 - Análise a partir do Sistema Categorical	149
4.4.1 - Características do local	149
4.4.2 - Acessibilidade	152
4.4.3 - Compatibilidade	153
4.4.4 - Sociabilidade	154
5 - Conclusões	159
6 – Referências Bibliográficas	167
7- Anexos	CLXXXI

Índice de Fotografias

Fotografia 1	106
Fotografia 2	108
Fotografia 3	110
Fotografia 4	112
Fotografia 5	114
Fotografia 6	119
Fotografia 7	120

Índice de mapas

Mapa 1	129
Mapa 2	131
Mapa 3	133
Mapa 4	135
Mapa 5	137
Mapa 6	139
Mapa 7	141
Mapa 8	143

Mapa 9	145
Mapa 10	147

Índice de Gráficos

Gráfico 1	92
Gráfico 2	93
Gráfico 3	94
Gráfico 4	95
Gráfico 5	106
Gráfico 6	107
Gráfico 7	110
Gráfico 8	111
Gráfico 9	113
Gráfico 10	115
Gráfico 11	117
Gráfico 12	118
Gráfico 13	120

Resumo

Vários trabalhos realizados acerca dos problemas relacionados com o sedentarismo focam-se na necessidade de realizar exercício físico moderado, mas acabam por não apelar às populações mais jovens porque têm em vista actividades físicas desprovidas dos aspectos mais valorizados por esta população. Sendo a época da adolescência muito importante e frequentemente um período de desenvolvimento emocional e físico difícil, é também nestas idades que se estabelece a identidade através de opiniões, valores, estilos visuais e musicais e actividades de lazer. Estes factores têm uma relação directa com as suas escolhas quanto a grupos sociais em que se inserem e quanto ao tipo de actividades que desenvolvem nos seus tempos livres (Woolley e Johns, 2001). Estas actividades dependem de um elemento fundamental no estabelecimento de relações de sociabilidade, o espaço (Fusco, 2007). Por esta razão, Bach (2003) afirma que o planeamento urbano e as políticas desportivas municipais deverão reconhecer que os desportos informais têm as suas próprias estruturas onde se desenvolvem, identificando estes espaços como valências desportivas. O objectivo deste trabalho foi uma análise da cidade do Porto através da observação directa de praticantes de desportos informais, de entrevistas realizadas aos praticantes e de uma cartografia aos locais de prática da cidade, recorrendo também ao suporte fotográfico como meio complementar de recolha de dados. Desta forma, conseguimos entender quais são as características que tornam um espaço urbano próprio para a prática dos desportos informais, assim como analisar a forma como estes espaços se distribuem pela cidade, descrevendo zonas de maior concentração de forma a obter uma visão mais ampla das características que procuramos.

Palavras-Chave: SAÚDE; CULTURAS JUVENIS; DESPORTOS URBANOS; CIDADE DO PORTO

Abstract

Several studies conducted on the problems related to inactivity focus on the need for moderate exercise, but do not appeal to younger people because they concentrate on physical activities devoid of the most valued aspects by the population. As the time of adolescence is very important and often a period of difficult physical and emotional development is also at this age that the identity is established through opinions, values, visual styles and music and leisure activities. These factors have a direct bearing on their choices about social groups that they choose and the type of activities that develop in their spare time (Woolley and Johns, 2001). These activities depend on a key element in establishing relations of sociability, the space (Fusco, 2007). For this reason, Bach (2003) argues that urban planning and municipal sports policy should recognize that sports have their own informal structures which are developed, identifying these areas as sports abilities. The aim of this study was an analysis of Oporto by direct observation of informal practice of sports, through interviews to practitioners and mapping the sites of practice in the city, also using the photographic medium as a complementary data collection. Thus, we were able to understand what are the characteristics that make an urban space good for the practice of informal sports, as well as examine how these spaces are distributed in the city, describing areas of higher concentration to obtain a broader view of the characteristics we seek.

Key-Words: HEALTH; YOUTH CULTURES, URBAN SPORTS, CITY OF OPORTO

Résumé

Plusieurs études menées sur les problèmes liés à l'inactivité accentuent sur la nécessité de l'exercice modéré, mais ne font pas appel à des jeunes parce qu'ils ont en vue des activités physiques les plus dépourvues de valeur par cette population. Étant les temps de l'adolescence très importants et souvent une période difficile de développement physique et affectif, est aussi à cet âge, que l'identité est établie par le biais de points de vue, des valeurs, des styles visuels et musicaux et des loisirs. Ces facteurs ont une incidence directe sur leur choix de groupes sociaux en qu'ils s'intègrent et sur le type d'activités qu'ils développent dans leur temps libre (Woolley et Johns, 2001). Ces activités reposent sur un élément clé dans l'établissement des relations de sociabilité, l'espace (Fusco, 2007). Pour cette raison, Bach (2003) dit que la planification urbaine et la politique sportive municipale doit reconnaître que les sports informels ont leurs propres structures où ils sont développés, identifiés, par conséquent, ces espaces comme aptitudes sportives. L'objectif de cette étude est une analyse de Porto par l'observation directe des praticiens de sports informels, par les interviews à ces praticiens et par une cartographie des sites de la ville où ces pratiques ont lieu, en utilisant également le médium photographique comme un complément de collecte de données. Donc, nous comprenons quelles sont les caractéristiques qui font un espace urbain convenable à la pratique de sports informels, ainsi que d'examiner comment ces espaces sont distribués par la ville, décrivant les zones de concentration plus élevée en vue d'obtenir une vision plus large des caractéristiques que nous recherchons.

Mots-Clés: SANTÉ; LES CULTURES DES JEUNES, URBAIN SPORTS, VILLE DU PORTO

1 – INTRODUÇÃO

--

1- INTRODUÇÃO

De acordo com a organização mundial de saúde o sedentarismo é um dos factores com mais importância no aumento de doenças crónicas não transmissíveis. As pessoas mais afectadas são menores de 30 anos, as mulheres e os residentes nas áreas metropolitanas (Seclén-Palacín & Jacoby, 2003). Adicionalmente, Haug, Torsheim, e Samdal (2008) constataram que uma porção considerável de jovens do mundo ocidental não tem os níveis de actividade física recomendáveis para a obtenção de ganho ao nível da saúde a médio e longo prazo, sendo os adolescentes e elementos do sexo feminino os que reportam menores níveis de actividade física. Estes dados são confirmados por Costa, Junior, e Matsuo (2007), ao relatarem pesquisas desenvolvidas com adolescentes de diversos países, nas quais a prevalência para o sobrepeso encontrada nos Estados Unidos foi de 11,0 a 24,0% (6-17 anos) e na China de 4,0% (10-18 anos) para ambos os sexos. No Canadá encontraram-se os índices de 35,0% e 33,0% (9-12 anos), no Chile 18,0% e 22,0%, na Irlanda 6,0% e 8,0% (15-18 anos), para elementos do sexo masculino e feminino respectivamente, sendo que estes números se podem considerar alarmantes.

Vários trabalhos realizados acerca dos problemas relacionados com o sedentarismo focam-se na necessidade de realizar mais exercício físico moderado como caminhadas, mas acabam por não apelar às populações mais jovens porque têm em vista actividades físicas desprovidas dos aspectos mais valorizados por esta população alvo, isto é, a vivência do risco, da emoção, o desenvolvimento das relações sociais, e da relação entre o corpo e o espaço de uma forma mais intensa. Existem, de facto, diversos estudos¹ no sentido de entender a influência do meio sobre os níveis de actividade física, tanto de populações jovens como de populações adultas, que se traduzem muitas vezes em número de *push-ups*, ou resultados do teste Cooper, por exemplo. Daqui

¹ Como por exemplo, Srinivasan, O'Fallon, e Dearry (2003); Frumkin (2003); Giles-Corti e Donovan (2003); (Wendel-Vos et al. (2004)

surtem conclusões relativas à necessidade de promoção de estilos de vida activos, especialmente em crianças e jovens, que aparecem cada vez mais como uma importante faixa nos gráficos de obesidade. No entanto, continua a apelar-se à actividade física desconhecendo-se quem são os jovens, quais as suas motivações e que tipo de actividades privilegiam.

Será que basta promover a realização de *push-ups* e maior tempo de caminhada, por exemplo? Alternativamente, é necessário promover estilos de vida saudáveis que estejam de acordo com os seus próprios estilos de vida dos jovens, em vez de promover a actividade física como um meio quase mecanizado de manutenção de saúde.

Os dados recolhidos em vários trabalhos² denunciam a necessidade de uma promoção eficaz de estilos de vida activos entre os elementos desta faixa etária. Sendo os anos da adolescência muito importantes e frequentemente períodos de desenvolvimento emocional e físico difíceis, é também nestas idades que se estabelece a identidade através de opiniões, valores, estilos visuais e musicais e actividades de lazer. Estes factores têm uma relação directa com as suas escolhas quanto a grupos sociais em que se inserem e que tipo de actividades que desenvolvem nos seus tempos livres (Woolley e Johns, 2001). Consequentemente, muitos jovens começam a integrar-se, nestas faixas etárias, nas designadas culturas juvenis, culturas estas, que estão essencialmente presentes nos espaços urbanos, onde se desenvolvem e interagem.

A descoberta destes espaços urbanos constitui um processo que, segundo Lopes (2000), é capaz de desafiar a ordem hegemónica, através da criação de ocasiões de contestação e afirmação, superando os seus limites e constrangimentos. São estes mesmos mecanismos de apropriação do espaço que geram estilos e usos, combinando-se em novas formas de viver a cidade. A cada nova forma que surge, a identidade colectiva da cidade vai-se diluindo até que cada grupo, cada subcultura, viva o meio de forma particular, representando-o e experimentando-o de maneira distinta. Este é o habitat das várias subculturas, encontrando-se algures neste conjunto, os desportos

² Como por exemplo, Costa, Junior, e Matsuo, (2007); Lopez e Hynes (2006)

alternativos urbanos e a sua peculiar forma de afirmação no meio urbano, isto é, nas cidades.

Existem novas formas de prática desportiva que têm um lugar importante na evolução da cultura urbana contemporânea. Segundo Camy, Adamkiewics, e Chantelat (1993), existe um número crescente de habitantes que utilizam o espaço público para actividades desportivas, produzindo uma redefinição espacial nos centros urbanos. De acordo com os mesmos, é necessário perceber que o espaço sofreu alterações nas noções que o tornam apto para a prática desportiva, que as formas de cultura urbana se têm vindo a modificar, e que o desporto se tornou um dos registos desta transformação cultural. Apesar de este ser um estudo de 1993 demonstra já a forma como as subculturas urbanas influenciavam a forma como se vivia o espaço nos centros urbanos. Passados 15 anos, as subculturas que na altura se tornavam mais visíveis estão hoje bem mais presentes na paisagem das cidades contemporâneas.

Corrimões, muros, escadarias e praticamente todos os obstáculos que delimitam e, por vezes, dificultam a locomoção, são hoje os principais meios onde se verifica a prática destas novas formas desportivas. Os elementos urbanos que passam muitas vezes despercebidos pela restante população são os mais utilizados, e de acordo com Karsten e Pel (2000), praticantes como os *skaters* consideram o centro urbano como sendo o local mais atractivo e ao fim de algum tempo, determinados locais podem tornar-se importantes centros e pontos de encontro para estas actividades. Este facto verifica-se também no trabalho de Carvalho e Pereira (2008), quanto à preferência dos espaços urbanos com todo o tipo de barreiras arquitectónicas, por parte dos praticantes de *parkour*, o que espelha, mais uma vez, a potencialidade dos espaços urbanos como meios de prática desportiva.

A compreensão destas novas formas de vida urbana depende do entendimento acerca da forma como a cidade foi mudando até aos dias de hoje. Como parte da transformação social e tecnológica, a forma de pensar, estilo de vida e lazer da população jovem foram profundamente afectados nas décadas mais recentes. Assiste-se, assim, a uma alteração na paisagem típica onde decorrem as actividades desportivas juvenis de lazer. De acordo com Tajima (2005), muitos desportos alternativos recentes são praticados nas

idades, afectando, desta forma, o espaço público. Neste sentido, as transformações ocorridas nas várias formas desportivas tornaram certos desportos aptos para ocupar o espaço urbano. Por sua vez, também a cultura urbana progrediu englobando o desporto como um dos registos desta transformação cultural.

Tendo em conta esta realidade, o objectivo deste trabalho é uma análise da cidade do Porto quanto aos locais de prática utilizados na cidade. Para tal recorreremos à observação directa de praticantes de desportos alternativos urbanos nos espaços que possam ocupar, a entrevistas realizadas aos praticantes e a uma cartografia, recorrendo também ao suporte fotográfico como meio complementar de recolha de dados. Desta forma, tal como vários trabalhos³ procuraram perceber que tipo de estruturas seriam promotoras de actividade física como especial ênfase no deslocamento a pé e de bicicleta, tentaremos entender quais são as características que tornam um espaço urbano próprio para a prática dos desportos alternativos urbanos, através da observação dos espaços, dos seus agentes e das características geográficas e sociais que caracterizam o objecto de estudo, assim como analisar a forma como estes espaços se distribuem pela cidade, procurando zonas de maior concentração de forma a obter uma visão mais ampla das características que procuramos. O objectivo será, então, mais do que uma análise da cidade do Porto, a criação de uma ferramenta que permita entender quais as melhores formas de promoção de estilos de vida saudáveis, independentemente da zona geográfica ou faixa etária da população alvo.

³ Librett, Yore e Schmid (2003); Pikoraa, Giles-Cortia, Bulla, Jamrozika e Donovan (2003); Frank, . Andresen e Schmid (2004)

2 – REVISÃO DE LITERATURA

--

2 – REVISÃO DE LITERATURA

2.1- Níveis de actividade física na população actual

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o sedentarismo é um dos factores com mais importância no aumento de doenças crónicas não transmissíveis, sendo tão importante como factor de risco quanto fumar ou uma dieta desequilibrada (Giles-Corti e Donovan, 2003). As pessoas mais afectadas são menores de 30 anos, as mulheres e os residentes nas áreas metropolitanas (Seclén-Palacín e Jacoby, 2003). Adicionalmente, Haug, Torsheim, e Samdal (2008) constataram que uma porção considerável de jovens do mundo ocidental não tem os níveis de actividade física recomendáveis para a obtenção de ganho ao nível da saúde a médio e longo prazo, sendo os adolescentes e elementos do sexo feminino os que reportam menores níveis de actividade física.

Gouveia, Pereira-da-Silva, Daniel Virella, e Amaral (2007) evidenciam que os níveis de actividade física associados a um estilo de vida sedentário estão a aumentar, trazendo como efeitos maiores taxas de mortalidade e morbilidade e um maior risco de obesidade. Os números avançados por este estudo dão conta de uma prevalência de sedentarismo de 15% entre adultos na União Europeia, 23% nos EUA e uma variação entre 8,8% e 33,4% nos adolescentes. Uma das razões de tais números relaciona-se com os hábitos de consumo de televisão. Segundo, Fernandes e Mendes (2003), estes hábitos têm aumentado exponencialmente nas últimas décadas. O número de horas despendidas a ver televisão é, depois do sono, a actividade que ocupa a maior parte do tempo de lazer dos adolescentes. Um estudo realizado nos EUA por Andersen et al. (1998) revela que cerca de 26% das crianças e adolescentes ocupam mais de 4 horas por dia a ver televisão. Apesar de existirem estudos (por exemplo, Mota, Santos e Ribeiro, 2008) que demonstram a inexistência uma relação directa entre este tempo despendido a ver televisão e a falta de actividade física, estes números não podem ser descurados.

Mesmo em outras faixas etárias é possível verificar este fenómeno de sedentarização. Emery, Crump, e Hawkins (2007), por exemplo, chamam a atenção para o facto de os níveis de actividade física entrarem em declínio à medida que a idade avança. Segundo os autores, cerca de metade da população acima dos 50 anos e cerca de dois terços acima dos 65 anos, não têm os níveis de actividade física recomendados.

2.1.1 Panorama nacional

No que diz respeito à realidade portuguesa, Gouveia, Pereira-da-Silva, Daniel Virella, e Amaral (2007) obtiveram, para a área de Lisboa, uma prevalência de inactividade física de 33,5 %, sendo que 24,5% dos adolescentes referiram ver televisão quatro ou mais horas por dia, 8,5% consideraram-se sedentários e 22% tinham excesso de peso ou obesidade. Estes dados corroboram o estudo a nível nacional realizado por Fernandes e Mendes (2003), segundo os quais o tempo médio despendido a ver televisão foi de 2 horas nos dias úteis e 3,5 horas no fim-de-semana. Contudo, existem também dados que não demonstram uma correlação negativa entre o tempo dispendido nestas actividades e o tempo dispendido em actividades físicas. De acordo com os resultados de Mota, Santos e Ribeiro (2008), a relação entre as actividades sedentárias e as actividades físicas pode não ser assim tão linear, uma vez que os dados demonstram que existem adolescentes que se interessam tanto por jogar computador como por actividades desportivas. Não obstante, os dados recolhidos por Gouveia, Pereira-da-Silva, Daniel Virella, e Amaral (2007) devem ser considerados, uma vez que revelam um número preocupante de adolescentes que tem como forma de lazer principais actividades sedentárias.

No sentido de apurar quais os factores associados à prática de actividade física nos adolescentes portugueses, Matos, Carvalhosa e Diniz (2002) constataram também as tendências referidas anteriormente, salientando que a inactividade física é também um factor de risco para doenças cardiovasculares, e, apesar de se reconhecerem os benefícios da actividade

física, os alertas no sentido do aumento do sedentarismo são crescentes devido à diminuição constante dos níveis de actividade física na população em geral e em especial nos jovens.

Para se entender de que forma se expressam os dados acerca da prevalência do sedentarismo a nível nacional, é necessário aprofundar os factores que determinam as actividades de lazer dos adolescentes portugueses. Um dos factores que mais se evidencia é a diferenciação que existe entre géneros. As raparigas direccionam-se mais para práticas de lazer do tipo social, e actividades artísticas individuais, assim como tarefas domésticas. Os rapazes, por seu lado, direccionam-se mais para práticas de lazer de cariz desportivo, assim como ver televisão e jogar videojogos (Mota, Santos, e Ribeiro, 2008).

Factores socioeconómicos parecem também determinar o tipo de actividades de lazer preferidas dos adolescentes. Os dados recolhidos por Mota et al. (2007) sugerem que o tipo de ocupação tem uma associação significativa com tipos de lazer activos. De forma geral, empregos mais bem remunerados parecem trazer atitudes positivas em relação à valorização da actividade física enquanto forma de lazer. No mesmo sentido, segundo Santos, Esculcas e Mota (2004), os adolescentes sedentários e menos activos caracterizam-se por serem provenientes de famílias com menor estabilidade económica e menores níveis educacionais.

Um outro factor que pode ainda ser apontado como determinante para o tipo de actividades de lazer desenvolvidas é o tipo de clima e as variações sazonais. O clima de Portugal pode ser considerado marítimo e temperado, no entanto, é frio e chuvoso durante o Outono e o Inverno, especialmente na zona norte do país. Adicionalmente, muitas escolas públicas continuam sem instalações desportivas cobertas, acabando as aulas de educação física por ser canceladas devido ao clima adverso. Também o facto de não haver aulas durante o Verão pode ter efeitos na periodicidade da actividade física associada ao lazer que se verifica em Portugal (Santos, Matos, e Mota, 2005).

Perante os estudos anteriormente referidos, entende-se que a realidade nacional difere pouco de um panorama internacional em que os níveis de

actividade física na adolescência estão a decrescer podendo trazer consigo consequências graves para saúde da população.

2.1.2 - As consequências para a saúde

Como foi referido anteriormente, o aumento dos níveis de inactividade física tem efeitos negativos na qualidade de vida, origina maiores taxas de mortalidade e morbilidade cardiovascular e aumenta o risco de obesidade (Gouveia, Pereira-da-Silva, Daniel Virella, e Amaral, 2007). A obesidade é uma das consequências mais frequentes resultante do aumento de estilos de vida sedentários. De facto, verifica-se que o declínio dos níveis de inactividade física demonstrado nos estudos referidos anteriormente é acompanhado por um aumento na prevalência para o sobrepeso.

Estes dados são confirmados por Costa, Junior, e Matsuo (2007), ao relatarem pesquisas desenvolvidas com adolescentes de diversos países, nas quais a prevalência para o sobrepeso encontrada nos Estados Unidos foi de 11,0 a 24,0% (6-17 anos) e na China de 4,0% (10-18 anos) para ambos os sexos. No Canadá encontraram-se os índices de 35,0% e 33,0% (9-12 anos), no Chile 18,0% e 22,0%, na Irlanda 6,0% e 8,0% (15-18 anos), para elementos do sexo masculino e feminino respectivamente. Marcelo et al. (2002) encontraram esta mesma tendência em países em desenvolvimento, especialmente na América Latina. Os mesmos autores assinalam, ainda, que a prevalência de obesidade também está a aumentar na infância e na adolescência, e tende a persistir na vida adulta. Numa faixa etária onde são formados os hábitos alimentares e de actividade física e sabendo que cerca de 50% de crianças obesas aos seis meses de idade, e 80% das crianças obesas aos cinco anos de idade, permanecerão obesas, é difícil não entender estes números como preocupantes e reveladores de uma necessidade de intervenção a este nível.

Em Portugal o aumento do sedentarismo também é acompanhado por um aumento no Índice de Massa Corporal (IMC⁴), conforme se verifica no estudo de Lacerda et al. (2004) que mostrou um aumento do peso, altura e IMC de 1994-95 para 1998-99. Verificou-se neste estudo que a percentagem de indivíduos com IMC superior ou igual a 25 era de 15% em 1994-95 e de 22%, em 1998-99 e a percentagem com IMC superior a 30 era, respectivamente, de 1,4% e de 2,3%. Também Padez et al. (2004) observaram este fenómeno nas crianças portuguesas. Segundo os autores, 31,5% das crianças portuguesas, entre os 7 e os 9 anos, têm excesso de peso e/ou obesidade, sendo as razões consequência de modificações nos hábitos alimentares, com progressivo afastamento das características da alimentação mediterrânica. Associado a este excesso, tem-se verificado uma diminuição da actividade física que, por ser um fenómeno com elevada prevalência e passível de ser modificado, tem adquirido uma importância crescente nas sociedades desenvolvidas.

2.1.3 - Sugestões no sentido da promoção da actividade física.

As preocupações com a promoção da saúde cada vez mais se configuram em prioridades nos países desenvolvidos e em desenvolvimento (Marques e Gaya, 1999). A insuficiente prática de actividade física reafirma a necessidade de promover estilos de vida activos, adaptáveis à vida quotidiana, que englobem actividades como caminhar ou andar de bicicleta ajudando a contornar aquelas que são as razões dadas para a ausência de prática física desportiva, como a falta de tempo e de infra-estruturas desportivas (Palacín e Jacoby, 2003). Assim, segundo Marcelo et al.(2002), a preocupação sobre prevenção, diagnóstico e tratamento da obesidade tem-se voltado para a infância, por um lado, e, segundo Emery, Crump, e Hawkins (2007), para as populações acima dos 50 anos de idade, por outro.

Paralelamente aos estudos deste tipo, que direccionam a promoção da actividade física através de práticas físicas moderadas como caminhar ou

⁴ IMC= Peso(Kg)/Altura²(m)

andar de bicicleta, existem estudos por exemplo, Frank, Andresen, e Schmid, (2004) que relacionam a probabilidade de ser mais activo e menos obeso com os factores ambientais, nomeadamente com a estrutura do tecido urbano onde se habita, factores que serão alvo de maior aprofundamento posteriormente.

Giles-Corti e Donovan (2003) afirmam que actividades como as caminhadas são populares entre os membros da população com mais de 50 anos de idade. Como tal, é importante a promoção deste tipo de actividades de forma a potenciar os níveis de actividade física, assim como prevenir que adultos que deixem de praticar desportos colectivos se tornem inactivos. Os resultados deste estudo sugerem que se quisermos realmente aumentar os níveis de actividade física destas populações, devem ser criadas estratégias que, para além de influenciarem os indivíduos, criem ambientes sociais e físicos mais propícios. Tais estratégias requerem uma intervenção a vários níveis, envolvendo os sectores da saúde, dos transportes, do planeamento e dos agentes governamentais locais. Frank, Andresen, e Schmid, (2004) sugerem que aumentos nos níveis de actividade física, especialmente para as populações que são inactivas ou sedentárias, podem ter importantes benefícios para a saúde. Estimativas prevêem que as doenças associadas podem ser reduzidas em cerca de um terço se as populações consideradas inactivas aumentarem os seus níveis de actividade física. Estes autores encontraram correlações negativas significativas entre o IMC e a estrutura urbana, sugerindo que a densidade das redes residenciais, e o uso do espaço urbano de formas variadas contribuem para um aumento dos níveis de actividade física, por oposição a áreas unicamente residenciais ou unicamente comerciais.

Estas constatações são confirmadas por Aytura, Rodriguez, Evensona, Catellierc, e Rosamond (2008), os quais sugerem que determinados tipos de padrões de desenvolvimento do espaço, assim como as infra-estruturas relacionadas com os transportes públicos podem tanto promover como inibir a actividade física. Os resultados deste estudo demonstram que os centros urbanos estarão, em princípio, mais preparados para a promoção da actividade física, uma vez que possuem uma utilização dos espaços mais variada, permitindo encontrar várias estruturas num espaço suficientemente reduzido para percorrer, por exemplo, a pé. Apesar disso, Lopez e Hynes (2006), por

exemplo, apontam a pobre conectividade entre vias ou a falta de passeios como factores que estão associados ao decréscimo dos níveis de actividade física e aumento do risco de sobrepeso. Estes factores fazem parte daquilo a que Handy, Boarnet, Ewing, e Killingsworth (2002) definiram como as dimensões do espaço construído e sobre as quais podem ser tomadas medidas no sentido de melhorar e torná-los locais promotores de actividade física. As dimensões apontadas pelos autores vão desde a intensidade e densidade de actividades que decorrem numa determinada área, passando pela proximidade de diferentes áreas da cidade, da conectividade entre ruas e qualidades estéticas. De acordo com Lopez e Hynes (2006), estas dimensões necessitam de mais intervenção nas áreas suburbanas do que nos centros urbanos, onde a dependência de automóveis é menor e onde se pode, por exemplo, deslocar mais facilmente a pé entre os vários locais. Ainda assim, projectos de intervenção como o de Emery, Crump, e Hawkins (2007) propõem estratégias de consciencialização para as barreiras ambientais que dificultam a deslocação a pé ou de bicicleta, de pesquisa acerca das potencialidades dos locais para estas práticas e a facilitação de acções comunitárias neste sentido, de forma a demonstrar aos governantes a necessidade de melhorar o ambiente das cidades. Com efeito, Frumkin (2003) aponta como factores promotores de actividade física a proximidade, a acessibilidade, o cenário atractivo ou a existência de água potável. O autor afirma que os melhores locais não são a casa ou o trabalho, mas outros, de domínio público, os passeios, teatros e cafés ou instalações desportivas. Tais locais são importantes meios de interacção social e actividade física, tendo naturalmente fortes implicações na saúde das populações.

Este tipo de projectos visa melhorar as estruturas urbanas para permitir uma melhor fluidez de deslocamento, aumentando assim os níveis de actividade física das suas populações. No entanto, parecem centrar-se essencialmente na população adulta e da terceira idade, uma vez que se debruçam na promoção de estilos de vida saudáveis que se insiram no quotidiano da população, assim como a alteração das estruturas urbanas como forma de potenciar o deslocamento a pé durante nas actividades diárias. Conforme é possível verificar em vários estudos (como por exemplo,

Sallis, 2000; Matos, Carvalhosa e Diniz, 2002; Fernandes e Mendes, 2003), a adolescência é um período em que se assiste a um declínio drástico nos níveis de actividade física, apresentando hoje níveis de sedentarismo e obesidade preocupantes que revelam que as estratégias utilizadas de promoção da actividade física referidas anteriormente poderão necessitar de ser revistas no que diz respeito à adolescência.

Gouveia et al. (2007) identificaram os factores que podem fazer com que o desinteresse relativamente à actividade física ocorra. Neste estudo concluiu-se que a actividade física depende, entre outros factores, da personalidade dos indivíduos, de aspirações pessoais, de incentivos de natureza económica e social, variando com a idade, com o género e com fenómenos étnicos, culturais e sociais. Face a estas constatações os autores colocaram a seguinte questão: que actividades propor à criança e ao jovem de forma a garantir que os níveis de motivação e gosto pela actividade física aumentem as possibilidades de prática regular?

Os próprios autores admitem que as respostas encontradas não são claras e se, por um lado, deverá preferir-se actividades que mais se aproximam do exercício do adulto, por outro, estas actividades acabam por não apelar aos jovens. Matos, Carvalhosa e Diniz (2002) sugerem que se a actividade física fizer parte dos hábitos do grupo onde o jovem se insere, este, tal como o grupo tenderá a ser mais activo, salientando a importância do potencial da actividade física no processo de socialização na adolescência. Os autores constataram ainda que o tempo dispendido em grupo no espaço exterior tem uma importância fundamental no aumento dos níveis de actividade física. Este estudo acaba por reforçar a ideia de que os contextos sociais dos jovens são de importância extrema na promoção de estilos de vida saudáveis. Desta forma, a família, o envolvimento escolar, o estabelecimento de laços com os pares, um bom nível económico, uma fácil circulação entre os vários cenários da vida do jovem, aparecem aqui com um efeito facilitador da aquisição e manutenção de um estilo de vida activo na adolescência.

A importância do envolvimento social foi igualmente salientada por Mota, Santos e Ribeiro (2008), segundo os quais, independentemente do género, é possível que os adolescentes mais envolvidos em actividades sociais

sejam também mais estimulados no sentido de participar em actividades físicas através da interacção com os pares. Estes dados reforçam a ideia de que as relações sociais têm uma grande importância nos tempos livres dos adolescentes e que as actividades físicas podem desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento dessas relações. Importante será também entender que os desportos competitivos perdem importância nesta faixa etária, ao contrário das actividades individuais (Bradley et al., 2000). Deste modo, conforme verificam Santos, Esculcas e Mota (2004), deverá verificar-se uma mudança no sentido da personalização e diversificação das actividades nos tempos de lazer enfatizando a liberdade de escolha. Um aspecto que deverá ser tido em conta é a natureza das actividades a utilizar como forma de promoção de estilos de vida saudáveis entre a população adolescente. O estudo de Mota, Santos e Ribeiro (2008) salienta também a importância da actividade física organizada e não organizada durante os tempos livres como factores determinantes para os níveis de actividade física, referindo que estes são factores a ter em conta no desenvolvimento de estratégias de promoção da actividade física.

É, deste modo, possível verificar que existe uma complexa rede de factores a ter em conta no que se refere à promoção de estilos de vida saudáveis entre a população adolescentes. Algo que parece ser transversal à maioria dos estudos consultados é a necessidade de compreender que a adolescência é um período que se pauta por uma intensa actividade social, e é através da compreensão deste processos de socialização, que podemos entender que tipo de actividades são valorizadas pelos jovens.

2.2 - Culturas Juvenis: estruturas de lazer e sociabilidade

De forma a entender de facto quais são as motivações dos jovens, que tipo de actividades são mais valorizadas e quais os factores que influenciam a maneira como passam os seus tempos livres, é necessário analisar agora o que significa ao certo ser jovem, qual o valor que adquirem as relações sociais e o tempo de lazer, e como se molda este período no que diz respeito à sua homogeneidade/heterogeneidade.

Sendo os anos da adolescência muito importantes e frequentemente períodos de desenvolvimento emocional e físico difíceis, é também nestas idades que se estabelece a identidade através de opiniões, valores, estilos visuais e musicais e actividades de lazer. Estes factores têm uma relação directa com as suas escolhas quanto a grupos sociais em que se inserem e que tipo de actividades que desenvolvem nos seus tempos livres (Woolley e Johns, 2001). Como aponta Pais (1993), apesar de as actividades de grupos realizadas pelos jovens serem vistas, frequentemente, como sendo passivas, esta visão não corresponde à realidade. Os tempos livres têm uma importância fundamental para os jovens, visto que estes períodos são utilizados para desenvolver o envolvimento social de uma forma autêntica, através da adesão a vários tipos de actividades e da construção de simbologias que acabam por reforçar a coesão do grupo. “É neste não fazer nada que se desenvolvem as solidariedades e identidades grupais; é nestas ritualidades que se geram as múltiplas construções (e distorções) juvenis da realidade” (Pais, 1999, pg.108).

Os tempos de lazer encontram-se, desta maneira, associados às práticas de sociabilidade, desenvolvidas no quadro de determinadas redes grupais. São estas identidades que, definindo-se por contraposição, umas em relação às outras, fazem ressaltar a importância do grupo de amigos enquanto reflexo da própria identidade tornando-se um veículo de vinculação de semelhanças e diferenças, que aproximam uns e afastam outros. Pais (1999) conclui, assim, que os tempos livres são verdadeiramente uma das dimensões mais importantes da vida quotidiana dos jovens. Estes períodos surgem como pilares para a definição e compreensão deste período, quer surja como forma de ajustamento ao meio social envolvente, quer como meio de integração

geral. Esta noção de tempos livres não deixa, então, de estar marcada por pelos aspectos residuais que lhe são intrínsecos, o que lhe confere simultaneamente um certo nível de autonomia onde se assumem os valores que definem o grupo e o distinguem dos demais, onde no fundo, surgem e se demarcam as culturas juvenis.

2.2.1 - Em torno do conceito⁵

Pelo que foi possível verificar, através das relações de sociabilidade estabelecidas durante os tempos de lazer, os jovens organizam-se de acordo com grupos que reflectem a sua própria forma de viver o ambiente que os rodeia. Desta forma, é necessário ter presente a diversidade que caracteriza a juventude. Quando, ao falarmos de juventude nos referimos à mesma enquanto realidade nominal dá-se uma tendência de reduzir ou anular as diferenças que existem, entre os jovens (Pais, 2007). Não obstante, as diferenças são reais e não podem, nem devem ser menosprezadas. Mais do que isso, essas diferenças devem ser compreendidas, sendo necessário entender o que de facto representam e de que forma os podemos entender. Desde que esta necessidade se tornou um facto, foram surgindo várias formas de referência aos diferentes grupos juvenis, sem que nenhuma tenha perdido realmente a sua pertinência. Importa, portanto, face ao contexto do trabalho que aqui se desenvolve, perceber que conceito melhor se adapta.

O primeiro conjunto de trabalhos coerente no âmbito das subculturas foi desenvolvido pela Escola de Chicago entre 1920 e 1940, mas terá sido em Inglaterra, nos anos 60 e 70, que uma abordagem explicitamente subcultural se desenvolveu no estudo das classes juvenis trabalhadoras no Centro Contemporâneo de Estudos Culturais (*Center for Contemporary Cultural Studies* – CCCS). Para este grupo de trabalho, a participação numa subcultura já não era compreendida como desviante, mas como uma forma de resistência

⁵ Este assunto está desenvolvido de forma mais aprofundada em trabalhos nossos anteriores. Consulte-se Carvalho (2007) e Carvalho e Pereira (2008) – Percursos Alternativos – o *Parkour* enquanto fenómeno (sub)cultural

que reflectia lutas de classes mais vastas. O objectivo do CCCS era o de explicar a emergência das subculturas juvenis no pós II Guerra Mundial na Grã-Bretanha (Williams 2007). Desde então, os debates em torno do significado de subcultura têm sido abundantes, mas tem sido, sobretudo, durante a última década, que a ideia de subcultura como conceito teórico e ferramenta analítica tem sido alvo de discussão. Este debate tem prevalecido no âmbito dos estudos da juventude, música e estilo, rejeitando-se a ideia de subcultura (Muggleton, 2005) e favorecendo-se, por exemplo, a ideia de comunidades transitórias, caracterizadas por fronteiras fluidas e pertenças flutuantes (Bennett, 1999). As noções de 'tribo' ou 'neotribo' têm sido apresentadas como solução para a questão, precisamente por traduzirem, no entender de vários autores, de forma mais adequada as práticas de consumo e sociabilidades juvenis (Simões, 2001). Na perspectiva de Maffesoli (2004), por exemplo, o conceito de tribo não apresenta a rigidez das formas de associação com as quais estamos familiarizados; refere-se mais a um certo ambiente, um estado de espírito, expressando-se preferencialmente através de estilos de vida que favorecem a aparência e a 'forma'. Esta via tende a 'esvaziar' ideologicamente as práticas juvenis, mas, como adverte Simões (2001), tanto existem subculturas juvenis claramente politizadas, como subculturas cuja dimensão ideológica é mais ténue ou praticamente imperceptível. De qualquer modo, existe sempre alguma elaboração ideológica, mesmo que ao nível das representações sociais, traduzindo uma determinada justificação das práticas. Ainda neste sentido, Pais (1999) e Feixa (1999) apresentam o conceito de culturas juvenis que acaba por se encontrar entre as noções mais abrangentes de tribo e a noção mais restrita de subcultura. Feixa (1999) apresenta dois sentidos para a sua definição de culturas juvenis, um mais amplo que se refere à maneira como as experiências sociais dos jovens são expressas de forma colectiva através de estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente no tempo livre. E um mais restrito, de acordo com o qual, as culturas juvenis definem a aparição de microssociedades juvenis com graus significativos de autonomia em relação às instituições adultas. O autor refere ainda que o conceito de subcultura, apesar de tecnicamente mais correcto não foi escolhido, de forma a escapar às associações que frequentemente são feitas

na descrição de comportamentos desviantes. Assim, fala-se de culturas juvenis no plural e não de cultura juvenil. No mesmo sentido, Pais (1999) refere que se deveria utilizar este conceito para que se explore também o seu sentido antropológico, que se centra em modos de vida específicos e práticas quotidianas que expressem certos significados e valores, não apenas ao nível das instituições mas também o nível da própria vida quotidiana. O autor apela a um estudo dos jovens a partir dos seus contextos vivenciais e quotidianos, visto que é neste domínio que se constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam como formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção, de acção. Deste modo, segundo Feixa (1999), o termo culturas juvenis implica uma mudança na forma de observar que transfere a atenção da marginalidade à identidade, das aparências às estratégias, do espectacular à vida quotidiana, da delinquência ao lazer, das imagens aos actores.

Entendemos, pois, e seguindo a linha de Simões (2001), que a escolha conceptual entre (sub)culturas ou (neo)tribos ou culturas juvenis não é o mais relevante, mas antes a sua adequação entre a definição conceptual e a realidade que se pretende abarcar. Como se pôde verificar no trabalho de Carvalho e Pereira (2007), o conceito de subcultura adequa-se, por exemplo, ao estudo de um desporto enquanto subcultura, no qual se procuram dimensões mais restritas de um determinado grupo, tais como formas de resistência social, utilizações simbólicas específicas ou formas de construção de identidade dentro de um grupo particular. Tendo em conta a realidade em que este trabalho se pretende focar, pensamos que o conceito de culturas juvenis se torna uma ferramenta mais eficaz visto que permite discursos específicos que se aproximam mais do âmbito das subculturas, mas é também suficientemente abrangente para que se possa ter em conta a juventude enquanto caldeirão de várias culturas e entender que, apesar das diferenças existem aspectos como a valorização do lazer e das relações de sociabilidade que se apresentam constantes.

2.2.2 - Sistemas de representação

Segundo Pais (2007), a descoberta dos significados dos símbolos passa pela compreensão dos significados que esses símbolos têm para os jovens, mas vai mais longe do que isso, passa também pela compreensão do uso que eles fazem desses símbolos. No sentido de tornar claro quais as dimensões que os jovens valorizam de forma a poder entender de que maneira podem ser integrados estilos de vida saudáveis no quotidiano da população jovem, é necessário analisar como as tão valiosas relações de sociabilidade se estabelecem e quais os meios que utilizam para comunicar as suas semelhanças e diferenças. Só assim se poderá entender como as actividades desportivas podem incorporar discursos representativos, tornar-se elas próprias símbolos de várias culturas juvenis, ou assumir-se como (sub)cultura juvenil.

É importante analisar a importância que o poder representativo dos símbolos tem no seio de uma subcultura, pois o modo como os membros utilizam o vestuário, a linguagem, e outras formas simbólicas, faz com que sejam facilmente identificados como pertencentes a um determinado grupo. Volosinov (1973) afirma que o domínio da ideologia coincide com o dos sinais: sempre que um sinal está presente, a ideologia também está; tudo o que é ideológico possui um valor semiótico. De facto, o estilo na subcultura está impregnado de significado. As suas transformações vão contra o que é natural, interrompendo o processo de normalização, e os gestos e movimentos, direccionados para um discurso que ofende a maioria silenciosa, desafiando os princípios de unidade e coesão. A utilização de um conjunto estabelecido de vestuário, danças, música, etc., serve, então, para demonstrar a diferença e comunicá-la à sociedade. A diferença destes conjuntos simbólicos reside no facto de, contrariamente aos convencionais, se centrarem no indivíduo que as usa atraindo para si a atenção. Juntos, objecto e significado, constituem o símbolo e, em qualquer subcultura, estes símbolos são construídos repetidamente, até se tornarem formas características do seu discurso (Haupt, 1996).

O vestuário, como forma exterior mais imediata de representação de uma subcultura, é assinalado num trabalho com *skaters*, no qual se descreve

como a moda e a identidade social se inter-relacionam nesta subcultura (Humphreys, 1997). Os membros são descritos como usando roupa muito relaxada e informal, sob a forma de calças largas, *t-shirts* e *sweat-shirts* com carapuço. Talvez mais importante que o vestuário, serão os símbolos representados no mesmo. Entre os mais frequentes encontram-se as bandas ou cantores favoritos, denunciando a importância da música, ou o logótipo da marca favorita (normalmente marcas especializadas ou criadas pelos próprios *skaters*), demonstrando, por um lado, um conhecimento especializado sobre o desporto e, por outro, a rendição aos valores consumistas da sociedade geral. O vestuário traduz, assim, a união entre indivíduos do mesmo grupo, significando, simultaneamente, a exclusão em relação a todos os outros grupos. Também nesta subcultura, o equipamento é parte da indumentária e representa um símbolo pelo qual os *skaters* podem ser reconhecidos. De acordo com Steyn (2004), a tábua do *skate* é um elemento simbolicamente importante por se tornar numa micro-representação do *skater*. Ao renunciar ao desenho original e apostar na personalização, o *skater* transmite informações importantes que permitem, por um lado, o afastamento de determinados grupos e, por outro, a aproximação de grupos com afinidades relativas ao que representam os autocolantes.

Estes elementos simbólicos partilham o mesmo espaço representativo, necessitando de ser coerentes dentro do espaço onde se inserem. Neste sentido, a análise dos símbolos deverá ser sempre realizada de forma contextualizada, pois, tal como adverte Pais (2007) o significado dos símbolos não é directamente acessível à observação directa. Estes escondem frequentemente os significados que lhes dão razão de ser. A perspectiva do quotidiano pode desocultar significados escondidos sob máscaras estilizadas. Isto, apesar de o próprio quotidiano poder usar a máscara da rotina para ocultar a sua capacidade de resistência e transformação. Como exemplo, o autor aponta algumas expressões da cultura *punk*, questionando-se acerca do uso da suástica na cultura *punk*. Esta representa uma negação, a negação de que o seu uso se liga ao discurso que ela representa, sendo a ostentação deste símbolo a negação da ideologia que lhe aparece associada. Mas a compreensão desse uso é impossível ao mero nível locutório. Este exemplo é

dado para fazer sobressair a ideia de que é impossível compreender as culturas juvenis sem entender o significado que, correntemente, os jovens dão às suas acções, às suas actividades quotidianas, sendo todo o significado cultural criado através da utilização de símbolos. Estes, segundo Feixa (1999), manifestam-se numa série de produções culturais: revistas, fanzines, graffitis, pintura, tatuagens, vídeos, rádio, etc. Estes têm uma função interna de reafirmar fronteiras do grupo e uma função externa de promover o diálogo entre outras instâncias sociais juvenis.

Para descrever a coordenação simbólica entre valores e estilos de vida de um grupo, a sua experiência subjectiva e a forma musical que usa para expressar e reforçar os seus interesses centrais, Paul Willis (1978) introduziu a noção de Homologia. Segundo o autor, a estrutura interna de uma subcultura é caracterizada por uma extrema ordenação e organização: cada parte está organicamente relacionada com as outras e é através desta relação que o membro da subcultura dá sentido ao mundo. Assim, os símbolos, através da homologia, representam os mesmos pressupostos. Cada símbolo, quer seja vestuário, linguagem, arte gráfica, música, etc., encerra em si a mesma ideologia, a mesma estética que caracterizam uma determinada subcultura.

Como já foi possível verificar neste capítulo, as actividades desportivas surgem, nas culturas juvenis, não só como acções isoladas, mas como algo integrado no seio das culturas juvenis. Seguidamente analisaremos de forma mais aprofundada qual a importância que assumem de caso para caso, qual o seu valor simbólico, de que forma contribuem para a Homologia de cada cultura juvenil e qual a sua importância enquanto meio de comunicação com o espaço envolvente.

2.3 - O meio urbano: produções e apropriações do espaço

2.3.1 - O espaço como produção social.

Para melhor entendermos a cidade enquanto espaço de vivência devemos entender o que é o espaço enquanto meio social. Assim, tal como vários autores⁶, partimos da perspectiva de Henri Lefebvre, particularmente da forma como o autor descreve os modos de relação com o espaço em *La production de l'espace* (1981).

Para Lefebvre (1981), o espaço é o produto social do corpo humano, isto é, em vez de definir o corpo através do espaço, Lefebvre explorou a forma como os corpos podem criar e produzir espaço. Focando-se assim no espaço social, argumentou que o espaço não é neutro e inerte, mas antes uma produção contínua de relações espaciais. A sua atenção na produção de espaços é um carácter estruturante do seu discurso, sendo o espaço social visto como algo que engloba as produções e as relações desenvolvidas na sua coexistência e simultaneidade.

Estando particularmente interessado na espacialidade fundamental de todos os processos sociais, e vendo o espaço como o lugar onde a acção social se desenrola, o autor chamou à atenção para o facto de, na altura, as atenções estarem muito distantes, da forma como os espaços são produzidos e mantidos através de conflitos inerentemente políticos e ideológicos. Como aspecto estruturante do seu trabalho, e assumindo também a importância desta perspectiva para o presente trabalho, emerge a sua tríade conceptual de compreensão da produção do espaço. Em *La production de l'espace*, Lefebvre (1981) identifica 3 momentos na produção do espaço social. Cada um destes momentos ou diferentes tipos de espaço social constituem a tríade conceptual que forma a base da compreensão do espaço: práticas espaciais; representações espaciais; espaços de representação (Espaço de Prática, Representações de Espaço e Espaço de Representação). Assim, para

⁶ Verlag (1993); Soja (1996); Ingen (2003); Guerra (2003).

compreender a perspectiva do autor em relação ao espaço é necessário perceber o espaço como produtor e produto de relações sociais.

Torna-se, portanto, fundamental uma análise àqueles que foram designados os elementos base da produção do espaço social. Deste modo, os Espaços de Prática referem-se à produção e reprodução de relações espaciais entre objectos e produtos. É um conceito que assegura a continuidade e coesão. Em termos de espaço social, e de relacionamento com o espaço que um indivíduo de uma determinada sociedade pode desenvolver, esta coesão acaba por requerer um certo nível de competência e um nível específico de performance. Nestes incluem-se actividades quotidianas, que envolvem a utilização de um tipo de economia estabelecida, característica de cada local, demonstrando também as formas como se dá a interacção entre o corpo e o espaço. O movimento e a actividade física são formas representativas do Espaço de Prática. Correr pela rua, andar de *skate*, jogar futebol, são elementos do espaço de prática que produzem espaços sociais. Referindo-se à produção e uso do espaço físico, o espaço de prática é também o espaço que pode ser empiricamente mapeado, como tal, é este que recebe mais atenção por parte de pessoas como geógrafos ou urbanistas. É um tipo de espaço que é confinado, incluindo por exemplo, um determinado local, tal como um espaço desportivo.

As Representações de Espaço dizem respeito às relações de produção e à ordem que tais relações impõem, e, por conseguinte, ao conhecimento, sinais, códigos, e relações frontais. Referem-se também ao espaço conceptual, ao espaço de cientistas, planeadores ou urbanistas, assim como com alguns tipos de artistas com uma faceta científica, sendo que todos podem identificar o que é vivido e o que é percebido. Sendo elementos fundamentais os referidos sinais e códigos, estes são condensados em representações passíveis de comunicação, regulando e controlando, por exemplo, o desporto e a sua prática. As representações do desporto e a sua importância social formam este segundo momento de produção de espaço. Estes podem, ainda, incluir em si representações que vão desde a resistência social ao nacionalismo, passando por representações de masculinidade ou orientação sexual.

Os Espaços de Representação referem-se a espaços vividos directamente através da associação de imagens e símbolos; é, portanto, o espaço dos habitantes e utilizadores. Estes representam experiências vividas que emergem como resultado da relação dialéctica entre prática espacial e as representações dos espaços. São os espaços onde se vive mais directamente. É o espaço vivido, que pode ser entendido como algo concreto, passível de ser mapeado, analisado e explicado, por um lado, ou como produção intangível, por outro. Este espaço vivido, combina assim, os espaços anteriores dando lugar a espaços geográficos e historicamente delimitados, sendo resultado de práticas espaciais socialmente específicas. Este é o espaço das lutas sociais e de discursos de resistência social, sendo importante entender que este é um espaço tanto opressivo como libertador. É espaço de práticas discriminatórias como o racismo, sexismo e homofobia, sendo também onde surge a marginalização. Contudo, produz também espaços de práticas oppositoras e de resistência. Estes espaços surgem de forma individual ou colectiva e são dinâmicos permitindo a criação de geografias alternativas.

Estas 3 formas ou momentos do espaço social são entendidas como inseparáveis e cada uma envolve e pressupõe a existência das outras. Exemplo claro desta interdependência é a forma como Guerra (2003; 79) expõe a vivência do espaço urbano enquanto palco das simultaneidades de cada momento de produção do espaço social:

“O espaço é «concebido» por aqueles que ditam os cânones e a forma da cidade, é equivalente às «representações» do espaço por parte dos cientistas, dos planificadores e dos urbanistas. Mas é simultaneamente também «espaço vivido» por quem nele se move de forma quotidiana, a partir das percepções que tem dele, das imagens e símbolos que o acompanham, sendo por excelência o espaço dos habitantes, transformando-se em «espaço percebido», porque corresponde às «práticas espaciais» que permitem a continuidade e uma relativa reprodução dentro das formações sociais concretas.

É deste modo que podemos afirmar, em concordância com Verlag (1993), que, apesar de parecer redundante, o espaço é social. Algo como um espaço objectivo externo ao ser humano não existe, e com mais ou menos

impacto, quase todo o espaço, nas nossas sociedades, é um produto da acção humana, de ideologias, de relações sociais, ou de experiências humanas colectivas. Tendo em conta a configuração social dos intervenientes, tentar observar a dimensão espacial para além do social é, segundo Guerra (2003; 80) “um exercício de mera abstracção”. Sempre que se observam relações sociais é necessário ter presente que se inserem num espaço onde surgem associados, um espaço, uma configuração social e uma estrutura cultural, sendo, como sugere Lopes (2000), através destes factores, em conjunto com mecanismos de apropriação do espaço, que se geram estilos e usos combinando-se em formas particulares de vivência.

2.3.2 - Espaços de contestação/reprodução.

Direccionando a perspectiva anteriormente desenvolvida para o desporto, Verlag (1993) aponta uma forma de estudar estes fenómenos através da análise dos usos que se dá ao espaço. Para tal, é necessário ter sempre presente o modo como o comportamento social, as ideologias, os conflitos, se reflectem nele. Como veremos, o desporto pode ser simultaneamente um campo de confronto ou de reprodução, e sob este ponto de vista o espectro de áreas que podem ser analisadas é muito amplo.

Esta perspectiva que engloba a produção de espaços de contestação e reprodução de forma simultânea é também desenvolvida por Lefebvre (1981). Segundo o mesmo autor, o espaço social é produzido e reproduzido em relação com as forças de produção. Estas forças não se apoderam de um espaço neutro pré existente ou determinado apenas pelo clima ou geografia. Para o autor, existe um desenvolvimento paralelo entre a hegemonia do capitalismo no mundo ocidental e a produção de espaço abstracto. Tal como o espaço abstracto, o capitalismo criou uma homogeneização, hierarquização e fragmentação social. Contudo, a reprodução das relações sociais no espaço abstracto obedece, inevitavelmente, a duas tendências. Por um lado, o desaparecimento de relações mais antigas, e por outro, a geração de novas relações sociais. Assim, com os seus aspectos negativos este espaço

abstracto traz consigo as sementes para um novo tipo de espaço, o espaço diferencial. Como o espaço abstracto tende a acentuar a homogeneização, um novo tipo de espaço teria necessariamente que ser produzido acentuando as diferenças. Este novo tipo de espaço tem como propósito resistir às forças de homogeneização criadas pelo espaço abstracto.

É partindo deste pressuposto que Ingen (2003) adverte para a necessidade de maior discussão relativamente às relações sociais que se desenvolvem, para além da atenção dada ao espaço por si só. A autora chama a atenção para a forma através da qual corpo e espaço estão intrincadamente relacionados através de redes de relações sociais e espaciais que estão em constante mudança. Assim, o estudo deste tema deve ir para além das acções descritivas dos cenários desportivos, abandonar as generalizações conceptuais e espaciais e avançar para a análise da heterogeneidade que caracteriza o espaço desportivo enquanto espaço social. Para tal, seguindo as linhas orientadoras de Lefebvre, a autora afirma que uma perspectiva do espaço como produção seria uma ferramenta mais eficaz na clarificação da relação entre a identidade e os espaços através dos quais esta é criada e se expressa.

2.3.3 - A Cidade/Espaço Social.

Antes de continuar, é de relembrar que dos capítulos anteriores surgem conclusões relativas à necessidade de promoção de estilos de vida activos, especialmente em crianças e jovens, que aparecem cada vez mais como uma importante faixa nos gráficos de obesidade. No entanto, continua a apelar-se à actividade física desconhecendo-se quem são os jovens, quais as suas motivações e que tipo de actividades privilegiam.

Será que basta promover a realização de *push-ups* e maior tempo de caminhada, por exemplo? Alternativamente, é necessário promover estilos de vida saudáveis que estejam de acordo com os seus próprios estilos de vida dos jovens, em vez de promover a actividade física como um meio quase mecanizado de manutenção de saúde.

Os dados recolhidos em vários trabalhos⁷ denunciam a necessidade de uma promoção eficaz de estilos de vida activos entre os elementos destas faixas etárias. Sendo os anos da adolescência muito importantes e frequentemente períodos de desenvolvimento emocional e físico difíceis, é também nestas idades que se estabelece a identidade através de opiniões, valores, estilos visuais e musicais e actividades de lazer. Estes factores têm uma relação directa com as suas escolhas quanto a grupos sociais em que se inserem e que tipo de actividades que desenvolvem nos seus tempos livres (Woolley e Johns, 2001). Consequentemente, muitos jovens começam a integrar-se, nestas faixas etárias, nas já referidas subculturas urbanas, subculturas estas, que tal como a designação indica, estão essencialmente presentes nos espaços urbanos, onde se desenvolvem e interagem.

A descoberta do espaço urbano constitui, assim, um processo que, segundo Lopes (2000), é capaz de desafiar a ordem hegemónica, através da criação de ocasiões de contestação e afirmação, superando os seus limites e constrangimentos. A cada nova forma que surge, a identidade colectiva da cidade vai-se diluindo até que cada grupo, cada subcultura, viva o meio de forma particular, representando-o e experimentando-o de maneira distinta. Este é o habitat das várias subculturas, encontrando-se algures neste conjunto, os desportos alternativos urbanos e a sua peculiar forma de afirmação no meio urbano, isto é, nas cidades. Deste modo, após verificarmos que o espaço não é algo que existe por si só, percebemos que é antes uma construção, uma produção social humana. Da mesma maneira devemos questionar-nos acerca do que é de facto a cidade, enquanto conceito que vai além de elementos geográficos descritivos.

Como afirma Fortuna (1999), uma sociedade, com todas as suas características próprias é reflectida no conceito de cidade, sendo que esta mesma sociedade nos desafia a desaprender a história e a geografia, para que, através de um novo processo de aprendizagem, a cidade nos surja de um modo diferente. Podemos, assim, considerar a cidade um local onde, de acordo com Guerra (2003), se dão constantes apropriações diferenciadas por parte

⁷ Como por exemplo, Costa, Junior, e Matsuo, (2007); Lopez e Hynes (2006).

dos diversos agentes sociais que fazem dela palco das suas interacções. A cidade pode, neste sentido, ser encarada enquanto conceito ambíguo, sendo simultaneamente um conceito descritivo, visto que indicia a uma realidade concreta envolta na sua materialidade, e um conceito interpretativo, remetendo para funções diferentes das funções de outra realidade.

Seguindo o exposto pela autora, verificamos que sob o ponto de vista descritivo a cidade reproduz o domínio do construído sobre o não construído. Assente numa diversidade de oposições, este reflecte aspectos como a cidade *versus* não cidade; centro *versus* bairros; espaço privados *versus* espaços públicos. Por outro lado, de acordo com o conceito em que se centra este trabalho, o interpretativo, a cidade é vista como espaço de existência de uma relação estreita entre a apropriação do espaço e o aparecimento de uma dinâmica colectiva. Apesar de permanecerem distintos, os vários grupos sociais, vivem em constante coexistência explorando relações de troca e partilha tendo como base a convivência num mesmo território, sendo a cidade o local onde, privilegiadamente tal acontece. Este facto acaba por facilitar o aparecimento de interacções de forma programada, multiplicando as hipóteses de ocorrência de encontros casuais, o que favorece o estabelecimento de estimulações recíprocas. Esta é uma característica importante visto que, segundo Camy, Adamkiewics e Chantelat (1993), a cidade é marcada por uma tendência na direcção da despersonalização das relações humanas, mas inversamente incentiva a excentricidade. Definindo-se pela ambiguidade de um duplo excesso, o do anonimato e o da singularidade, um duplo movimento que separa tanto quanto une. A cidade torna-se assim o lugar de máscaras por excelência, onde cada grupo se identifica e interage de acordo com o conceito interpretativo apontado por Guerra (2003).

Por fim, continuando esta lógica de conceito ambíguo, referimos a distinção feita por Pais (2004) que aponta dois conceitos de cidade para a interpretação do mesmo fenómeno de dualidade, por um lado descritiva e, por outro, vivida. Deste modo, o autor, apresenta a *polis*, remetendo para a ordem política, de cariz administrativo, e a *urbs*, a carácter da cidade que procura escapar ao controlo da primeira. Emergindo nos finais do século XVIII a *polis*

aparece numa cidade que passa a estar regida por princípios enclausurantes, transformando-se num espaço claustrofóbico de movimentos controlados.

Em contrapartida surge a *urbs*, e “é contra a cidade maqueta que se reclama uma cidade dos cidadãos, uma cidade humanizada, participada, insubmissa às modelagens de planificações deterministas e às realidades sociais (de miséria crime ou violência) que as sustentam. A cidadania é, em certa medida, um movimento de rejeição da cidade planificada a favor da cidade praticada” (Pais, 2004, pág. 60). A necessidade de uma cidade que seja abrigo de manifestações culturais, promovendo expressões de identidade, é a ideia base que emerge. Sendo movimentos massivos como é o caso das grandes manifestações sociais, ou micromovimentos, que representam modos alternativos de vida, o importante é que “a *polis* ganha consciência da *urbs* criam-se reais condições para o exercício da cidadania participada”. (Pais, 2004, pág.60).

Vimos, assim, que o espaço é um conceito socialmente produzido que pode assumir diferentes formas, o Espaço de Prática, Representações de Espaço e Espaço de Representação. Tendo em conta o âmbito deste trabalho, julgamos ser esta a melhor forma de olhar a cidade, isto é, enquanto espaço social, quer seja através do conceito de cidade interpretada ou do conceito de *urbs*, é fundamental entender a cidade, como referimos anteriormente, como espaço onde é possível desafiar a ordem hegemónica, através da criação de ocasiões de contestação e afirmação, superando os seus limites e constrangimentos. Cada grupo, cada (sub)cultura vive e apropria o espaço de forma diferenciada e é essa mesma vivência que procuramos descortinar, com vista ao nosso objectivo.

2.3.4 - Vivências da cidade através dos desportos urbanos alternativos

Chegados a este ponto, partimos para a análise de casos concretos que nos dão uma imagem mais clara de todo o raciocínio que fomos desenvolvendo. Assim, analisaremos os desportos urbanos alternativos como

meio de apropriação do espaço urbano na criação de novos discursos e desenvolvimento das relações sociais.

Como vimos, o espaço é um elemento fundamental no estabelecimento de relações de sociabilidade. No caso dos jovens, este espaço não é fixo, mas conforme afirma Fusco (2007), encontra-se num constante estado de transição resultantes de contínuas lutas dialécticas de poder, negociação, apropriação e resistência. No decorrer do seu estudo, o autor salienta o aumento da regulação e do controlo dos espaços juvenis poder ter implicações sérias para a sua capacidade de participar e criar posições subjectivas alternativas no que respeita à sua saúde e estilos de vida activos na cidade.

Nesta perspectiva, Bach (2003) centra-se na exploração e apropriação do espaço urbano, evidenciando a importância das actividades informais no seio da população jovem. Para o autor, de forma a participar nestas actividades informais, os jovens apropriam-se de locais específicos, áreas que são primariamente utilizadas para outras actividades. Em vez de exigirem locais interiores e exteriores oficiais criados especialmente para determinados desportos, os praticantes destes desportos designam várias áreas de forma a torná-las temporariamente equipamentos próprios para a actividade física. Tal como demonstram Wheaton e Beal (2003), ter em conta a complexa associação entre a experiência vivida e as formas de visibilidade é fundamental para a compreensão das práticas desportivas, incluindo os desportos alternativos. O desporto alternativo urbano mais estudado é, sem dúvida, o *skate*, e é, como tal, o que melhor permite entender as relações de sociabilidade e apropriação do espaço urbano. Como denotam Wheaton e Beal (2003), contrariamente aos *windsurfers*, o paraíso dos *skaters* não é a fuga para algum conceito essencialista da natureza. Por outro lado, este desporto representa o domínio sobre uma paisagem urbana. Importante neste domínio foi o aparecimento do *ollie*⁸ permitindo aos *skaters* uma vivência do espaço mais livre. Aliando o advento deste elemento técnico com a necessidade de evoluir para além dos parques que começavam a desaparecer no final dos

⁸ Elemento técnico que permite saltar sobre ou para os vários obstáculos urbanos.

anos 1970, os praticantes foram encorajados a utilizar o espaço urbano como novo local de prática.

O espaço, como já referimos, pode também ser palco de confronto, reflectindo novas tendências sociais e novas expressões do fenómeno desportivo. Camy, Adamkiewics, Chantelat (1993) seguem uma aproximação antropológica da prática desportiva nos locais públicos urbanos da cidade de Lyon. Para os autores, esta actividade contribui para moldar a cultura urbana contemporânea, visto ser o meio através do qual certos grupos sociais adquirem a sua identidade. No estudo destes autores foi possível observar o aparecimento de um novo fenómeno desde meados da década de 1970. Este fenómeno diz respeito ao crescente número de pessoas que desenvolvem actividades desportivas em espaços públicos. *Joggers*, escaladores, *skaters* e outros, descobriram um novo espaço de prática expondo-se ao olhar dos habitantes da cidade e fazendo, assim notar a sua presença.

Face a este facto, os autores questionam a sua origem. De onde vem e como se explica esta redefinição da espacialidade? Poderá ser consequência da sobrelotação dos espaços tradicionais devido ao aumento da prática desportiva? Perante a constatação de que as pessoas procuram deliberadamente os espaços públicos, esta hipótese parece não explicar o fenómeno na totalidade. A hipótese proposta vai então no sentido de entender que o desporto sofreu alterações de forma a modificar os factores que tornam um espaço apto para a sua prática, tornando-o um registo desta transformação cultural. As actividades desportivas tornam-se parte da paisagem urbana, sendo diferentes partes da cidade utilizadas para práticas distintas.

Se, por um lado, os jardins públicos se enchem de crianças e população de terceira idade, por outro, quando a topografia da cidade o permite, adolescentes ocupam as zonas favoráveis às suas práticas físicas. Estas zonas não se limitam a espaços específicos, estendendo-se a todo o espaço ocupado tanto no local de destino como em todo o percurso para lá chegar. Exemplo dessa mobilidade e constante utilização do espaço é o uso que fazem os praticantes de *parkour* como se verifica em Carvalho e Pereira (2008). O *parkour* não era praticado apenas quando chegavam a um local específico, estendendo-se o local de prática a qualquer ponto ocupado. Quer estivessem

num local previamente seleccionado ou se dirigissem para lá, era possível observar o grupo estudado em acção. Estava latente a necessidade de desconstruir barreiras onde quer que estivessem e, se por vezes, essa necessidade não era tão perceptível, em outras ocasiões a forma como o grupo se relacionava com o espaço era um autêntico símbolo desta necessidade.

Como concluem Camy, Adamkiewics, Chantelat (1993), ao deixar as instalações especializadas, o desporto deixa a sua marca no espaço público. A prática de desporto nestes locais é, assim, vista como produto de uma escolha deliberada, tomando tamanha importância, que no coração da cidade, seja de forma mais espectacular ou de forma mais difusa, tornou-se um dos elementos constituintes da cultura urbana. Os desportistas que experimentam estas novas formas desportivas são simultaneamente iniciadores de uma nova prática e criadores de uma cultura urbana alternativa.

Toda esta dinâmica gerada por novas formas de viver o espaço público não está isenta de conflitos. Como apontam Karsten e Pel (2000), os jovens *skaters* negociam constantemente a utilização dos seus espaços preferidos. Os grupos de *skaters* estão sempre em movimento o que faz com que o espaço que ocupam esteja constantemente a ser usado ou posto de lado. De certo modo, estes desportistas podem ser considerados nómadas da cidade, fazendo com que o seu mapa de utilização dos espaços esteja sempre em mudança. No entanto, devido a algumas resistências que podem ir encontrando, por vezes os governos locais providenciam instalações próprias, como *skateparks*. Mas como as citadas autoras denotam, a cidade em si mesma permanece o paraíso definitivo. Este facto pode agravar os conflitos já referidos. Como foi observado, cada novo local deve responder a exigências específicas ocorrendo adaptações nos mais variados locais. Desde os blocos de cimento, às barreiras de ferro, ou às placas de cartão, todos os constituintes urbanos são utilizados. No entanto, por vezes, os donos de lojas em zonas comerciais e os jovens *skaters* não conseguiam chegar a um acordo. Para os *skaters* a sua presença torna o local mais atractivo, mas para os donos dos estabelecimentos a sua presença impedia as pessoas de entrarem nas lojas. Conflitos como estes apenas mostram que estes jovens são muito determinados, e que quando políticas de proibição como a utilizadas no caso

descrito pelas autoras, são utilizadas pode dar-se que as barreiras colocadas acabem por tornar o espaço ainda mais convidativo, sendo necessária uma intervenção diferente. Não obstante, segundo Karsten e Pel (2000), em muitos dos casos, os *skaters* acabam por aceder aos pedidos de abandonar o local, até porque novos locais estão constantemente a aparecer.

Como as autoras constataam, as geografias dos diferentes grupos juvenis permanecem por descobrir. O desporto é apenas um exemplo de uma actividade que, apesar de pequena escala, tem um impacto significativo nos *media*, moda, e cultura, sendo uma metáfora para o rápido ritmo da cidade. Apesar de não existirem muitos estudos relativos aos outros desportos alternativos, o mesmo se pode dizer dos praticantes de *parkour* observados por Carvalho e Pereira (2008), dos praticantes de *inline skating* analisados por Hong (2001) ou os de *bmx freestyle* a que se refere Pedrazzini (2001).

2.3.5 - A escolha do lugar

Debruçamo-nos agora sobre aspectos que se relacionam de forma mais particular sobre a escolha de locais específicos, por parte dos praticantes de desportos alternativos urbanos. Sendo o *parkour* uma actividade essencialmente deambulatória, constantemente procurando novos espaços e novos desafios, ao longo do tempo foi-se desenvolvendo uma relação muito própria com os espaços de prática. Como denotam Carvalho e Pereira (2008), independentemente do local, existem certas atitudes que se mantêm constantes. A procura da fluidez, de novos desafios, do risco, pauta a conduta do grupo em todos os momentos e em todos os locais. A dinâmica criada, na tentativa de superar os elementos que aparecem no percurso, é como uma micro representação do que se passa nos espaços amplos, onde continuamente se desafiam os obstáculos até que sejam tão impeditivos à locomoção como uma pequena pedra. De facto, constatou-se neste trabalho, tal como Karsten e Pel (2000), que independentemente da dimensão do local, a partir do momento em que o desafio desaparece, leva com ele o entusiasmo do grupo, apelando novamente ao seu carácter itinerante. O estudo de Carvalho e

Pereira (2008) revelou, também, uma dualidade na escolha dos locais de prática. Neste sentido, o local de eleição para treinar é recatado, de preferência sem espectadores, e com as condições mínimas no que diz respeito à diversidade de obstáculos. Não é, portanto, de estranhar que vários grupos⁹ aluguem inclusivamente espaços interiores onde, para além de poderem treinar com privacidade, podem treinar com segurança através da utilização do equipamento de ginástica. Contudo, existem situações diferentes, nas quais já não se procura a privacidade, mas sim a visibilidade. Tajima (2005) afirma que o elemento “ver e ser visto” é um factor chave na escolha do local de prática, e esse factor pôde ser verificado por várias ocasiões, neste trabalho. Por várias vezes foram feitas incursões por zonas urbanas demonstrando que, tal como um pintor necessita de um local privado para criar a sua arte para que depois a possa tornar pública, também no *parkour* existem alturas em que a “obra” é exposta.

Depois de experienciadas estas diferentes situações, foi possível aos autores, entender as razões por detrás da escolha dos diferentes tipos de locais. Durante o treino são experimentadas novas manobras, desafiados novos obstáculos, exigindo mais da capacidade de concentração e abstracção, sendo preferível um local onde não haja ninguém que possa quebrar essa concentração. Já as aparições públicas são pautadas pela escolha de manobras e obstáculos com os quais se sentem mais confortáveis e onde existe menor probabilidade de falhar.

Conclui-se, assim, que a principal característica na forma como os grupos se relacionam com o espaço de prática, é a mobilidade. Esta está dependente de vários factores relacionados, tanto com a necessidade de privacidade, como com a necessidade de expressão. A utilização de espaços menos urbanos está associada à necessidade de um espaço que permita a concentração, por outro lado, a utilização do espaço urbano surge da referida necessidade de expressão, e a mensagem, camuflada por um grupo de adolescentes superando todos os obstáculos, não podia ser mais clara. O grupo de estudo de Carvalho e Pereira (2008) não quer destruir nada, nem

⁹ Visto no nº 737 da revista Notícias Magazine.

construir algo completamente antagónico ao que existe, quer apenas o seu espaço, como qualquer pessoa, ainda que o utilize de forma diferente.

O *parkour* aparece, deste modo, como uma subcultura, que toma a própria dinâmica por si criada como forma cultural, e tem como base ideológica um sentimento de harmonia e união com o espaço de prática que faz com que a sua utilização não se pautе pela ruptura com os valores estabelecidos, mas através do seu ganho progressivo.

Ainda neste sentido de descortinar as razões de escolha dos diferentes espaços, torna-se necessário esclarecer o porquê da escolha da cidade. A questão já foi parcialmente respondida através do que foi sendo explanado, mas não poderíamos deixar de referir o estudo de Pais (2004), que nos traz uma perspectiva que enriquece o entendimento deste fenómeno. Para o autor, o palco de cultura participativa é, por excelência, a rua. Para tal, dá o exemplo dos *skaters*. Para estes jovens a vivência da cidade é pautada por experiências sensoriais, que vão desde o ruído das rodas sobre o pavimento até à sensação de trepidação provocada pelo deslocamento. É através desta experiência que se produzem espaços livres, reinventando-se o espaço urbano da cidade. Enquanto desliza, o corpo do *skater* produz novos tipos de discurso, rompendo com o espaço pré existente, e dando-lhe uma existência própria que desafia os usos pré estabelecidos. Estes surgem como espaços estruturados em ruas, rotundas, passeios, semáforos, que regulam a vida urbana, mas que servem, para os praticantes deste tipo de desportos, para serem subvertidos. O espaço ocupados pelos *skaters* afirmam-se, como esclarece Pais (2004), como um desejo de expansão, sendo impresso na cidade, criando registos, símbolos de passagem e vivência, que em certa medida se podem comparar á apropriação do espaço criada por *writers*¹⁰. É, por isso, importante ter atenção à presença destes elementos visto que “com eles aprendemos que o espaço é muito mais do que a projecção de uma representação intelectual. É uma produção feita de movimentos, gestos, cumplicidades” (Pais, 2004, pág.58).

Deste modo, o espaço urbano surge como espaço de criatividade e de emancipação, sendo estas as verdadeiras razões para o seu uso, já que

¹⁰ Pintor de Graffiti.

permitem a afirmação da diferença e da autonomia. A preferência dada a espaços simbólicos fortes, como aponta Pais (2004) e se verifica também em Carvalho e Pereira (2008) ou Karsten e Pel (2000), tem, assim, uma razão de ser. Surgem para introduzir uma variabilidade que simboliza, para os poderes hierárquicos, um verdadeiro problema. O autor aponta, então, a noção de culturas urbanas como contraponto ao sedentarismo citadino. Enquanto este é caracterizadamente fechado, estriado, o espaço dos desportos alternativos urbanos é liso, convida à fluidez, à apropriação, sendo nestes aspectos o seu principal poder apelativo.

Assim, vemos diariamente actividades desportivas informais a invadir e reformar o espaço urbano numa utilização conjunta com o que já anteriormente existia. Como resultado, tais espaços são temporariamente redefinidos enquanto equipamentos desportivos. Por esta razão, Bach (2003) afirma que o planeamento urbano e as políticas desportivas municipais deverão, futuramente, reconhecer que estes desportos informais têm as suas próprias estruturas onde se desenvolvem, identificando estes espaços como valências desportivas paralelas aos equipamentos tradicionais criados para eventos desportivos específicos. Isto pressupõe, obviamente, que a necessidade de uma utilização espontânea do espaço, enquanto característica intrínseca destas actividades desportivas informais, seja oficialmente aceite e apoiada pelos municípios e governantes, e que os seus praticantes sejam tidos em conta, uma vez que segundo Pedrazzini (2001), os praticantes de desportos alternativos urbanos tornam-se, por vezes, autênticas bibliotecas de sociologia urbana. Estes vêm-se constantemente desafiados a pensar a cidade, os seus quarteirões e os seus habitantes, fazendo-o de uma forma crítica e activa. Na sua deambulação pela cidade, transportam consigo a faceta humana da urbe. Fazem ressurgir a cidade, o seu meio social e o envolvimento urbano. Graças a estes novos habitantes, o betão, os corrimões e escadarias intermináveis, as barreiras arquitectónicas ou os muros, voltam a ter um sentido, a cidade volta a existir. Este é o último local vago, o último local a explorar através destas novas formas desportivas. É por esta razão que os praticantes preferem uma cidade com as condições mínimas para a prática, a um local em condições perfeitas,

mas escolhido pelas autoridades, para onde são enviados perdendo o contacto com o meio urbano.

Assim, as cidades deveriam providenciar, dentro dos seus limites áreas, temporal e espacialmente acessíveis de formas múltiplas e diversas, sem estipularem que estes tipos espontâneos de utilização sejam definidos quanto a tipo ou abrangência. É neste contexto que este trabalho se assume como uma tentativa de auxiliar ao necessário mapeamento, não só dos espaços apropriados, como também das características apropriáveis para a prática de desportos urbanos alternativos enquanto actividades físicas informais que, como se verifica na literatura existente, podem constituir uma parte importante da vida dos jovens.

3 – CAMPO METODOLÓGICO

--

3 - Campo Metodológico

Neste capítulo direccionamos a nossa atenção para a forma como foram recolhidos os dados. Deste modo, para além de uma fundamentação teórica que nos permitiu a utilização correcta das metodologias utilizadas, descrevemos de que forma toda base teórica foi posta em prática durante o trabalho de campo. Embora no terreno a recolha não se tenha dado de modo repartido, ou seja, utilizando uma metodologia de cada vez, de seguida apresentamos cada ferramenta separadamente, reflectindo o modo como foram construídas as bases teóricas deste capítulo.

Assim, neste planeamento metodológico está presente a forma como se realizou a observação, assim como as considerações tidas, e vantagens e limitações do método. Adicionalmente, utilizámos a fotografia de modo a complementar a informação recolhida no trabalho de campo. Está, também, presente o tipo de entrevistas realizadas, assim como o guião e a sua justificação. Quanto à cartografia, esta teve uma especial atenção teórica para que todos os pontos deste método possam ser entendidos e adaptados à realidade deste trabalho.

3.1 - A Construção do quadro teórico

O objectivo deste trabalho diz respeito a uma realidade específica, isto é, o tecido urbano e a forma como é vivido pela população jovem. Apercebemo-nos, pelas leituras exploratórias¹¹ que, quanto aos níveis de actividade física, tanto a nível internacional como nacional, uma porção considerável de jovens do mundo ocidental não tem os níveis de actividade física recomendáveis para a obtenção de ganho ao nível da saúde a médio e longo prazo. Assim, o ponto de partida foi a análise de vários estudos com vista a entender de forma mais

¹¹ Por exemplo, Matos, Carvalhosa e Diniz (2002); Seclén-Palacín e Jacoby (2003); Mota et al. (2007); Haug, Torsheim, Samdal (2008), entre outros.

aprofundada quais eram os níveis de sedentarismo da população jovem e factores associados. Como consequência lógica, procurámos entender os principais efeitos que tal aumento nos níveis de sedentarismo pode trazer para a saúde das populações, concluindo que o aumento do sedentarismo também é acompanhado por um aumento no Índice de Massa Corporal (IMC¹²) e consequentemente no risco de doenças cardiovasculares, conforme se verifica no estudo de Lacerda et al. (2004).

Face a estes factos e visto que temos como objectivo analisar a forma como os jovens vivem as actividades físicas informais, nomeadamente os desportos urbanos alternativos, para melhor perceber de que forma podem ser promovidos estilos de vida activos, foi necessário percorrer vários estudos realizados neste âmbito, bem como quais as suas conclusões e sugestões.

Percebemos que os centros urbanos estarão, em princípio, mais preparados para a promoção da actividade física, uma vez que possuem uma utilização dos espaços mais variada, permitindo encontrar várias estruturas num espaço suficientemente reduzido para percorrer, por exemplo, a pé (Aytura, Rodriguez, Evensona, Catellierc, e Rosamond, 2008). No entanto, parece existir um predomínio de estudos sobre a promoção da actividade física nas populações adultas e idosas. Verificamos que autores, como Gouveia et al. (2007), concluíram que a actividade física depende, entre outros factores, da personalidade dos indivíduos, de aspirações pessoais, de incentivos de natureza económica e social, variando com a idade, com o género e com fenómenos étnicos, culturais e sociais. Face a estas constatações, os autores colocaram a seguinte questão: que actividades propor à criança e ao jovem de forma a garantir que os níveis de motivação e gosto pela actividade física aumentem as possibilidades de prática regular? Transversal aos estudos analisados, surgiu então a necessidade de compreender que a adolescência é um período que se pauta por uma intensa actividade social, sendo, também, através da compreensão destes processos de socialização que podemos entender que tipo de actividades é valorizado pelos jovens.

¹² IMC= Peso(Kg)/Altura²(m).

Havia agora que tentar responder à questão que se colocou anteriormente. Assim, o segundo capítulo teve necessariamente que se centrar nos estudos realizados acerca da juventude. Em primeiro lugar, analisámos a forma como os jovens desenvolvem as suas estruturas de lazer e sociabilidade, entendendo que este é um período em que as relações de sociabilidade assumem extrema importância e complexidade. Essa complexidade pode ser entendida de várias formas e, como tal, foi necessário decidir qual seria a que melhor se adaptava a este trabalho. Partimos então para uma exploração em torno dos conceitos de tribos urbanas, subculturas, e culturas juvenis, para entender que o conceito de culturas juvenis se torna uma ferramenta mais eficaz, visto que permite discursos específicos que se aproximam mais do âmbito das subculturas, mas é também suficientemente abrangente para que se possa ter em conta a juventude enquanto ‘caldeirão’ de várias culturas e entender que, apesar das diferenças, existem aspectos como a valorização do lazer e das relações de sociabilidade que se apresentam constantes. No final deste capítulo concluímos que as actividades desportivas surgem, nas culturas juvenis, não como actividades isoladas do quotidiano, mas como algo integrado no seio das mesmas.

Por fim, visto que visamos a análise das estruturas urbanas que podem promover a actividade física na população jovem, analisámos o meio urbano como espaço de produção social para tentar entender de que forma se vive a cidade através dos desportos urbanos. Deste modo, o espaço urbano surge como espaço de criatividade e de emancipação, sendo estas as verdadeiras razões para o seu uso, já que permitem a afirmação da diferença e da autonomia. É neste contexto que diariamente vemos actividades desportivas informais a invadir e reformar o espaço urbano, numa utilização conjunta com o que já anteriormente existia, fazendo dos seus praticantes autênticas bibliotecas de sociologia urbana, uma vez que se vêm constantemente desafiados a pensar a cidade, os seus bairros e os seus habitantes, fazendo-o de uma forma crítica e activa.

3.2 - O objecto de estudo

3.2.1- O local

Tal como verificámos, os níveis de sedentarismo têm vindo a aumentar nas populações jovens das grandes cidades. Este facto deve-se a um aumento do desinteresse pela actividade física. Um dos factores mais importantes na população jovem é o desenvolvimento de relações de sociabilidade e que a cidade surge, de acordo com Pais (2004), como palco onde se movem as culturas juvenis. Assim sendo, pareceu-nos apropriado tentar entender de que forma se vivem os desportos urbanos na cidade do Porto, assim como tentar perceber quais as estruturas privilegiadas para encontrar a forma e os locais onde a promoção de estilos de vida activos pode ocorrer. Para tal, foi feito um levantamento dos locais de prática através dos vários fóruns existentes na Internet, assim como uma exploração dos espaços da cidade do Porto na procura de novos grupos. Esta exploração teve um carácter deambulatório que, há medida que o tempo de trabalho de campo foi avançando, se tornou mais direccionado para os locais que identificámos como propícios para as actividades físicas em questão. O objectivo foi sempre no sentido de entrar em contacto com os praticantes para estabelecer um diálogo que permita a utilização das ferramentas que seleccionámos, isto é, as observações, as entrevistas, a fotografia e a cartografia. O local constitui-se, assim, como o conjunto de espaços que, na cidade do Porto, servem o propósito da prática de actividades físicas informais por parte dos jovens da cidade.

Logo nos primeiros dias tornou-se clara a importância da Casa da Música para a prática de vários desportos por parte de da população jovem, não só da cidade do Porto, mas também das cidades mais próximas. Os contactos estabelecidos neste local rapidamente nos levaram para outros pontos da cidade, dos quais se destacaram a Batalha, a Praça dos Leões, a Estação da Trindade, a zona em volta do Edifício Transparente, a Zona Histórica da cidade e o Centro Comercial Itália. Estes foram os locais onde foi executado o trabalho de campo, isto é, onde fotografámos, observámos e entrevistámos.

3.2.2 - Os intervenientes

Os intervenientes foram todos os praticantes de desportos informais que façam da cidade do Porto o seu local de prática. Sabendo de antemão onde alguns se encontram, tentámos descobrir quais os seus roteiros. Um elemento que também facilitou a busca foi a Internet. Facilmente se encontram *blogs* de vários grupos de praticantes, o que nos deu acesso a um maior número de pessoas. No entanto, temos noção que, possivelmente, não teremos acesso a todos os grupos de praticantes da cidade, mas o objectivo foi, sem dúvida, chegar ao maior número possível. Uma vez no terreno, essa tarefa demonstrou-se relativamente fácil. O ambiente mais descontraído que pairava na maioria dos grupos e o facto de pararem frequentemente a sua prática para trocar impressões ou simplesmente descansar um pouco, facilitou a entrada em contacto, uma vez que na maioria dos casos não houve necessidade de interromper a prática para falar com os praticantes. Por outro lado, foi muito difícil falar com os jovens que se deslocam de bicicleta pela cidade, visto estarem em constante movimento e terem um tempo de permanência muito curto em cada local. Se inicialmente não tínhamos alguma expectativa em relação aos desportos que íamos encontrar, no final do trabalho de campo percebemos que os intervenientes, isto é, os jovens que utilizam a cidade do Porto para a prática de desportos informais, são essencialmente praticantes de desportos alternativos urbanos. Tendo em conta as constatações que fomos alcançando com a construção do quadro teórico, este era um fenómeno que se podia, em certa medida, antever, mas não com a predominância que observámos, especialmente no que diz respeito ao caso dos *skaters*, que enchiam o enquadramento de cada fotografia que tirámos.

3.3 - O processo de recolha de dados

3.3.1 - A observação

Visto que pretendemos observar as características do espaço, assim como a forma como os intervenientes se relacionam como o mesmo, optámos pelo método de observação directa. Os procedimentos inerentes a esta observação, segundo Quivy e Campenhoudt (1998), visam captar comportamentos num determinado momento, de forma directa, por parte do investigador, sem o recurso a algum tipo de documento ou testemunho. Este método contrapõe-se a outros como as entrevistas ou questionários, nos quais os acontecimentos são reconstituídos através da análise das declarações dos actores sociais. Como denota Costa (1986), a observação directa refere-se a um conjunto de técnicas de observação visual e auditiva que não envolvem a interacção verbal directa, supondo, na maioria dos casos, o anonimato do investigador.

De acordo com Quivy e Campenhoudt (1998), estes métodos podem apresentar variações consideráveis, tendo como ponto em comum, o facto de a observação se realizar do exterior, não existindo participação na vida social do grupo em análise. Quanto à duração, os autores verificam que esta pode ser muito variável consoante os objectivos de cada estudo. Esta pode ainda ser realizada recorrendo ao apoio de grelhas de observação pormenorizadas, que definem de forma específica as diferentes categorias de comportamentos a analisar. Este método é, assim, mais adequado para a análise “do não verbal e daquilo que ele revela: as condutas instituídas e os códigos de comportamento, a relação com o corpo, os modos de vida e os traços culturais, a organização espacial dos grupos e da sociedade, etc.” (Quivy e Campenhoudt, 1998,pág.198).

Como principais vantagens, os autores apontam o facto de ser possível apreender os comportamentos e os acontecimentos no próprio momento; recolher um tipo de material de análise que não é provocado pelo investigador, sendo, como tal, espontâneo; e perceber a autenticidade dos momentos, já que, contrariamente às palavras, é mais fácil verificar a veracidade das acções.

Porém, é necessário ter em conta as limitações que, como qualquer outro método, a observação directa apresenta. O registo dos dados apresenta o problema de nem sempre poder ser realizado na altura da observação o que pode fazer com que alguns momentos sejam esquecidos. É, por isso, aconselhada, a transcrição dos comportamentos imediatamente após a observação, o que se pode tornar uma tarefa pesada. É também posto o problema da interpretação das observações. Por um lado, a observação do tipo etnológico é muito intensa e fatigante, sendo necessária uma sólida preparação teórica por parte dos investigadores. Por outro lado, a utilização de grelhas de observação muito formalizada pode tornar-se demasiadamente superficial e mecânica perante a riqueza e complexidade dos comportamentos estudados. Para além das limitações apontadas por Quivy e Campenhoudt (1998), existe ainda o aspecto relativo à presença do investigador, apontado por Costa (1986). Em qualquer dos métodos utilizados para a recolha de informação etnográfica é necessário ter em conta o impacto de um elemento externo, o investigador, na unidade social em estudo, assim como das acções por este desenvolvidas no sentido de recolher a informação que necessita. “O impacto mínimo é o que ocorre em situações públicas altamente impessoais, tais como passear anonimamente numa avenida, estar sentado num café ou circular em transportes colectivos” (Costa, 1986, pág. 135). Mas se queremos realmente um impacto mínimo, o objecto de estudo deve ser algo familiar ao investigador, podendo ser realizadas socializações e aproximações prévias nesse sentido. Assim, é necessário conhecer as formas de comunicação utilizadas, que podem assumir a forma de determinados tipos de vestuário, gestos, linguagem específica, entre outros. No entanto, para o autor, a questão não está em evitar a interferência, mas sim na forma como a tomamos em consideração, para assim torná-la o mais controlada e objectiva possível. É necessário, portanto, ter em mente que enquanto investigadores, a nossa presença introduz uma série de novas relações sociais. Neste sentido, não é possível deixar de estabelecer algum tipo de comunicação, já que a própria presença de um observador supõe que cada gesto e cada olhar se podem tornar formas de comunicação. À medida que o tempo de observação se prolonga será de esperar também uma reorganização das relações entre o observado e os

observados, assim como do próprio tecido social em análise. A solução, perante estas limitações, é tentar aplicar um método de observação flexível que é utilizado em conjunto com outros métodos mais precisos. Um desses métodos é a entrevista que, quando seguida de uma análise de conteúdo, permite efectuar um trabalho de investigação aprofundado (Quivy e Campenhoudt, 1998).

Tendo em conta as bases teóricas construídas anteriormente, partimos para uma observação directa que foi direccionada, na medida em que teve como ponto focal as características do espaço e a forma como os intervenientes as vivem, mas foi simultaneamente aberta, visto que não foi utilizada uma grelha específica de observação, que na nossa perspectiva poderia ocultar factos relevantes para o trabalho. De forma a construir uma aproximação gradual dos sujeitos observados fomos estabelecendo breves conversas com os praticantes no sentido de perceber que outros locais utilizavam na sua prática desportiva. À medida que o tempo foi passando passou a ser normal a presença de alguém externo que observava, tirava notas e fotografava, com o intuito de, segundo tivemos o cuidado de informar, fazer um trabalho sobre a prática desportiva na cidade do Porto. Na maioria dos casos a estratégia adoptada foi falar com alguns praticantes à chegada ao local e depois encontrar um local onde fosse possível tirar notas e fotografias sem que a presença fosse demasiado notada. Em locais como a Casa da Música, dado o constante fluxo de pessoas não foi difícil encontrar vários pontos privilegiados de observação. No entanto, em locais como o Centro Comercial Itália a presença era muito notória visto que pelo local de prática passam poucas pessoas. Nestes casos, optou-se por entrar em contacto com os praticantes e encontrar uma localização que não perturbasse a sua prática. No que diz respeito à recolha de informação, optou-se por tirar notas no local para que posteriormente se procedesse a uma descrição mais pormenorizada no diário de campo.

3.3.2 - As entrevistas

Tendo constatado que as entrevistas foram utilizadas com sucesso em vários trabalhos¹³, como forma de complementar a informação obtida através da observação, a primeira decisão a tomar foi relativamente ao tipo de entrevista a utilizar. A pesquisa realizada forneceu três tipos distintos de entrevista: a entrevista estruturada ou directiva, a semi-estruturada ou semi-directiva e a não estruturada ou livre.

A entrevista do tipo directivo, não se mostrou a melhor escolha para atingir o objectivo a que nos propúnhamos. Burgess (1977) aponta a crítica que Oakley (1981) e Wakeford (1981) fazem a este modelo, o qual coloca o entrevistador numa relação não natural com aqueles que são analisados. Poucos foram os investigadores que seguiram, no terreno, a abordagem estruturada, preferindo usar um estilo informal, não estruturado, ou semi-estruturado, o qual utiliza uma série de temas e tópicos em torno dos quais se constituem as questões no decurso da conversa.

Havia então que escolher entre a entrevista livre ou semi-directiva. De acordo com Boutin, Goyette e Lessard-Hébert (1999), na entrevista não directiva o entrevistador contenta-se em colocar o tema da entrevista, cujas características essenciais resultam do seu carácter alargado e ambíguo. É a noção de ambiguidade que permite desenvolver o raciocínio a propósito de um tema muito geral, que não inclui qualquer quadro de referência em particular. É esta inexistência que afasta a hipótese de utilizar uma entrevista não directiva. O facto de ter encontrado cinco principais domínios que direccionaram a recolha, e posterior interpretação, dos dados, faz com que seja necessário o estabelecimento de linhas orientadoras da entrevista. Assim, o facto de a entrevista semi-estruturada permitir a existência de um guião, faz com que esta se revele a melhor escolha para os objectivos deste trabalho (Boutin, Goyette e Lessard-Hébert (1999). Este tipo de entrevista permite também uma abordagem aleatória dos pontos, incentivando a espontaneidade e a conservação de uma relativa ambiguidade relativa aos temas, permitindo ao entrevistado desenvolver um raciocínio próprio.

¹³ Por exemplo, Karsten e Pel (2000); Woolley e Johns (2001); Steyn (2004).

A entrevista tem o objectivo de complementar a observação directa. Como tal, procurará desvendar aspectos ocultos durante o trabalho de campo. Estes aspectos são menos visíveis, não por vontade deliberada dos praticantes, mas porque o contexto nem sempre é favorável a que determinados discursos surjam.

3.3.3 - A construção das entrevistas

As entrevistas têm como principal função complementar a informação obtida na observação. Deste modo, estão divididas em duas temáticas, a relação com o espaço e a relação com o desporto praticado. A estrutura do guião foi influenciada pelo estudo de Wolley e Johns (2001). Os autores exploraram a forma como se vive o *skate* em três grandes cidades inglesas, chegando à conclusão que, para a população analisada, existem quatro factores importantes na escolha de um local: a acessibilidade, a compatibilidade, a sociabilidade e as características para a prática.

A acessibilidade diz respeito à tentativa de encontrar um local central acessível a todos; apesar de esta actividade tomar lugar um pouco por toda a cidade, parece existir sempre um local central acessível a todos. A compatibilidade refere-se à harmonia existente num determinado espaço entre *skaters* e a restante população. Este é um factor importante já que o local principal nunca poderá ser localizado numa zona em que existam conflitos com a população ou autoridades. A sociabilidade é a característica do local que permite relaxar e estar com os amigos. Como concluíram os autores, muito do prazer inerente à prática do *skate* vem do facto de permitir relações de sociabilidade num ambiente descontraído, onde podem descansar entre sessões e aprender observando os outros. Por último, um local não é bom se não permitir realizar um determinado número de manobras. No caso do *skate*, existem várias que se podem realizar utilizando apenas o solo, mas o prazer da prática vem com desafios maiores como escadarias, corrimões ou blocos de betão. Adicionalmente, incluímos uma categoria que diz respeito ao significado da prática para o sujeito, visto que a importância dada ao desporto praticado e

a forma como este se insere no quotidiano, pode também direccionar o processo de selecção de um local de prática.

Assim, a primeira pergunta vai no sentido de tentar entender quais são as motivações do praticante ao escolher aquele local, sendo o desenvolvimento da conversa guiado pelas categorias: Acessibilidade; Sociabilidade; Compatibilidade e Características do Local.

A segunda questão diz respeito à importância da prática para o praticante, e vai no sentido de tentar confirmar ou não aquilo que verificámos no enquadramento teórico, isto é, os vários significados que podem estar inerentes à prática desportiva. Desta forma, demos espaço à construção de discursos que visassem vários motivos, tais como: Saúde, Relações Sociais, Práticas de Lazer. Adicionalmente, as entrevistas foram complementadas com uma breve anamnese, cujo objectivo foi dar resposta a algumas necessidades impostas pelo uso da cartografia. Como tal, a parte referente à anamnese será alvo de uma descrição mais pormenorizada no capítulo dedicado à cartografia

Tendo concluído a construção da entrevista foi necessário iniciar o processo de entrevistar os praticantes. Esta não seria, em princípio, uma ferramenta tão fácil de utilizar como a observação. De pequenas conversas passaríamos a ter que pedir algum tempo aos entrevistados, facto que poderia não ser tão bem recebido. De maneira geral, a aplicação das entrevistas correu bem no sentido em que houve uma boa aceitação por parte da maioria dos entrevistados. Em alguns casos foi possível desenvolver com alguma profundidade os temas que procurávamos esclarecer, no entanto, grande parte das entrevistas foi relativamente rápida devido à necessidade que muitos dos entrevistados demonstravam em voltar à prática ou ao grupo de amigos. Apesar da relativa brevidade das entrevistas foi possível, mesmo nas mais curtas, aceder a informações que dificilmente se obteriam pela mera observação. A utilização desta técnica de recolha de dados está em grande parte condicionada pela aceitação da sua aplicação por parte dos sujeitos visados, como foi possível verificar. Porém, surgiu uma outra condicionante que diz respeito às características do local onde decorrem as mesmas. Nos locais que permitiam o convívio entre os praticantes, isto é, que tinham sítios onde a prática não tinha lugar, dando espaço para descansar e conversar, das

entrevistas aplicadas conseguiu-se obter discursos mais desenvolvidos acerca dos temas que abordamos. O facto de não estarem em prática deixava os praticantes mais descontraídos e, como já estavam em conversa, facilmente se fez a transição para a entrevista. Nos locais onde não existe tanto este fenómeno de convívio para além da prática, as entrevistas foram forçosamente mais rápidas, visto que as paragens que os praticantes faziam eram consideravelmente mais curtas. Assim, uma vez que existem alguns locais como a Casa da Música, em que o convívio assume uma parte importante do tempo de prática, já que este se estende, por vezes, por várias horas, foi nitidamente mais fácil a aplicação das entrevistas e a obtenção de discursos mais aprofundados sobre os temas abordados. As entrevistas foram gravadas em formato digital para que posteriormente fossem analisadas.

3.3.4 - A Fotografia

A fotografia tem vindo a ganhar importância em estudos de carácter sociológico ou antropológico. Tal como denota Harper (2001), esta técnica começou a ser ponderada, uma vez que muitos dos trabalhos de fotojornalistas ofereciam várias vantagens aos sociólogos que procuravam uma sociologia mais crítica e directa, mesmo reconhecendo que a estes trabalhos faltava o enquadramento e suporte teórico sociológico. A fotografia foi assim ganhando o seu espaço, havendo sempre lugar para a argumentação relativa às limitações deste método. Limitações essas que, sendo apontadas de igual forma a dados empíricos como as notas de campo, não impediram que estas se tornassem instrumentos válidos de recolha de dados. Neste sentido, Prosser e Schwartz (2001) atestam que, tal como as notas de campo e outros tipos de dados empíricos, as fotografias podem não fornecer dados específicos e objectivos acerca do mundo social, mas podem revelar atributos característicos de pessoas, objectos, ou acontecimentos, que podem escapar à descrição do investigador. De facto, através do uso de fotografias é possível descobrir e demonstrar relações subtis que facilmente nos podem escapar. É possível também comunicar um certo nível de detalhe tangível que não é tão facilmente transmitido através de outras formas de comunicação simbólica.

Uma outra vantagem apontada pelos autores refere-se ao facto de a câmara ter a capacidade de gravar dados visuais, sem o factor do cansaço, o que sugere que os registos da câmara podem complementar as notas de campo recolhidas por um investigador, especialmente, nas jornadas mais longas. Assim, os dados recolhidos podem ser usados tanto como complemento ao diário de campo, como para recolher de forma sistemática dados, direccionando a atenção para a captação de objectos, acontecimentos, lugares, sinais e símbolos, ou interacções comportamentais.

Neste trabalho, o objectivo foi o de recolher dados nos dois sentidos apontados pelos autores. Por um lado, as fotografias constituíram-se como um meio complementar ao diário de campo, por outro, permitiram recolher, de forma sistemática, informações em relação às características dos espaços utilizados, acontecimentos relevantes, e a interacção dos praticantes com o espaço. Não obstante, apesar deste meio trazer vantagens óbvias, existe um conjunto de limitações e considerações que foram tidos em conta.

Efectivamente, Harper (2001) salienta que apenas reconhecemos que a imagem fotográfica é verdadeira, na medida em que capta sob um formato visual a realidade para onde a câmara foi apontada. Mas, é necessário ter em mente que todas as imagens, independentemente da sua relação com o mundo exterior, são fundamentalmente construídas sob a influência de aspectos técnicos e sociais. Apesar de ser vista frequentemente enquanto verdade, a fotografia é, mais precisamente, um reflexo do ponto de vista do fotógrafo. Como tal, a integração da fotografia na sociologia deve começar com a noção de que este meio, na forma como o vivenciamos no quotidiano, é muito pouco sociológico. As questões que mais se levantam são: terá o investigador captado correctamente o que viu? Será este um acontecimento esporádico ou repetitivo? Serão os acontecimentos retratados, um reflexo do comportamento do grupo? Existe, assim, um número considerável de factores a ter em conta quando se utiliza a fotografia num estudo sociológico, como veremos de seguida.

A escolha do suporte técnico tem influência nos dados fornecidos pela câmara. Prosser e Shwartz (2001) dão o exemplo das câmaras de médio e grande formato, que revelam um mundo diferente das câmaras de 35mm.

Também o tipo de lente pode condicionar a forma como vemos um acontecimento, e a escolha de um formato a cores ou a preto e branco pode alterar significativamente a forma como é representado o momento. Winston (2001) acrescenta que, para além das manipulações através da lente que dizem respeito à luz, enquadramento, composição, existem aspectos técnicos, como lentes, ângulos, velocidades de obturação ou abertura do diafragma. Cada um destes aspectos contém em si uma força semântica mais ou menos óbvia. As lentes grande-angulares distorcem claramente a realidade, mas a confusão ao nível da profundidade, que pode causar justaposições irreais, causada pelas lentes tele-objectivas, já não é tão fácil de detectar. Da mesma forma, ângulos baixos e altos, acompanhados pelas suas conotações culturalmente determinadas de poder e subserviência, podem ser facilmente detectados, mas uma aproximação mais subtil pode reflectir o mesmo significado sem serem notadas. E tudo isto se passa antes da revelação. Existe, como advertem Prosser e Shwartz (2001), um grande número de considerações técnicas a ter em conta, que dizem essencialmente ao conhecimento das alterações que o suporte escolhido tem nas imagens recolhidas.

Winston (2001) conclui assim que actualmente já não vemos a fotografia como verdade absoluta ou prova irrefutável. Apesar de ser verdade que o equipamento capta aquilo que tem pela frente, não há garantias que o resultado não tenha sido manipulado pelo fotógrafo. Aspectos tão simples como a luminosidade podem alterar o contexto de uma fotografia e são mais difíceis de detectar do que a sua manipulação. Assim, somos agora conscientes das limitações do suporte fotográfico, e entendemos que uma fotografia não é como uma janela para o mundo. No entanto, a consciência de tais limitações não implica a negação de que através da fotografia é possível ver uma parte de um mundo.

Tendo em mente estes aspectos, é necessário considerar também a forma como levamos a cabo esta tarefa. Prosser e Shwartz (2001) constataam que a maneira como planeamos a pesquisa deve ser explícita para que outros possam entender a forma como o estudo foi levado a cabo, e mais importante ainda, para que este seja tido como válido. Um dos aspectos a ter em conta,

apontado pelos autores, diz respeito à nossa presença. Assim, antes de começarmos o levantamento fotográfico devemos começar por pensar como nos apresentaremos, visto que as escolhas que fazemos quanto aos papéis que desempenhamos no terreno levantam questões éticas e de procedimento. É necessário ter em mente que o acto de fotografar pode ser visto como ameaçador, uma vez que resulta num produto artificial, um artefacto que liga o fotógrafo ao sujeito fotografado, sendo também necessário ter em conta as expectativas que a fotografia pode gerar.

Existem várias formas para a recolha dos dados visuais. Estes podem ser recolhidos de forma dissimulada, isto é, o fotógrafo pode-se esconder ou escolher uma lente tele-objectiva de modo a fotografar a longas distâncias, ou através da comunicação com o grupo em estudo. Embora alguns tipos de investigação possam ganhar com estas estratégias, o investigador que quiser ter acesso às comunidades e ser aceite deve evitar esta aproximação, uma vez que pode minar o desenvolvimento de relações futuras. Os autores advertem para o facto de os fotógrafos que agem de forma pouco confiante, frequentemente transmitem esse sentimento ao seu objecto de estudo, podendo tornar a sua actividade suspeita levantando sentimentos de insegurança. No caso específico do nosso trabalho, como já foi referido anteriormente, optámos pela comunicação, visto que a multiplicidade de técnicas a aplicar ficaria limitada pela falta de comunicação e porque o carácter deambulatório das actividades que pretendemos observar, dificultaria uma observação mais discreta. A estratégia foi no sentido do desenvolvimento de uma proximidade que deixou claro o papel do observador, evitando situações de desconforto resultantes de uma presença externa. A fotografia foi apresentada enquanto técnica de recolha de dados que complementa as restantes a utilizar, sendo um elemento presente desde o início do trabalho de campo, para que a sua presença se tornasse habitual o quanto antes. À semelhança do que aconteceu na observação directa, não houve problemas em utilizar a fotografia como meio de recolha de dados. Em grande parte, tal deveu-se às características dos próprios locais escolhidos para a prática. Uma vez que se estendem pelo centro do Porto e se situam muitas vezes em locais emblemáticos e com muita afluência de turistas, a câmara fotográfica por nós

utilizada era mais uma entre tantas outras. Mesmo após entrarmos em contacto com os praticantes e apresentarmos a fotografia como técnica de recolha, não sentimos qualquer tipo de apreensão, salvo uma excepção que ocorreu logo no primeiro dia de trabalho de campo, e que se relacionou com o facto de um grupo de *skaters* só deixar fotografar as manobras por parte de um deles que se apresentou como fotógrafo de *skate*. Contudo, mesmo neste caso, depois de explicar que o intuito das fotografias não era captar as manobras, mas sim a ocupação do espaço, deixou de haver qualquer problema. Tentámos que fossem tiradas fotografias em todos os dias de trabalho de campo de forma a captar possíveis variações de afluência nos locais, alterações nos locais ou outros factores que fossem surgindo. Na prática acabou por ser mais fácil complementar a fotografia com a observação directa do que com as entrevistas, uma vez que o próprio processo de aplicação das mesmas tornou impossível a captação de imagens e pelo facto de levar o material fotográfico juntamente com o material para as entrevistas (capa, guião) tornou pouco prático conciliar os dois meios de recolha. Ainda assim, conseguimos captar um número considerável de fotografias que retratam a exploração do espaço urbano através de várias modalidades desportivas. Deste modo, este mostrou-se uma técnica de recolha muito eficaz e cujas imagens recolhidas deram um importante auxílio no processo de escrita do diário de campo.

No que diz respeito aos procedimentos, Prosser e Shwartz (2001) são claros quando advertem que, se queremos legitimar os dados recolhidos, será necessário complementá-los com o máximo de detalhe. Deste modo, os dados recolhidos devem ser sempre acompanhados por apontamentos, notas de campo, descrições geográficas, informações históricas, políticas e sociais, isto é, toda a informação que possa ajudar a interpretação da fotografia. Assim o uso da fotografia neste trabalho tem como base uma grelha que está presente em anexo. No corpo do trabalho estão presentes as fotografias devidamente legendadas, em anexo está uma grelha por fotografia que reúne informações pertinentes, tais como: data; local; hora; autor; situação contextual¹⁴.

¹⁴ Passa pela descrição da situação presente na fotografia, podendo igualmente conter informações sobre o conhecimento ou não da situação pelos fotografados, as reacções dos

3.3.5 - A cartografia

Decidimos, relativamente à cartografia, procurar a colaboração por parte da MAPoteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Contámos, assim com a colaboração do responsável técnico da MAPoteca, Dr. Miguel Nogueira, que acompanhou o processo de recolha de dados no sentido de nos orientar quanto aos dados que seriam necessários para a construção dos mapas que propomos. Estes foram recolhidos através da, já referida, anamnese, na qual constam informações relativas a: Idade; Sexo; Freguesia de Residência; Desporto Praticado; Meio de Transporte para os Locais de Prática; Frequência Semanal de Prática. Com os dados recolhidos, foi também na MAPoteca que foram transformados em informação visual sob a forma de mapas. Apesar de o processo de elaboração dos mapas não ter sido levado a cabo por nós, foi necessário estendermos a nossa base teórica à cartografia, de modo a entender todo o processo pelo qual passaria a informação por nós recolhida. Assim, o que se segue é um conjunto de pressupostos teóricos que nos permitiram seguir o processo de uma forma mais próxima.

Para entender a complexidade do processo cartográfico é necessário explorar o conceito de mapa. De acordo com Macgachren (1995), os mapas estão um pouco por toda a parte, em jornais, livros, revistas ou televisão, existindo também uma grande variedade quanto à sua utilização. Alguns têm um grande nível de detalhe, aparentando desenhos ligados às engenharias, outros parecem ser desenhadas à mão ou simples diagramas. Assume-se também que, neste âmbito, um mapa é sempre algo tangível, apesar de ser reconhecida a existência de outros meios como mapas mentais, que se constituem como conjuntos de imagens mentais que têm atributos espaciais específicos. Um mapa é, então, uma representação gráfica de um determinado meio. Num sentido geral, este meio inclui todos os aspectos físicos e culturais do envolvimento, podendo ser representados em duas classes de mapas: os mapas de referência, que servem propósitos gerais; e os mapas temáticos, que mostram a distribuição particular de fenómenos geográficos específicos. Tendo em conta que pretendemos mapear fenómenos de vivência do espaço urbano

mesmos à fotografia, etc. Pode também ter lugar a descrição do contexto envolvente de proximidade.

através de práticas desportivas informais, os mapas utilizados serão do tipo temático, uma vez que procuramos mais que a descrição das características de um determinado local. Para que se possa entender onde se situam este tipo de mapas será necessário proceder a uma breve revisão acerca dos diferentes modelos que assumem.

Nos mapas de referência, a ênfase está no local e o propósito é mostrar uma variedade de propriedades do mundo ou de uma parte do mesmo. Exemplo deste tipo de mapas são os mapas topográficos e os atlas. O tipo de informação presente nestes mapas inclui linhas costeiras, lagos, rios, canais, fronteiras políticas, estradas, casas e objectos similares. Quanto aos mapas temáticos, estes dizem respeito a um tipo de mapa utilizado para demonstrar conceitos e atributos especiais de uma distribuição geográfica específica. O propósito dos mapas temáticos é ilustrar as características estruturais de uma distribuição geográfica particular. Tal, envolve o mapeamento de fenómenos físicos e culturais, ou ideias abstractas acerca dos mesmos. Os atributos estruturais incluem as relações de distância e de direcção, padrões de localização, ou atributos espaciais de mudanças de magnitude. Os mapas temáticos, como o próprio nome sugere, apresentam uma temática gráfica acerca de um objecto de estudo, sendo de salientar que apenas um tema é seleccionado para figurar nesse mapa, e é este facto que os distingue dos mapas de referência.

Os mapas temáticos podem ainda ser de natureza qualitativa ou quantitativa. A principal função de um mapa qualitativo é a de mostrar a distribuição espacial ou localização de fenómenos. Este tipo de mapa não revela qualquer tipo de quantidades, apenas informação qualitativa, sendo assim um registo que opta pela generalização face à precisão, quanto à informação que fornece. Neste tipo de mapa, o leitor não consegue determinar quantidades, excepto em relação às áreas relativas que são apresentadas. Os mapas temáticos quantitativos apresentam os aspectos espaciais de dados numéricos. Na maioria dos casos, uma única variável, como número de pessoas, rendimento ou agregado, é escolhida, e o mapa foca-se na variação da mesma de local para local. No nosso caso particular, utilizamos mapas temáticos do tipo qualitativo e quantitativo, visto que nos interessa, por um

lado, a distribuição dos fenómenos de apropriação do espaço urbano, na cidade do Porto, e por outro, a quantidade de pessoas que desenvolve este tipo de actividades.

De acordo com Macgachren (1995), é necessário compreender também o que se entende por mapeamento antes de passar ao conceito de cartografia. Esta acção refere-se à produção de um mapa tangível e define-se como o agregado de processos técnicos e individuais de recolha de dados, design cartográfico, construção e reprodução. A construção de mapas é, assim, o processo de desenho, compilação e produção de mapas. De forma geral, a cartografia é vista num sentido mais amplo, porque requer o estudo das bases filosóficas e teóricas da construção de mapas, incluindo o estudo da comunicação através de mapas. A associação internacional de cartografia¹⁵ define da seguinte forma: a arte, ciência e tecnologia que permite construir mapas, em conjunto com o seu estudo enquanto documentos científicos e obras de arte. Neste contexto, pode incluir todos os tipos de mapas, planos, cartas e secções, modelos tridimensionais, globos, representando o planeta terra ou qualquer corpo celeste. A utilização da cartografia traz, assim, muitas vantagens, uma vez que a lista de usos para os mapas é virtualmente interminável. Por sua vez, os mapas temáticos são produzidos de forma rápida e barata, visto que os processos mais complexos de mapeamento de base já foram levados a cabo. Adicionalmente, a tecnologia informática também ajuda a agilizar o processo. Estes são aspectos que levam os cartógrafos a verem os mapas como veículos de comunicação de conhecimento. Estes dão-nos meios, não só para o armazenamento de informação, como também para a sua análise, permitindo a comparação, generalização e abstracção. De centenas de experiências espaciais distintas, é possível criar conjuntos espaciais maiores, que se tornam vizinhos, distritos, estradas, regiões, países, todos em relação entre si. É possível, por exemplo, mapear atitudes, mesmo que estas não ocupem um local físico. Neste sentido, os mapas também são referenciados enquanto modelos de realidade. No entanto, Macgachren (1995) adverte para o facto de, actualmente, os mapas poderem facilmente ser feitos por pessoas

¹⁵ <http://cartography.tuwien.ac.at/ica/index.php>

não relacionadas com a cartografia, o que pode levar à existência de vários mapas de qualidade dúbia. Más escolhas quanto a escalas de símbolos, simbolização inadequada dos dados recolhidos, esquemas de cor sem planificação e design ineficaz podem ocorrer se não houver uma boa preparação teórica, o que, consequentemente, afectará a validade dos dados apresentados.

Neste contexto, existem algumas considerações a ter em conta na altura de construir um mapa. Cada mapa temático é composto por dois importantes elementos. Um mapa de base e a sua sobreposição temática. O utilizador de um mapa temático deve integrar estes dois elementos de forma visual e intelectual durante a leitura do mapa. A função do mapa de base é de fornecer a informação relativa à localização geográfica, com a qual a sobreposição temática se irá relacionar. É necessário também ter em conta que, quando se decide a representação gráfica do envolvimento ou de uma porção do mesmo, uma das primeiras escolhas a considerar é a escala do mapa. Os mapas de grande escala mostram pequenas porções da superfície da Terra; deste modo, é possível mostrar informação detalhada. Os mapas de pequena escala mostram grandes áreas e, como tal, o nível de detalhe da informação está mais limitado. A quantidade de detalhe geográfico necessária para corresponder ao propósito do mapa direccionará a escolha da escala. Um outro aspecto a ter em conta é o impacto da escala nos símbolos seleccionados. Em grandes escalas, a área e limites de uma cidade podem ser mostradas em proporção com a sua dimensão real, porém, em pequenas escalas, cidades inteiras podem ser representadas por apenas um ponto, sem qualquer relação de área com as dimensões reais.

No que diz respeito ao nosso trabalho, os mapas utilizados são todos de grande escala, uma vez que mostram na sua menor escala a área metropolitana do Porto, e na sua maior escala zonas específicas da mesma. Quanto aos símbolos utilizados, estes foram essencialmente de cariz delimitador dos locais de prática, de acordo com o que foi proposto pela MAPoteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Importa ainda referir um conjunto de considerações a ter em conta relativamente à forma como se transmite o conhecimento através de mapas. O

autor de um mapa é sempre alguém que deseja comunicar algo sob a forma de uma mensagem de cariz espacial. Por outro lado, quem lê um mapa procura adquirir conhecimento acerca de um dado aspecto. O sucesso na comunicação através de mapas depende da capacidade de quem o constrói, de perceber quais são as necessidades de quem o vai ler e quais as condições em que ocorre essa leitura. Neste sentido, o processo cartográfico está relacionado com um conjunto de operações de generalização que se denominam: selecção, classificação, simplificação e simbolização (Macgachren, 1995).

A selecção envolve decisões que dizem respeito ao espaço geográfico a ser mapeado, à escala desse mapa, ao seu aspecto, ao tipo de variáveis que são apropriadas para o objectivo do mapa, e qualquer tipo de método de recolha de dados que deva ser utilizado. A classificação é o processo pelo qual a informação é tratada através da identificação das fronteiras do objecto de estudo. A classificação reduz a complexidade, ajuda a organizar a informação mapeada e, desta forma, potencia a comunicação. A simplificação é o processo através do qual, por exemplo, uma estrada é transformada numa linha recta entre dois pontos, deixando de reter a informação exacta do seu traçado. Este processo pode surgir se o objectivo do mapa é o de demonstrar a conectividade entre dois pontos, e não a localização precisa e características das vias de comunicação. Por fim, a simbolização é, possivelmente, a mais complexa das abstracções do processo de mapeamento. Esta é necessária porque não é possível criar uma imagem reduzida do mundo real sem criar um conjunto de marcas (símbolos) que substituam os objectos reais. Existem símbolos abstractos e símbolos replicativos. Como o próprio nome indica, os replicativos são réplicas reduzidas do objecto real. Os mapas de base são replicativos por natureza, já que incluem linhas costeiras, acidentes naturais ou vegetação. Por outro lado, as sobreposições temáticas tendem a ter uma simbologia abstracta. Estes símbolos tomam geralmente a forma de figuras geométricas e são utilizados para representar dados numéricos que variam de local para local, necessitam de uma legenda detalhada. Terminamos com este conjunto de considerações, a explanação daquelas que consideramos serem as bases teóricas para seguir a elaboração dos mapas por parte da MAPoteca.

Julgamos também ser relevante expor alguns casos de utilização da cartografia que, de algum modo se relacionam com a temática deste trabalho. Ao pesquisarmos acerca da utilização da cartografia encontrámos, por exemplo, o site da Câmara Municipal da Amadora, que levou a cabo uma cartografia temática que integra um conjunto de temas de informação estruturada que no seu conjunto têm como objectivo constituir a base geográfica de referenciação municipal. Assim, é possível encontrar mapas com a localização de estruturas como, Património Arquitectónico e Arqueológico; Equipamentos Administrativos e Serviços de Apoio à Colectividade; Equipamentos de Educação e Ensino; Equipamentos de Saúde; Equipamentos de Cultura e Equipamentos Desportivos. Esta é uma informação essencialmente referencial, mas constitui um bom exemplo da utilidade da cartografia, uma vez que facilita o acesso às várias estruturas da cidade. Ainda relativamente às políticas municipais, Cassol e Giordani (2007) utilizaram a cartografia na investigação de conflitos sociais e ambientais, em Rio Grande do Sul, no Brasil. Os autores alertaram para a existência de graves conflitos ambientais decorrentes de um processo de urbanização desordenado, que gerou consequências negativas no meio ambiente e afectou a qualidade de vida dos habitantes locais. Segundo estes autores, cabe aos geógrafos analisar a estrutura e reestruturação socioespacial, processo no qual as áreas de maior risco ambiental são destinadas aos segmentos sociais menos favorecidos. Neste sentido, a cartografia foi utilizada para verificar a existência e distribuição destes fenómenos.

Numa perspectiva educativa, Ferreira e Scherma (2008) propõem a utilização de actividades físicas desportivas, como a orientação como instrumento na construção de uma metodologia para o ensino da geografia e da cartografia. Os autores sugerem que, para desenvolver o raciocínio geográfico, é necessário seleccionar conteúdos que sejam relevantes e que a compreensão da linguagem cartográfica pode ser melhor compreendida através do uso de ferramentas práticas, como as provas de orientação. Neste trabalho, a cartografia é tanto um meio como um objectivo a atingir, demonstrando uma vez mais a variedade de objectivos que podem ser estabelecidos com recurso a esta ferramenta.

No que diz respeito às actividades físicas informais, o *site* www.tiscover.ch fornece um conjunto de mapas denominado mapa de *skate* de Zurique. Este *site* oferece, para além do mapeamento das vias próprias para a prática, informação relevante que torna a prática mais segura. Os mapas fornecem informações em inglês e alemão que vão para além das presentes na maioria dos mapas. Estão presentes os elementos urbanos, como sejam bancos ou passeios, assim como lojas de interesse, numa perspectiva de promoção turística. Adicionalmente, cerca de uma centena de fotografias permitem observar vários locais propícios à prática destas actividades, nos vários quarteirões da cidade. Tal como no próprio *site* se constata, para o desenvolvimento deste tipo de desportos, assim como para o desenvolvimento das possibilidades turísticas de cidade, o *Swiss Skate Map of Zurich City*, é um exemplo a seguir.

Porém, encontramos também exemplos de políticas menos promotoras. O *site* www.urbandcartography.com reporta como na cidade de Toronto foram construídas barreiras com o objectivo de impedir a prática de desportos alternativos urbanos. São de notar as reacções presentes no próprio *site* face a este fenómeno. Alguns intervenientes sentiam-se frustrados por este tipo de política, deixando bem claro, no *site*, que não se deixariam vencer, até porque este tipo de medidas visa não só eliminar estas actividades como também, por exemplo, a dormida de pessoas sem-abrigo em espaços públicos. É também apontado que este é o tipo de atitude de exclusão que tem tomado conta dos ambientes urbanos mais ricos da América do Norte.

Para terminar, referimos também a utilização da cartografia no estudo de fenómenos culturais. Como se pode ver em Oliveira e Pinto (2008), a cartografia foi utilizada para analisar quais os aspectos que podem consolidar o perímetro urbano que compreende a Praça da República e o Largo de S. Domingos, e a Praça do Poveiros e a área de Miguel Bombarda, como zonas que favorecem a afirmação cultural e artística da cidade do Porto. Para tal, partiram de uma análise geral, através da qual apresentaram os primeiros traços do fenómeno estudado, para depois partir para uma caracterização mais específica de quatro espaços, analisados de forma mais intensiva. Utilizando a cartografia como meio de exposição visual, foi possível apresentar aquilo que

denominaram de Cluster Cultural Emergente na Baixa do Porto. Numa perspectiva semelhante, apesar de se centrar numa população alvo diferente, o estudo *Urban Cartography V. 01: Bandung Creative Community 1995 – 2005*, constituiu-se como um esforço para a construção de um mapa que pudesse ser utilizado para identificar a existência de várias comunidades criativas. O estudo reporta que desde 1994-1995 a emergência de algumas comunidades juvenis que produzem os seus próprios bens numa base local, marcou uma nova fase no desenvolvimento da cultura urbana naquele local. A razão apontada para tal desenvolvimento é a existência de uma ética *Do It Yourself*, que na altura imperava nas comunidades de *skaters* e *punks*, e acabou por se espalhar pelas restantes comunidades juvenis que frequentavam o centro urbano. Com este estudo de Iskandar et al. (2005), é possível verificar que uma cartografia aplicada às vivências do espaço urbano, através de práticas desportivas informais, pode ter ramificações que vão para além da promoção de estilos de vida saudáveis, podendo ter, inclusivamente, impacto na revitalização económica de um local, uma vez que pode fomentar a proliferação de meios criativos, assim como, conforme vimos com o caso de Zurique, potenciar a constituição de pólos de turismo.

3.4 - A análise de conteúdo

Após a recolha dos dados foi necessário saber como tratá-los e interpretá-los de forma a que o discurso original se tornasse susceptível de ser compreendido. Para lá da mera narração de acontecimentos era necessário que se tornasse susceptível de promover novos conhecimentos acerca da problemática em questão. Assim, para que se pudesse proceder à desmontagem de um discurso e produção de um novo, através de um método de localização e atribuição de traços de significação, foi necessário proceder à análise de conteúdo (Vala, 1986). A eficácia deste processo analítico, quando se trata de analisar o tipo de dados recolhidos neste trabalho, é confirmada por vários outros autores (Bardin, 1977; Quivy e Campenhoudt, 1998; Burgess, 1997).

Segundo Bardin (1977, p.33), este processo consiste num “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Sendo o objectivo a interpretação através da explicitação do conteúdo dos dados e da forma como estes se expressam, é correcto afirmar, apoiados nos trabalhos dos autores anteriormente referidos, que a análise de conteúdo é a melhor forma de tratar os dados de modo a estarem prontos para a interpretação. Este processo tem como vantagem o facto de poder realizar-se sobre material que não foi produzido com fins investigativos, permitindo trabalhar com documentos, como entrevistas abertas, correspondência, mensagens dos media, etc. Fornece, portanto, informações importantes que, de outra forma, não poderiam ser utilizadas de maneira consistente pela história, psicologia e a sociologia (Vala, 1986).

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo desempenha, as funções, de administração de prova e de heurística. A primeira diz respeito à confirmação ou infirmação de hipóteses e a segunda ao processo de exploração e descoberta dos dados, facto que aumenta a disposição para a descoberta. No desempenho destas funções, e em relação ao nosso trabalho, a análise de conteúdo foi realizada *a priori*, aquando da elaboração quadro teórico e *a posteriori*, depois de realizada a leitura flutuante (Vala, 1986).

Seguindo as indicações de Vala (1986), a análise de conteúdo compreendeu: a delimitação e dos objectivos e definição de um quadro de referência teórico; a constituição de um *corpus*; a definição de categorias; a definição de unidades de análise. Tendo já sido tratados anteriormente os dois primeiros tópicos, debruçamo-nos agora sobre o terceiro, a construção do sistema de categorias.

3.4.1 - Construção das categorias de análise

Num estudo desta natureza, a criação de sistemas de classificação, ou seja, a categorização, irá permitir simplificar o objecto de análise para aumentar a facilidade de compreensão e explicação. Neste sentido, este processo é “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos” (Bardin, 1977, p.111). De acordo com Vala (1986), a construção de um sistema de categorias pode ser feita *a priori* ou *a posteriori*, ou ainda através da combinação destes dois processos. Neste caso, a construção do sistema categorial foi levada a cabo antes da recolha de dados, de modo a permitir direccionar a forma como os mesmos foram recolhidos.

Na construção da categorização foram tidas em conta um conjunto de qualidades que, segundo Bardin (1977), as categorias devem possuir. Assim, tentámos classificar de acordo com um único princípio de organização, ou seja, os elementos que pautam a escolha de um local de prática. As categorias foram construídas de forma a tornar claro o que incluir ou não em cada categoria, mas sem esquecer que cada categoria faz parte de um todo, e como tal não pode ser completamente independente das restantes. De forma a respeitar a necessidade de pertinência no processo de categorização, centrámo-nos desde o primeiro momento nos factores que influenciam a selecção de um local. Também foi dada importância ao facto de ser necessário manter a objectividade e fidelidade. Apesar da recolha de todos os dados ter sido efectuada sempre pela mesma pessoa, retirando daí qualquer viés de preparação dos dados, o seu tratamento foi feito de modo a obter consenso. Ou seja, depois da leitura flutuante, e depois de estabelecidas as unidades de

análise (descritas em seguida), a classificação e a codificação foram desenvolvidas por duas pessoas em separado. Depois efectuadas estas tarefas e confrontados ambos os resultados da classificação e codificação, foi ainda consultada uma terceira pessoa, no sentido de obter consenso em todo esse processo de tratamento dos dados. Depois de obtido esse consenso e, consequentemente, depois de garantir a validade dos resultados, prosseguiu-se para o processo de análise e discussão dos resultados. Por fim, ao criar um sistema de categorização bem delimitado, tivemos em consideração a necessidade de produtividade, isto é, de que esta produza resultados férteis.

Como referido, para além da construção do sistema categorial, é necessário definir as unidades de análise, existindo, segundo este autor três tipos (Vala, 1986): a unidade de registo, a unidade de análise e unidade de enumeração. Uma unidade de registo diz respeito a um determinado elemento de conteúdo que se caracteriza e se insere numa dada categoria, sendo os objectivos do trabalho os determinantes da natureza das unidades a utilizar. Estas podem ser de dois tipos: formais e semânticas. No primeiro caso, incluem-se a frase a palavra, a intervenção de um locutor numa discussão, uma interacção, uma personagem, etc. No segundo caso, a unidade mais frequente é o tema. A unidade de contexto que constitui um segmento mais amplo de conteúdo, e depende do tipo de unidade de registo que se escolheu. Estas são essenciais para que se possa compreender a significação exacta de uma unidade de registo, utilizando-se a frase no caso da palavra e o parágrafo no caso do tema (Vala, 1986). Existe ainda a unidade de enumeração, que diz respeito à unidade em função da qual se procede à quantificação. Estas podem ser classificadas como geométricas ou aritméticas. As unidades geométricas são as mais frequentes, sendo recomendadas em análises de imprensa e histórias de vida. Por outro lado, as unidades aritméticas permitem contar a frequência de uma categoria, a intensidade de uma atitude ou o número de imagens dedicado a determinado conteúdo.

Fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido. Tendo em conta que o tema é uma unidade de registo geralmente utilizada para estudar

motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, assim como as entrevistas ou os inquéritos, as comunicações de massa, etc., seleccionámos esta como unidade de análise adequada para este trabalho (Bardin, 1977).

3.4.2 - As categorias

Após a definição da unidade de análise, e tendo a categorização determinada, partimos agora para uma exploração mais aprofundada das categorias, de modo a deixar claro o que exploraremos em cada uma. Como já referimos no subcapítulo dedicado às entrevistas. A categorização surgiu quando foi necessário encontrar um fio condutor para as mesmas. Para tal, realizámos uma leitura flutuante sobre o material até então produzido, surgindo assim as categorias: Acessibilidade, Sociabilidade, Compatibilidade, Características do Local. Estas foram surgindo um pouco por todo o quadro teórico, mas foram consolidadas pelo trabalho de Wolley e Johns (2001), que teve como objecto de estudo três grandes cidades inglesas, nas quais se observou o modo como o *skate* é vivido. Em todas as categorias incluímos os dados recolhidos através das observações, das entrevistas e da fotografia, criando assim uma descrição e análise mais rica de cada categoria.

Na categoria referente à acessibilidade procurámos entender de que modo aspectos como, a localização de um local e a maneira de aceder ao mesmo, influenciam a sua escolha. Assim, incluímos todos os discursos referentes à facilidade ou dificuldade em chegar a determinado local, à importância dada aos transportes públicos existentes em redor, e à importância dada à centralidade dos locais observados. A compatibilidade é uma categoria que nos permite entender de que forma se relacionam os praticantes com a população que utiliza o mesmo espaço e com as autoridades. Damos, portanto, espaço a discursos que digam respeito aos conflitos ou ausência dos mesmos nos vários locais, assim como à importância dada pelos praticantes a este factor. Com esta categoria tenta-se assim perceber como é que se dá a negociação da utilização dos espaços nos locais de prática desportiva.

Com a sociabilidade tentámos entender se os locais observados ofereciam ou não espaços que permitissem o desenvolvimento das relações

sociais. Nesta categoria surgem os discursos relacionados com a importância do desenvolvimento das relações sociais durante o tempo de prática desportiva, e a importância que o local pode desempenhar neste mesmos fenómenos. As características do local dizem respeito aos aspectos físicos que possibilitam ou não a prática de uma actividade física num dado local. É através desta categoria que percebemos que estruturas urbanas servem este tipo de práticas e a importância relativa que a sua existência pode assumir no momento de escolher o local de prática. Por fim, o significado da prática para o sujeito vem dar resposta não tanto ao onde, mas sim ao como se podem promover estas práticas. Como já verificámos, é necessário compreender o que é valorizado nesta faixa etária, assim como a importância que se atribui ao tempo de lazer e ao desenvolvimento das relações sociais. É uma categoria que, de certa forma, engloba as anteriores, indo para além das mesmas ao conferir um conjunto de motivações pessoais à escolha não só do local, mas também do desporto praticado.

4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

--

4 - Apresentação e Discussão dos Resultados

4.1 - Os praticantes

O trabalho de campo iniciou-se através de deambulações pela cidade do Porto em busca de jovens que utilizassem os espaços da cidade para a prática de desportos informais, uma vez que o objectivo era perceber, através dos praticantes, que tipo de actividades desportivas é valorizado. O que encontrámos foi um cenário dominado pelos desportos alternativos urbanos, através dos quais vários grupos de jovens ocupam algumas zonas da cidade que partilham a característica de não terem sido criadas com o propósito da prática desportiva. Ao longo do trabalho de campo foi notório o aumento do número de praticantes, que passaram de algumas dezenas no início do ano de 2009, para cerca de uma centena já no final de Maio do mesmo Ano. Tendo observado um grande número de praticantes, o número de entrevistas realizadas tinha que espelhar essas mesmas constatações. Assim, no que diz respeito à recolha de dados através de entrevistas semi-estruturadas, a população estudada foi de 70 praticantes.

Começámos então pela caracterização da população partindo dos dados recolhidos nas entrevistas, que tal como já foi referido, foram complementadas com uma anamnese que não só serviu de base ao processo cartográfico, como também permitiu recolher dados que melhor permitem conhecer os praticantes observados. Tendo em conta que o objectivo era a observação da população adolescente, a média de idades dos sujeitos entrevistados é de 15,7 anos, valor que é um pouco superior ao esperado devido à existência de 4 entrevistados com idades superiores a 20 anos (entre os 20 e os 25 anos). Decidimos abordá-los pelo interesse de recolher testemunhos de pessoas com mais tempo de prática e que, como tal, pudessem ter mais opiniões formadas acerca do assunto em questão. Ao analisarmos as idades, recorrendo à moda e mediana, obtemos como idade mais frequente 14 e 15 anos, com 18 entrevistados para cada idade, e 15 anos relativamente à medida de tendência central. De facto, 49 dos 70 entrevistados tinham entre 14 e 16 anos, o que vai de encontro ao que procurávamos analisar em termos de faixa etária. Resta

ainda mencionar que o sujeito inquirido mais jovem tinha 13 anos e o mais velho 25 anos. No entanto, não podemos deixar de referir que durante as observações foi possível verificar a presença de crianças acompanhadas pelos pais, sobretudo na Casa da Música e no Edifício Transparente durante o fim-de-semana, e de pessoas com idades acima dos 25 anos, um pouco por toda a cidade.

Quanto à ocupação, e tendo em conta a faixa etária, não é de estranhar, como ilustra o seguinte gráfico, que tenhamos encontrado 65 estudantes e apenas 5 trabalhadores, correspondendo, respectivamente, a 92,8% e 7,2% da população entrevistada.

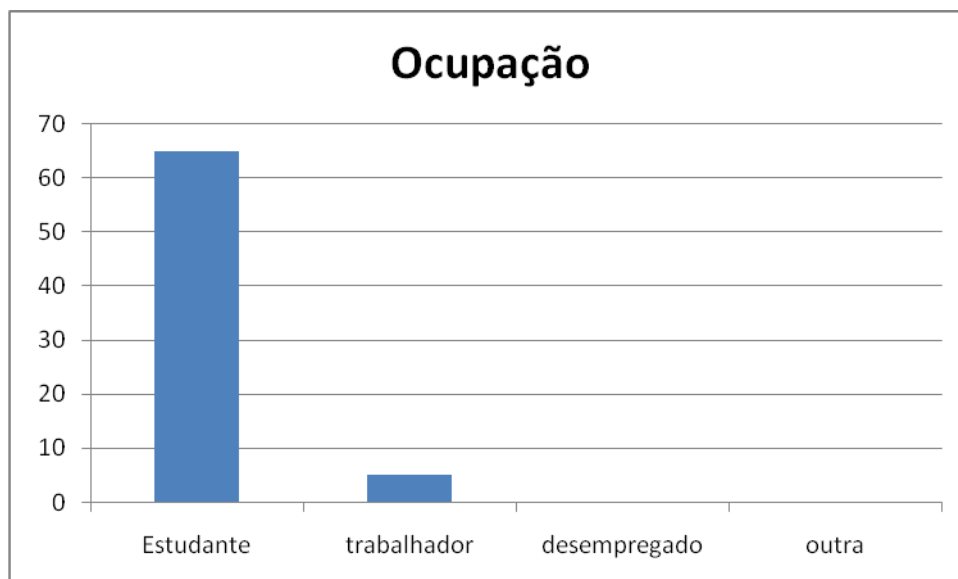


Gráfico 1: Ocupação dos entrevistados

Uma questão que se levantou nesta altura foi no sentido de entender, uma vez que grande parte dos praticantes é estudante, que influência poderá ter a localização do estabelecimento de ensino na escolha do local de prática. Decidimos não abordar neste momento esta relação visto que o afastamento dos objectivos centrais traçados para este trabalho traria a necessidade de tempo que não dispúnhamos, ficando esta questão em suspenso para os próximos trabalhos.

Quanto à acessibilidade, verificámos que muitos dos locais apropriados têm em comum o facto de serem centrais e com vários meios de transporte em

seu redor. Como tal, decidimos tentar perceber de que forma se deslocam os praticantes para os locais de prática para que futuramente se possa entender se existe alguma relação entre a localização dos meios de transporte e a escolha dos locais de prática. Para este momento é relevante deixar presente a informação relativa aos dados recolhidos, conforme se pode verificar no Gráfico 2.

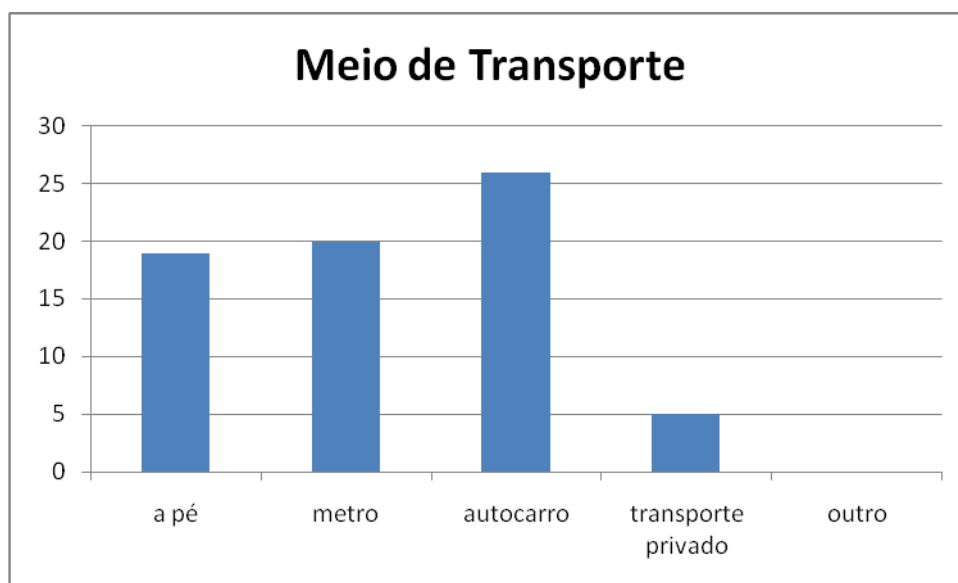


Gráfico 2: Meios de transporte para o local de prática

Como se pode verificar, 19 (27,14%) sujeitos deslocam-se a pé para os locais, 20 (28,57%) de metro, 26 (37,14%) de autocarro e 5 (7,14%) de transporte privado. Estes números permitem perceber a importância da existência de transportes públicos para os praticantes, uma vez que 65 (71%) dos praticantes entrevistados utiliza estes meios e 7,14% utilizam o transporte privado, devido à inexistência de ligação entre o local de residência e o local de prática através da rede de transportes públicos. Tal como foi possível verificar com o grupo de *parkour* entrevistado, uma boa rede de transportes públicos pode favorecer a presença de mais praticantes visto que "Possivelmente vínhamos mais vezes se não fosse tão demorado chegar cá", como afirma um dos entrevistados relativamente à frequência com que se deslocam ao Porto.

Como já referido, não tínhamos expectativas em relação ao que íamos encontrar quando partimos para o trabalho de campo. Aquilo que encontrámos

foi uma cidade povoada por vários desportos com uma tendência marcada para o aumento de variedade e de número de praticantes. Os dados que aqui apresentamos dizem respeito a uma evolução que foi observada enquanto progredia, desde um meio quase exclusivamente ocupado por *skaters*, para uma variedade de formas de apropriação do espaço que julgamos que não se esgotarão nas apresentadas no Gráfico 3.

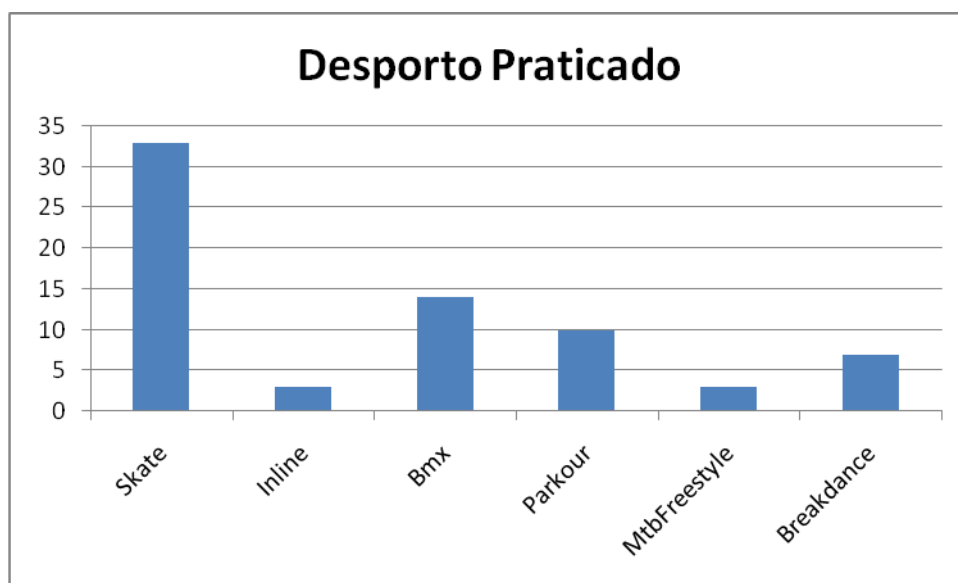


Gráfico 3: Desportos praticados pelos entrevistados.

Como se pode verificar, os *skaters* predominam na paisagem da cidade do Porto com 33 (47,14%) dos 70 entrevistados a praticarem este desporto. No entanto, entrevistámos 3 praticantes de *inline*, correspondendo a 29%, 14 de BMX, correspondendo a 20%, 10 de *parkour*, correspondendo a 14,29%, 3 de MtbFreestyle, correspondendo a 4,29% e 7 de *breakdance*, correspondendo a 10%. Contudo, apesar destes dados, foi possível, durante as observações iniciais, observar outros desportos que entretanto não voltámos a encontrar, como um grupo de praticantes de *Lindy Hop*¹⁶ na Estação de S. Bento e na Praça dos Leões, que aparentavam ter idades acima dos 20 anos.

No final da anamnese perguntámos ainda com que frequência semanal treinavam os entrevistados. Doze (17,14%) dos entrevistados treinavam

¹⁶ Lindy Hop é uma dança que surgiu nos anos 1920 caracterizada pelo ritmo jazz da época.

apenas uma vez por semana, 36 (51,43%) treinavam uma a três vezes por semana, e 22 (31, 43%) treinavam mais de três vezes por semana. Este dados indicam que a maioria dos entrevistados (82,86%) treina mais de uma vez por semana, sendo, portanto frequente a sua presença na cidade do Porto, como ilustra o Gráfico 4.

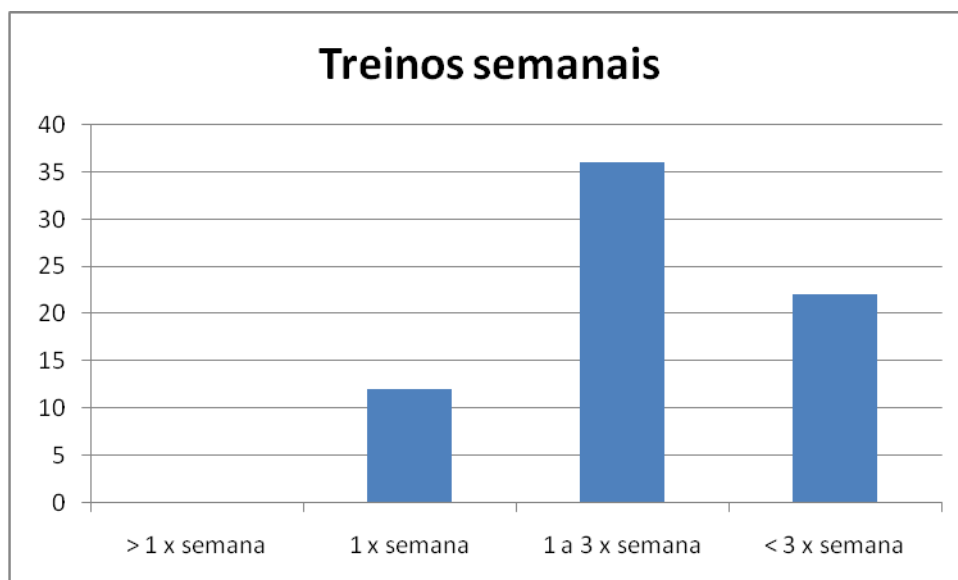


Gráfico 4: Frequência de treinos semanais

Os dados recolhidos através da anamnese presente na primeira parte das entrevistas fornecem-nos já uma visão global que permite caracterizar, sob vários aspectos, a população observada. Assim, temos, de uma forma geral, uma população adolescente essencialmente entre os 14 e os 16 anos, na sua grande maioria estudante, com um número substancial de residentes fora da cidade do Porto, que depende da rede de transportes públicos para treinar entre uma a mais de três vezes por semana na cidade do Porto. Recolhemos, deste modo, um conjunto de informações importantes e reveladoras de várias características dos sujeitos entrevistados, mas que acima de tudo levantam um conjunto de questões cuja resposta requer um nível de análise diferente. Quem são então estes jovens que utilizam a cidade como palco das suas práticas desportivas de cariz informal? O que os faz escolher estes locais? Serão um fenómeno isolado ou representativo de uma nova forma de relação entre corpo

e espaço, na qual os desportos alternativos urbanos assumem especial importância?

Para responder a estas questões é necessário debruçarmo-nos agora sobre a entrevista, já que os dados apresentados até este ponto dizem respeito à parte da anamnese. Como já foi referido no Capítulo IV referente ao campo metodológico, a entrevista é constituída por duas questões. A primeira pergunta vai no sentido de tentar entender quais são as razões do praticante para escolher aquele local, sendo o desenvolvimento da conversa guiado pelas categorias: Acessibilidade; Sociabilidade; Compatibilidade e Características do Local. A segunda questão diz respeito à importância da prática para o praticante, e vai no sentido de tentar confirmar ou não aquilo que verificámos no enquadramento teórico, isto é, os vários significados que podem estar inerentes à prática desportiva. Através da análise de conteúdo, tanto das entrevistas como das observações, foi possível chegar a um retrato mais pormenorizado da população em estudo.

Em primeiro lugar, o que sobressai é a existência exclusiva de praticantes de desportos urbanos alternativos durante as observações, o que por si só já é ilustrativo da crescente popularidade que este tipo de actividades tem vindo a ganhar. Senão, veja-se o exemplo da comunicação social, onde dificilmente se encontra algo direccionado para a população jovem que não faça referência a algum dos desportos praticados pela população em estudo. Facto constatado por Carvalho e Pereira (2008) relativamente à crescente popularidade do *parkour* que entre 2007 e 2008 esteve presente em várias publicações. Desde periódicos a revistas de cultura urbana, passando também pelas séries de televisão juvenis, ficou demonstrado, já na altura, esta tendência para o aumento da popularidade deste tipo de actividades entre a população jovem. A estas constatações podemos acrescentar as conclusões de estudos como os de Camy, Adamkiewics e Chantelat (1993), Lopes (2000) ou Bach (2003), que descrevem como o espaço urbano se constitui o meio através do qual se movem as culturas juvenis, se desenvolvem e se diferenciam, e se apropriam de locais específicos, primariamente concebidos para outras actividades. Percebemos, assim, que esta é uma tendência que se vem desenvolvendo há já algum tempo e que está a desenvolver-se de forma

notória na cidade do Porto, servindo não só para aumentar os níveis de actividade física dos seus praticantes, mas também como veículo promotor destas actividades que cada vez se tornam mais apelativas a esta faixa etária.

Da análise de conteúdo das entrevistas e observações, uma das categorias que assume grande importância é a Sociabilidade, isto é, um conjunto de características de um espaço que permitem, para além da prática, o convívio, a socialização, entre os elementos dos vários grupos. De acordo com o que verificámos através de Lefebvre (1981), o espaço é o produto social do corpo humano, não é neutro e inerte, mas antes uma produção contínua de relações espaciais. Aquilo que foi possível verificar através das observações, foi que estes processos paralelos à prática desportiva assumem tanta ou mais importância que a própria prática, como demonstra o seguinte excerto do diário de campo: “Não foi difícil perceber que o que se passava, acima de tudo era uma reunião de amigos, com o *skate* como pano de fundo. (...) as relações de sociabilidade que se desenvolvem durante a prática são tão ou mais importantes que o próprio desporto.” De facto, em qualquer dos locais observados, verificava-se que existiam tantas pessoas a praticar como pessoas sentadas em grupo a conversar. Assim, por um lado, de acordo com Lefebvre (1981), os Espaços de Prática demonstram as formas como se dá a interacção entre o corpo e o espaço, sendo o movimento e a actividade física formas representativas destes espaços, estando assim associados às Características do Espaço. Por outro, as Representações do Espaço e o Espaço de Representação surgem fortemente associados a esta categoria.

As Representações de Espaço dizem respeito, como vimos no quadro teórico, às relações de produção e à ordem que tais relações impõem, e, por conseguinte, ao conhecimento, sinais, códigos, e relações frontais. Sendo elementos fundamentais, estes são condensados em representações passíveis de comunicação, regulando e controlando, por exemplo, o desporto e a sua prática. Por sua vez, os Espaços de Representação referem-se a espaços vividos directamente através da associação de imagens e símbolos, sendo, portanto, o espaço dos habitantes e utilizadores. Estes espaços surgem de forma individual ou colectiva e são dinâmicos permitindo a criação de geografias alternativas. Podemos, assim, relacionar estes últimos com o

observado relativamente a esta categoria, na medida em que é através dos mesmos que se desenvolvem actividades e relações que asseguram a identidade de cada grupo e de cada actividade desportiva. Desta forma, nem todos os grupos de *skaters* são iguais, havendo também uma diferenciação de actividade para actividade, sendo que, por outro lado, existe uma vontade de apropriação do espaço através dos desportos que praticam e que os une na tentativa de se representarem e tornarem visíveis através das suas práticas. Para além das conclusões que pudemos tirar das observações, o próprio discurso dos entrevistados foi no sentido daquilo que havíamos observado. De acordo com um dos entrevistados, “Venho sempre com amigos por isso é importante que o espaço tenha sítio para nós estarmos e andarmos (de skate)”. Percebe-se, pois, a importância das relações sociais que se estabelecem nestes períodos, até porque normalmente se estendem para além de uma normal sessão de treino, como podemos perceber pelos seguintes excertos de duas entrevistas: “Gostamos de estar na boa, não é preciso estar sempre a treinar e é bom ter sítios em que podemos fazer isso”; “podemos estar uma tarde inteira a treinar ou a descansar sem problemas”. Assim sendo, os jovens praticantes destes desportos não os vivem como uma mera prática, estes fazem parte do seu quotidiano e do seu círculo de amigos.

Uma outra categoria que ajudou a caracterizar a população em estudo foi a Compatibilidade, isto é, o conjunto de características que conduzam ou não a conflitos entre os praticantes e a restante população ou autoridades. De forma geral, através das observações, verificámos que existe uma tentativa de não criar situações problemáticas por parte dos praticantes, ainda que, por vezes, a sua prática interfira com a trajectória de alguns transeuntes. Tal como se verifica em trabalhos como os de Karsten e Pel (2000), Pedrazzini (2001) ou Steyn (2004), a escolha de locais públicos, ainda que tentando não gerar problemas, é uma característica destes grupos que se prende muitas vezes com a própria identidade cultural, estando por vezes associada a manifestações de resistência social. O mesmo verificaram Carvalho e Pereira (2008) relativamente à forma como os elementos de um grupo de *parkour* se apropriavam do espaço envolvente, ora de forma discreta, ora criando situações de desafio face às pessoas que os tentavam expulsar. No entanto, e

sendo esta uma análise que tem por base um quadro teórico fortemente direccionado para as relações estabelecidas entre as culturas juvenis e o espaço urbano, podemos interpretar os fenómenos observados da forma que expusemos anteriormente. Não obstante, não podemos esquecer o próprio discurso dos intervenientes, segundo os quais, “Um sítio onde ninguém nos venha chatear (*sic*) é o que procuramos”, uma vez que parece ser “muito importante estar à vontade, porque há sítios como na Maia onde já arranjam problemas, mas aqui no Porto não costuma haver tantos”. Facto confirmado por outro entrevistado, segundo o qual “Gosto de andar no Porto porque nunca tive problemas nem com pessoas nem com polícias”.

A segunda pergunta foi a que gerou respostas mais consensuais e a que permite um olhar mais aprofundado sobre o significado destas práticas para os sujeitos em questão. De acordo com Carvalho e Pereira (2008), de forma geral, independentemente da cultura juvenil, existe uma ideologia própria, um carácter de resistência social, um conjunto de normas de comportamento em grupo e de construção de uma identidade no seio do grupo, e uma simbologia e estética particular. Assim, apercebemo-nos que quer estejamos a investigar uma forma desportiva ou algum estilo musical, a forma pela qual um membro dessa subcultura entende o mundo e se relaciona com os seus pares e restante sociedade, está organizada segundo um conjunto de princípios que o direccionam para uma forma de pensar, de agir, de comunicar, de se apresentar e de interagir. É precisamente essa forma que foi possível vislumbrar tanto através das observações como, posteriormente, através das entrevistas.

Embora o principal objectivo deste trabalho não seja o de identificar as características culturais de cada grupo, é relevante a criação de uma caracterização geral dos praticantes observados, uma vez que, segundo Carvalho e Pereira (2008), a análise da relação com o risco, com as formas desportivas clássicas e com os novos repertórios de movimento corporal, permite, olhando para lá das diferenças técnicas de cada desporto, afirmar que os praticantes dos desportos alternativos urbanos têm um perfil sócio-cultural próximo. Se a esta constatação aliarmos exemplos de troca de influências ideológicas entre desportos alternativos, como demonstra Humpreys (1997)

num estudo em que é possível verificar relações ideológicas entre o *skate* e o *snowboard*, a semelhança no perfil sócio-cultural torna-se ainda mais consolidada. Assim, apesar da escassez de estudos relativos às influências culturais específicas de cada um destes desportos, pode-se afirmar que a ideologia relativa à prática é semelhante e que as outras influências ideológicas podem surgir do contacto entre os vários desportos alternativos urbanos, facto que nos permite tentar traçar um perfil geral da população em estudo.

Neste sentido, no que diz respeito à ideologia, os dados recolhidos a partir das observações vão no sentido de uma prática direccionada para o lazer, isto é, não foi possível observar a atmosfera típica de um treino de alto rendimento. Não observámos nenhuma estruturação do dia de treino, nem um conjunto de atitudes direccionadas apenas para a melhoria na performance desportiva. Em todas as observações, independentemente do local ou desporto praticado, era possível observar, conforme se verifica na seguinte passagem do diário de campo, uma “uniformidade de atitudes e representações, que assumiam, essencialmente, a forma de uma atitude descontraída e de fruição do momento”. Também as entrevistas demonstraram o mesmo, acrescentando sob o discurso dos praticantes a importância que a prática destes desportos assume na própria identidade dos praticantes, como se pode verificar nos seguintes excertos: “faz parte de mim e da minha maneira de ser”; “O *breakdance* é aquilo com que me identifico, faz parte de quem eu sou”; “A mim isto faz-me sentir livre, deixas de pensar nos problemas e entras no espírito da dança”; “Mal acordo penso logo: onde é que está o meu *skate*. É uma parte muito grande do meu dia, é a minha forma de estar”; “O *parkour* é um modo de vida, não é a mesma coisa que jogar futebol, é paixão mesmo. Sem dúvida que envolve a minha identidade.” Com estes testemunhos entende-se que a prática ultrapassa o momento de treino e transpõe-se para o quotidiano, para a própria identidade do sujeito, na maioria das vezes de uma forma que está longe do espírito competitivo dos desportos de alto rendimento.

Relacionada com a identidade, vêm os discursos e atitudes de resistência social. Da mesma forma, Beal (1995) aponta a criação de formas alternativas de normas e relações que enfatizam a papel do participante, como um modo de resistência na subcultura do *skateboarding*, desporto que os seus

praticantes definiam como uma forma de vida e não como uma via de profissionalização. Estes estavam interessados em aproveitar a prática para experimentar novos espaços e conhecer novas pessoas, algo que podemos interpretar na atitude dos praticantes observados como um meio de resistência social já que a maioria não parecia minimamente interessada em qualquer aspecto competitivo, que, de resto, qualquer um dos desportos observados já tem. O clima descontraído contrariava, deste modo, a pressão dos desportos alternativos de alto nível, relacionada com patrocínios e eventos internacionais. Aqui, como vimos pelas passagens anteriores, não existem muitos praticantes interessados em competir, mas sim em divertir-se e conviver com os amigos, como se pode ver no discurso de um dos entrevistados: “Ando por gosto, divirto-me com os amigos, passo um bom tempo...”

No que diz respeito à forma como se representavam, pode também traçar-se um retrato geral. A forma como os membros de uma cultura juvenil utilizam o vestuário, a linguagem, e várias outras formas simbólicas, faz com que sejam facilmente identificados como pertencentes a um determinado grupo. De acordo com Steyn (2004), é necessária a clarificação das dimensões que os jovens valorizam, de modo a poder entender de que maneira, as tão valiosas relações de sociabilidade, se estabelecem e quais os meios que utilizam para comunicar as suas semelhanças e diferenças. Só desta forma se poderá entender de que forma as actividades desportivas podem incorporar discursos representativos, tornar-se elas próprias símbolos de várias culturas juvenis. O autor dá ainda como exemplo o facto de a tábua de *skate* se constituir um elemento simbolicamente importante por se tornar numa micro-representação do *skater*. É neste sentido que surge a necessidade de analisar a importância que o poder representativo destes símbolos tem no seio de um grupo.

No caso dos sujeitos observados, a representação visual assumia-se como tipicamente relacionada com os desportos alternativos urbanos. O vestuário era sempre confortável, mais ou menos desportivo, normalmente com *t-shirts* ou *sweatshirts* de marcas relacionadas com o desporto praticado e com calças normalmente largas. O calçado também era desportivo, mas mais uma vez variava conforme o desporto praticado, sobretudo no que diz respeito à

marca. Como se verifica no seguinte excerto do diário de campo, existia uma “uniformidade quanto à forma como os praticantes agiam e se apresentavam. O visual era marcadamente relacionado com este tipo de práticas, e as atitudes eram descontraídas, ainda que cientes do que tentavam representar”. No que diz respeito à linguagem, como seria de esperar, cada desporto tem os seus termos próprios que cada praticante utiliza para se identificar com os praticantes do mesmo desporto por um lado, e se diferenciar dos restantes por outro.

Por fim, este conjunto de características que foram sendo apontadas até ao momento permite a construção de uma identidade que define o praticante. O processo de construção dessa identidade é criado através de uma rede complexa de símbolos, conhecimentos e atitudes que vão no sentido de consolidar a posição de um indivíduo num determinado contexto. Tal como evidencia Hunter (2002), a identidade social refere-se à forma, através da qual, indivíduos e grupos são distinguidos nas suas relações sociais com outros indivíduos e grupos. Subsequentemente, a identidade social é tão necessária ao desenvolvimento de relações sociais, como o inverso. No caso da população observada, a identidade de cada um é formada por um conjunto complexo de características que vão desde a atitude face ao desporto praticado, à forma como se representam perante os restantes, ao tipo de linguagem que utilizam, à forma como se relacionam com os colegas e com os praticantes de outros desportos e até ao tipo de equipamento utilizado. Este conjunto de características, uma vez contextualizado num espaço, relaciona-se directamente com o Espaço de Representação de Lefebvre (1981). Este combina, assim, os espaços anteriores - Espaço de Prática e Representação do Espaço -, dando lugar a espaços geográficos e historicamente delimitados, sendo resultado de práticas espaciais socialmente específicas. Este é o espaço das lutas sociais e de discursos de resistência social, sendo importante entender que este é um espaço tanto opressivo como libertador.

Deste modo, este é um conjunto de praticantes que apesar de poder ser caracterizado de uma forma geral, tem as suas particularidades e variações de grupo para grupo, e que, no final, vão determinar o tipo de estruturas seleccionadas para a prática desportiva. Em última análise, é o tipo de

conhecimento que foi agora desenvolvido em relação aos intervenientes que nos permitirá passar à fase seguinte, isto é, à análise dos espaços propriamente ditos, enquanto meio que propiciam a prática de desportos informais por parte da população jovem na cidade do Porto.

4.2 - Descrição dos espaços

Nesta segunda parte da apresentação dos resultados fazemos uma análise dos dados recolhidos partindo dos espaços. Começamos por uma descrição de cada um, quanto às características físicas que apresentam e aos desportos que nestes se observaram, para depois, a partir do sistema categorial, fazer uma análise mais aprofundada acerca da forma como, intervenientes e espaço, interagem dando lugar a fenómenos de apropriação espacial.

4.2.1 - A Casa da Música

De acordo com o *site* oficial da Casa da Musica, esta foi “Imaginada para assinalar o ano festivo de 2001, em que a cidade do Porto foi Capital Europeia da Cultura, a Casa da Música é o primeiro edifício construído em Portugal exclusivamente dedicado à Música, seja no domínio da apresentação e fruição pública, seja no campo da formação artística e da criação”. Situando-se na extremidade da Avenida da Boavista que termina na Praça Mouzinho de Albuquerque, este edifício adquire importância no âmbito deste trabalho, não pelo que oferece no seu interior, mas pelo seu peculiar exterior.

Em todo o redor do edifício existe uma zona pedonal que se caracteriza essencialmente pelo tipo de piso, mais liso que o habitual cimento ou calçada, e pelo facto de não ser plano. Esta zona tem duas elevações que se estendem até à extremidade, uma do lado direito mais pequena, mas mais acentuada, e outra do lado esquerdo, percorrendo o lado junto à Avenida da Boavista que, sendo menos acentuada, é bem mais extensa percorrendo parte da fachada e toda a zona lateral terminando na parte de trás do edifício. A entrada principal é elevada, sendo o acesso feito através de uma escadaria que assume importância, na medida em que constitui um espaço de sombra na zona pedonal onde, por vezes, se praticam algumas actividades.

Tendo em conta o cenário descrito, talvez não seja fácil imaginar que este é um dos pontos mais movimentados da cidade do Porto no que diz

respeito à prática desportiva informal por parte da população jovem, no entanto, tanto os dados recolhidos através das observações, como os dados recolhidos através das entrevistas apontam para a Casa da Música como sendo o local mais vezes referido pelos praticantes entrevistados (Gráfico 5) e, como se pode verificar na Fotografia 1, seguramente o que mais afluência demonstrou durante as observações.

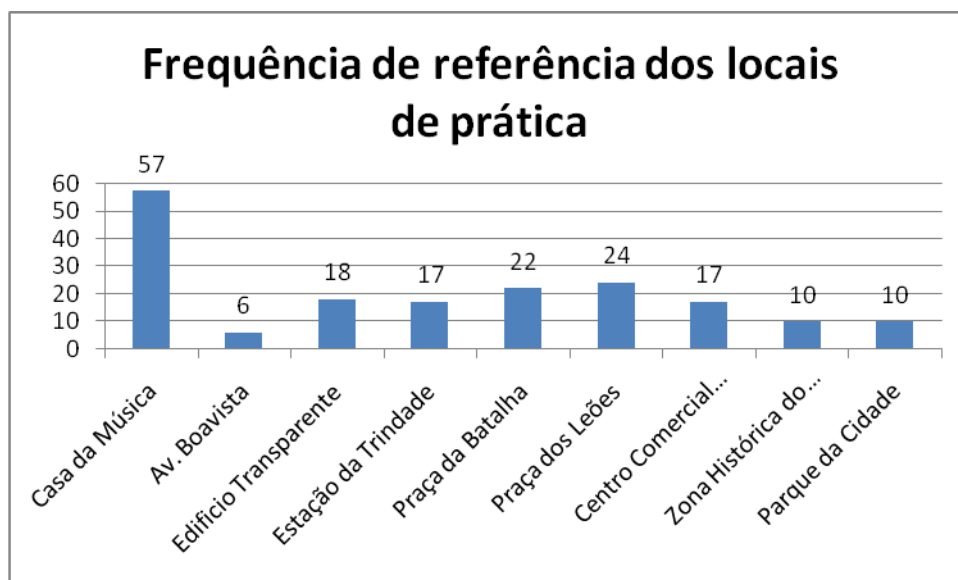
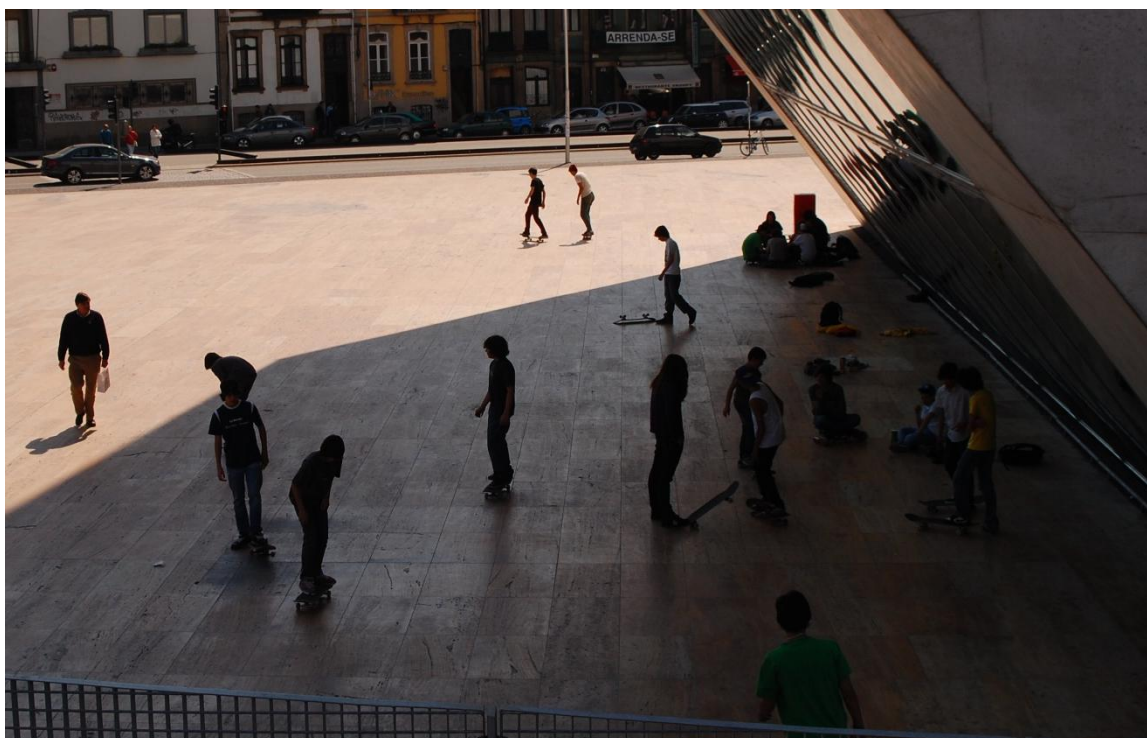


Gráfico 5: Demonstra a predominância de referências relativamente à Casa da Música por parte dos sujeitos entrevistados



Fotografia 1

De resto, a forma como repetidamente este local foi mencionado, durante a fase inicial do trabalho de campo, como sendo o ponto de encontro para depois partir para outras zonas da cidade, fez com que concentrássemos aqui uma boa parte das entrevistas e conversas, observando posteriormente os restantes locais que foram sendo referidos. Assim, como se pode verificar, a Casa da Música apresenta-se como o centro a partir do qual se desenvolvem percursos um pouco por toda a cidade. No que diz respeito aos desportos praticados, tanto as observações como as entrevistas apontam para que este seja o local onde existe uma maior variedade de desportos. Como se pode verificar no Gráfico 6, dos desportos mencionados nas entrevistas, apenas o *parkour* não se encontra representado na Casa da música sendo o *skate* o desporto com maior expressão.

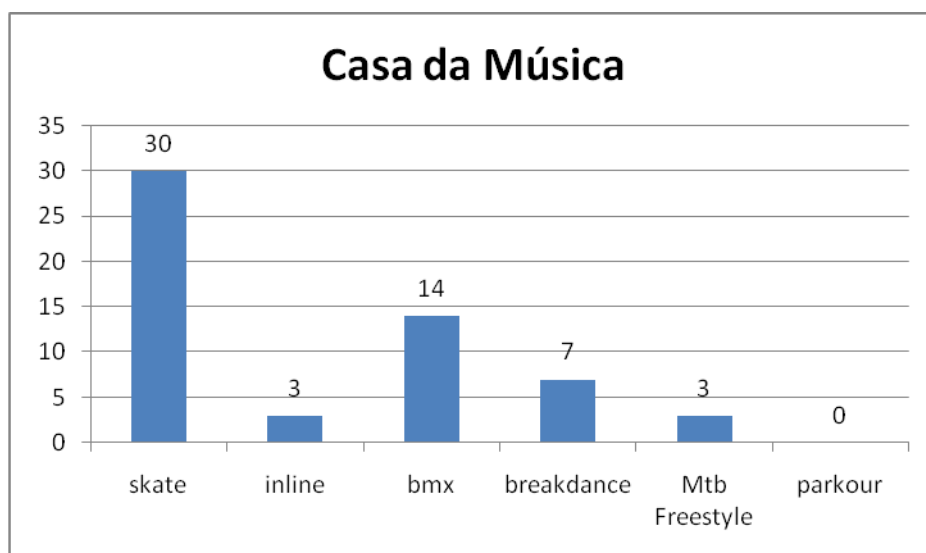
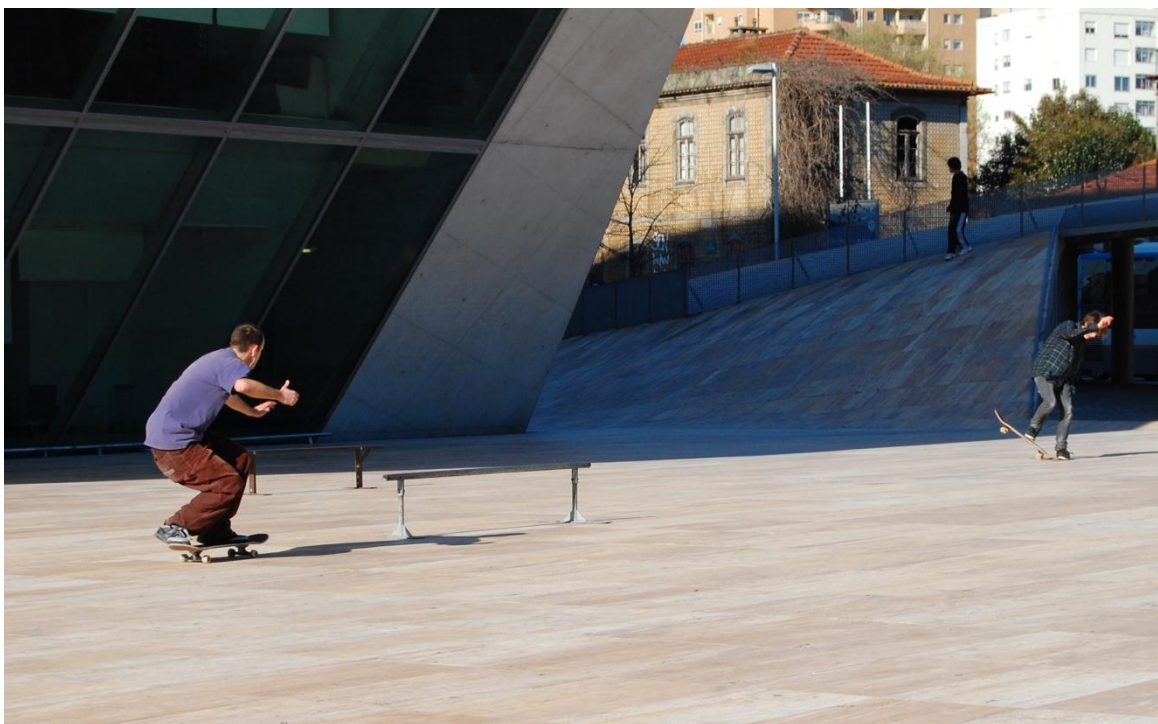


Gráfico 6: Desportos praticados na Casa da Música de acordo com as entrevistas realizadas.

Os dados recolhidos através das entrevistas apontam para os desportos apresentados no Gráfico 6, porém, as observações permitiram recolher outros desportos que posteriormente não voltámos a encontrar na altura das entrevistas. Estes outros desportos são na maioria de deslize constituindo-se alguns como variações do *skate* como é o caso do *longboard* que se trata de um *skate* de maiores dimensões que permite percorrer o espaço de uma forma diferente, uma vez que não permite as manobras do *skate* convencional. Na Casa da Música, os seus praticantes parecem *surf*ar através das elevações da

zona pedonal dando a sensação de ser uma actividade mais calma e dada à fruição do sentido de velocidade e fluidez.

Sendo a Casa da Música palco de vários desportos, direccionamo-nos agora para a forma como o espaço é apropriado por cada um deles. Os desportos que utilizam uma bicicleta como o BMX e o *MtbFreestyle* utilizam essencialmente as elevações da zona pedonal de maneira a ganhar velocidade para manobras realizadas no solo, ou como *quarter-pipe*¹⁷. No caso do *breakdance*, a Casa da Música é utilizada, mas não tanto pelas características físicas do local, como veremos mais adiante. O espaço utilizado é normalmente a zona da fachada que se encontra sob a escadaria de acesso ao edifício, estando a escolha deste local essencialmente relacionada com a possibilidade de treinar à sombra. Quanto ao *skate*, a Casa da Música tem uma ocupação semelhante às dos desportos com bicicletas, com uma diferença essencial. Não é raro verificar que os praticantes de *skate* colocam obstáculos em frente à fachada do edifício para tornar mais versátil a utilização deste espaço, como se pode verificar na Fotografia 2.



Fotografia 2

¹⁷ Estrutura com a forma de um quarto de canal, que permite a elevação do equipamento utilizado para depois realizar manobras aéreas.

4.2.2 - Avenida da Boavista

A Avenida da Boavista tem uma das suas extremidades junto à Casa da Música e a outra junto ao Castelo do Queijo, perfazendo uma distância de cerca de cinco quilómetros. Não sendo fácil a tarefa de descrever um trajecto tão longo, centrar-nos-emos no espaço utilizado para a prática do único desporto referido para este local, o *skate*. Este local tem ao longo de toda a sua extensão vários edifícios cujos passeios e escadarias permitem a prática do *skate*. São, de forma geral, edifícios de grandes dimensões, cujos passeios que os rodeiam acompanham em termos de escala. De resto, sentimos que pouco pode ser acrescentado à descrição da Avenida da Boavista que seja útil para entender a sua importância para os praticantes.

4.2.3 - Edifício Transparente

Situado na orla marítima, o Edifício Transparente surge junto à entrada Poente do Parque da Cidade. Tal como se passa na Casa da Música, o que adquire importância não é o edifício em si mesmo, mas a sua envolvência. Em redor do mesmo existe uma zona pedonal ampla com um piso liso e plano. O acesso a esta zona é feito por escadarias com corrimões que podem servir como obstáculo na prática de alguns desportos. A parte do passeio junto ao mar continua com o mesmo tipo de piso variando em amplitude, sendo mais estreita na zona por detrás do edifício e aumentando antes e após o mesmo. Nas zonas mais amplas existem blocos de pedra que servem de bancos para a população que circula pelo local e de obstáculos para os praticantes que no local é possível encontrar. Apesar de contar com alguns elementos estruturais que permitiram uma prática mais variada que na Casa da Música, este não é um local tão frequentado como se pode verificar no Gráfico 5.

Quanto aos desportos praticados neste local (Gráfico 7), o maior número de referências obtido nas entrevistas foi relativamente ao *parkour* (Fotografia 3), sendo pouco referido pelos praticantes dos outros desportos.



Fotografia 3

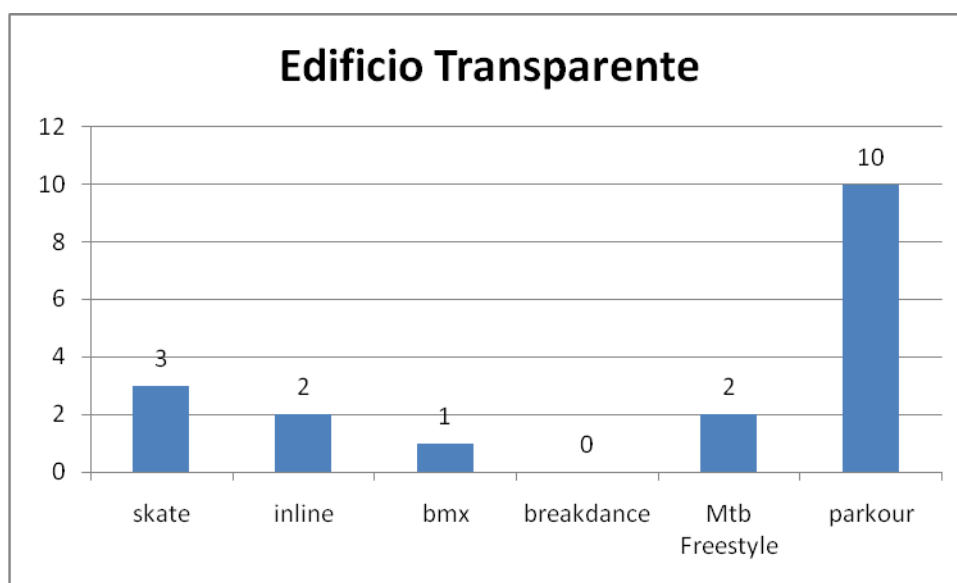


Gráfico 7: Desportos praticados no Edifício Transparente de acordo com as entrevistas realizadas.

De acordo com as observações levadas a cabo neste local, a utilização por parte dos desportos de deslize, é feita essencialmente percorrendo o espaço e realizando manobras no solo ou nos bancos. As escadarias que existem no local são muito longas e os corrimões muito altos para que possam

ser utilizados, pelo menos pelos praticantes observados, uma vez que seria necessário um nível técnico muito alto para ultrapassar estes obstáculos. Já para a prática de *parkour*, as mesmas estruturas parecem adaptar-se bem melhor a este desporto tendo sido possível observar uma exploração extensiva do espaço que se estende desde o Edifício Transparente até ao Castelo do Queijo.

4.2.4 - Estação da Trindade

A estação de metro da Trindade situa-se nas traseiras do Edifício da Câmara Municipal do Porto. Está construída no local da antiga estação de comboios e é uma das principais estações do metro do Porto uma vez que faz a ligação entre as cinco linhas existentes. A parte que é utilizada para a prática desportiva é a que se situa em redor da estação, sendo ampla, com um piso liso, mas desprovida de obstáculos. Durante as entrevistas, constatou-se que utilizavam este espaço apenas os praticantes de *skate*, constituindo o número de praticantes cerca de um quarto dos praticantes entrevistados, conforme se pode verificar no Gráfico 8.

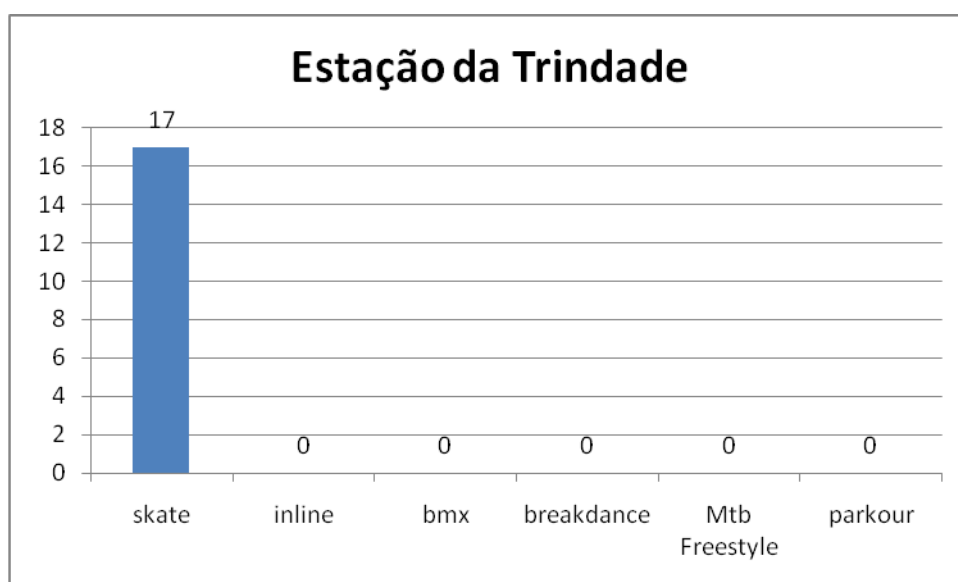


Gráfico 8: Desportos praticados na Estação da Trindade de acordo com as entrevistas realizadas.

A forma como os praticantes desta modalidade utilizavam o espaço era essencialmente através da realização de manobras no chão sem recorrer a obstáculos ou desníveis, uma vez que são inexistentes (Fotografia 4). As razões pelas quais este local é utilizado para a prática observada estarão relacionadas com factores que serão explorados mais adiante, uma vez que à primeira vista, não apresenta um conjunto de características muito apelativo que, de resto, se expressa pelo número de praticantes neste local.



Fotografia 4

4.2.5 - Praça da Batalha

A Praça da Batalha surge na continuação da Rua Alexandre Herculano e estende-se sensivelmente até à Igreja de Santo Ildefonso, sendo delimitada também pelo Teatro Nacional de S. João e pelo Cinema Batalha. Aquilo que os praticantes denominam de Praça da Batalha corresponde ao largo em frente à Igreja de Santo Ildefonso, sendo esta a zona onde mais frequentemente foi observada a prática desportiva por jovens. Este local caracteriza-se por ser amplo e ter um piso relativamente regular. Adicionalmente, as escadarias de acesso ao largo permitem a realização de várias manobras, assim como os degraus que percorrem o lado direito do largo que, devido à sua dimensão e

localização, parecem ter sido idealizados para que possam servir de espaços de convívio, parecendo bancadas que permitem apreciar as actividades que neste espaço se desenrolam.

Através do Gráfico 5 é possível verificar que é o terceiro local com maior número de referências por parte dos entrevistados, sendo um ponto onde é muito comum observar pequenos grupos em práticas desportivas. Quanto aos desportos aqui praticados, as referências dos praticantes foram todas relativas ao *skate* (Gráfico 9). De facto, este local parece estar muito associado à prática deste desporto já que terá sido dos primeiros a surgir. O que as observações permitem concluir é que este desporto está de tal maneira enraizado neste local que os praticantes de outros desportos parecem já associá-lo ao *skate*, preferindo procurar outros locais. Durante as observações, percebemos que existe uma certa apropriação do espaço por parte de um grupo de *skaters*, que foi, sem dúvida, o que mais frequentemente foi observado neste local. Este grupo tem características menos comuns, que podem também ter ajudado à implantação do *skate* neste local, como se pode verificar na seguinte passagem do diário de campo: “Com uma aparência marcadamente *punk*, as cristas, o cabelo pintado, os *pins* e alfinetes, os remendos alusivos a bandas *punk*, não faltava nada. Mas nem todos praticavam, e notava-se uma diferença entre os que apenas observavam (com um vestuário mais elaborado) e os que praticavam (com um vestuário mais confortável e sem tantos artifícios) ”.

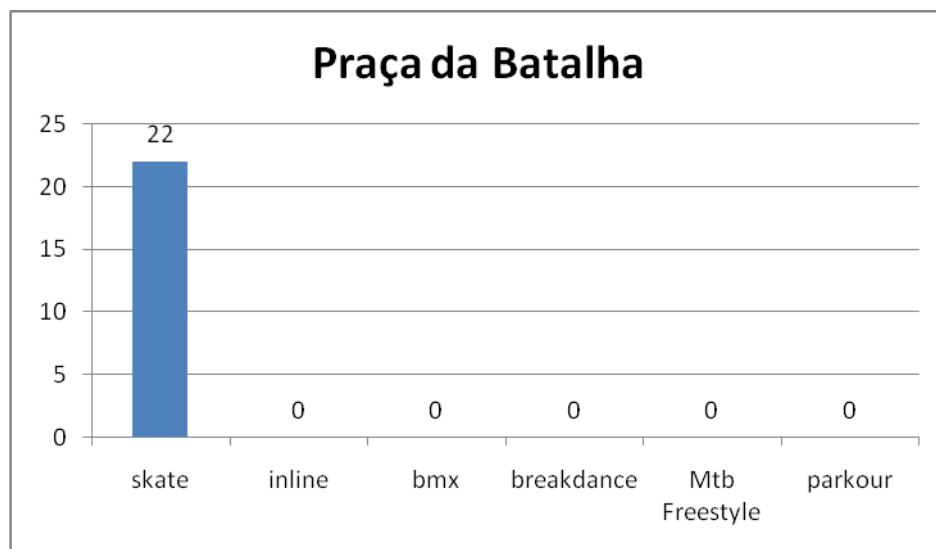


Gráfico 9: Desportos praticados na Praça da Batalha de acordo com as entrevistas realizadas.

Assim, o espaço da Praça da Batalha é ocupado em toda a sua extensão por *skaters* que tanto utilizam os obstáculos presentes como constroem alguns que levam para o local de forma a complementar o espaço, como se pode ver na Fotografia 5. De notar ainda que nas observações foi possível presenciar um grupo de Capoeira, mas na zona mais atrás junto ao cinema Batalha. Infelizmente, durante o trabalho de campo não voltámos a ver o referido grupo, pelo que não foi possível realizar entrevistas.



Fotografia 5

4.2.6 - Praça dos Leões

A denominada Praça dos Leões é, na realidade, o largo que se estende em frente ao edifício da Reitoria da Universidade do Porto. Este é um local amplo com uma pequena fonte no centro e dois canteiros perto das extremidades, sendo delimitado no lado oposto ao edifício da Reitoria por bancos de pedra de forma rectangular. O piso é liso e plano com uma pequena inclinação no sentido da Reitoria, mas de pouca inclinação. Tendo em conta o piso deste local e a existência de alguns obstáculos compreende-se, pelo

menos ao nível estrutural, a razão para este ser o segundo local mais referido nas entrevistas, como se pode verificar no Gráfico 5.

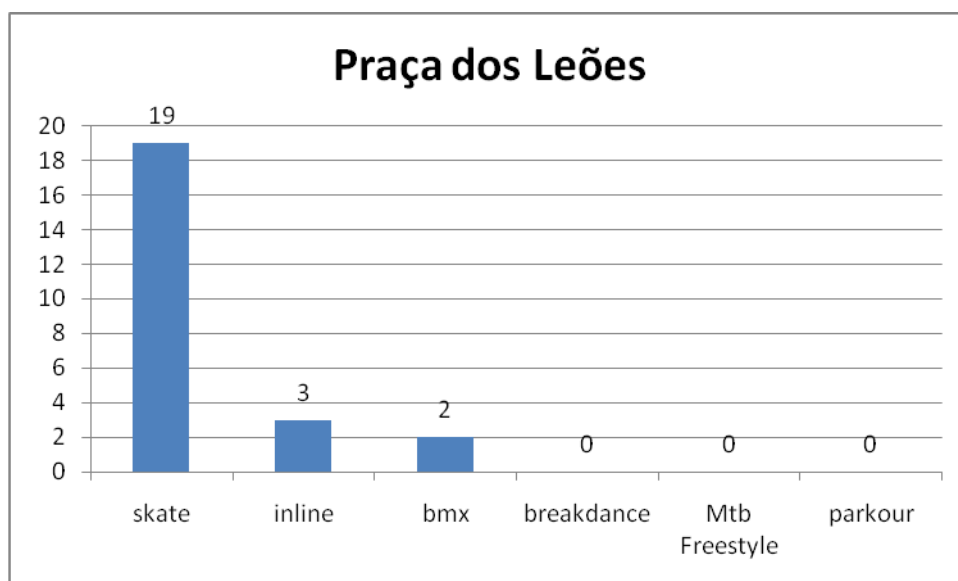


Gráfico 10: Desportos praticados na Praça dos Leões de acordo com as entrevistas realizadas.

O Gráfico 10 mostra que, para este local, já foram obtidas referências de mais desportos, contrariamente ao verificado na Praça da Batalha e na estação da Trindade. Aqui, a maioria dos praticantes continuam a ser *skaters*, mas foi já possível observar BMX e *Inline*, assim como um grupo de *Lindy Hoppers* já referido anteriormente. Os praticantes ocupam este espaço sobretudo na zona dos bancos de pedra que podem utilizar para a realização de manobras mais complexas. Talvez devido ao constante fluxo de pessoas, não foi possível observar grandes grupos neste local, sendo habitual que não ultrapassem uma dezena de elementos, como ilustra a Fotografia 5. Assim, apesar de este local não ter a afluência da Casa da Música, é comum encontrar algum grupo pequeno de praticantes, sendo possivelmente o local com maior afluência nocturna, mas por parte de uma faixa etária superior, como se verifica no seguinte excerto do diário de campo: “Eram cerca das 22:00h e encontrava-me de passagem pelo edifício da Reitoria da Universidade do Porto, quando encontrei duas pessoas a praticar *inline*. A minha presença naquele local não se destinava ao trabalho de campo, mas dificilmente ignoraria a oportunidade de observar e entrar em contacto com os praticantes. (...) As pessoas que

praticavam já não eram adolescentes, tinham cerca de 25 anos, o que justificava a sua presença no centro da cidade a uma hora mais tardia. (...) Na conversa percebi a importância de um *skatepark* para desportos como o *inline* e o bmx. Uma das queixas foi nesse mesmo sentido: como é que uma cidade como estas não tem um *skatepark*? Contudo, era bem notório o prazer de estar na cidade e não num sítio isolado. De facto, a forma como se falava da vivência na cidade, da companhia da população, dos locais, da beleza urbana, fazia perceber que o palco urbano é, sem dúvida, o preferido, mas nem sempre o que melhores condições oferece”.

4.2.7 - Centro Comercial Itália

Tal como nos outros locais até ao momento descritos, o Centro Comercial Itália diz respeito, não ao próprio centro, mas ao largo que se estende na sua fachada. Este situa-se na Rua Júlio Diniz e após uma remodelação revelou-se uma agradável surpresa para os praticantes de BMX ou *MtbFreestyle*. Aquilo que foi feito neste local foi um exemplo muito bom do que poderia ser feito em outros locais da cidade. Apenas com algumas elevações e *quarter pipes* a ladear as entradas para o parque subterrâneo, foi criado um *skatepark* com óptimas condições para o BMX, que ao mesmo tempo permite a passagem de pessoas e a sua permanência no local devido à existência de estruturas em forma de bancos. A escolha do pavimento não permite a prática de *skate* ou *inline*, mas deixa antever um local de referência para o BMX, que no Porto, ainda não existia. Um outro aspecto positivo é o facto de estar bem integrado no local, isto é, em caso de ausência de praticantes no local, não parece um *skatepark* abandonado, mas sim um largo com bancos e árvores, com uma arquitectura um pouco diferente. Como seria de esperar, com estas características seria impossível encontrar neste local desportos de deslize, como tal, tanto as observações como a entrevistas revelam apenas a presença do BMX e do *MtbFreestyle* conforme se verifica no Gráfico 11.

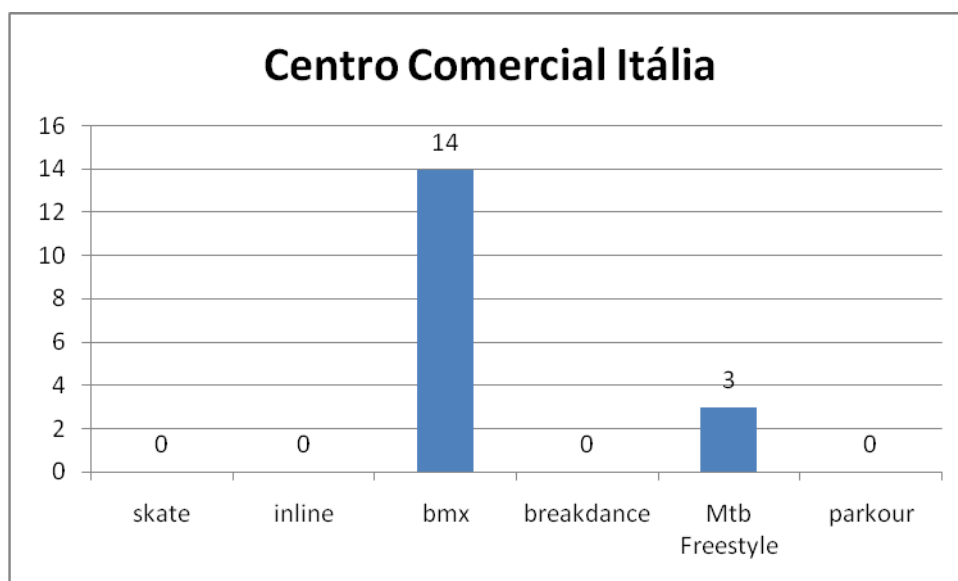


Gráfico 11: Desportos praticados na C. C. Itália de acordo com as entrevistas realizadas

Assim, assistimos neste local a uma utilização do espaço que se assemelha como nenhum outro, ao que se observa num *skatepark*. Os movimentos são mais contínuos devido à sucessão de rampas e *quater-pipes* convidando mais à prática e um pouco menos ao convívio. Este é um espaço que surgiu um pouco mais tarde no trabalho de campo, mas que pensamos que poderá vir a tornar-se importante devido às suas características.

4.2.8 - Zona Histórica do Porto

Esta é uma zona utilizada apenas por praticantes de *parkour* (Gráfico 12), e revelou-se um verdadeiro desafio no que diz respeito à sua delimitação. Tanto que julgamos mais eficaz a análise do Mapa 1, de modo a ter uma ideia concreta do que se trata. O importante nesta descrição inicial das áreas ocupadas é entender o que distingue esta zona das restantes. Reportamo-nos essencialmente aos aspectos relacionados com a estrutura dos edifícios presentes. Até este momento temos mencionado obstáculos que na sua maioria não chegam a um metro de altura e que permitem a prática dos desportos já mencionados. Porém, como se perceberá, estes obstáculos não constituem um grande desafio para quem os tente ultrapassar sem um *skate* ou

uma bicicleta. Deste modo, os praticantes de *parkour*, para além de não necessitarem de um piso liso, necessitam igualmente de muros, escadarias e corrimões, mas maiores. E se observarmos o tipo de construção presente nos edifícios e monumentos mais antigos, facilmente percebemos o apelo que têm para os praticantes deste desporto (Fotografia 6).

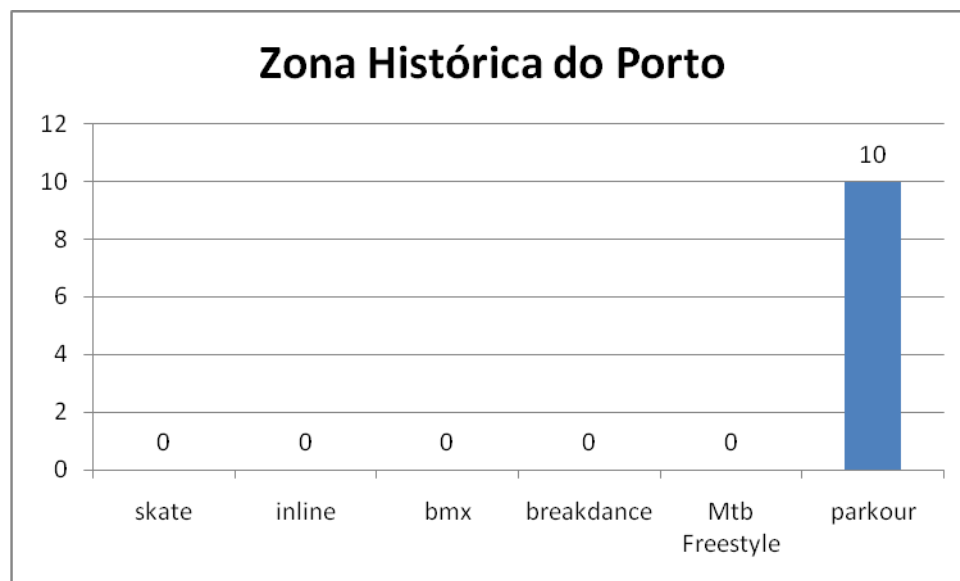


Gráfico 12: Desportos praticados na Zona Histórica do Porto de acordo com as entrevistas realizadas

Desta forma, este local distingue-se dos restantes pelas suas características e também pela forma como é ocupado pelos praticantes de *parkour*. Se até agora a ocupação foi descrita como mais estática, isto é, os praticantes mantêm-se no local por algum período, neste caso, a permanência em cada local é muito mais curta, chegando a ser apenas de passagem, mesmo que por vezes se volte mais que uma vez ao mesmo local. Assim, como será aprofundado no subcapítulo seguinte, este local apresenta especificidades que o tornam um bom local para o *parkour*, mas um mau local para os restantes desportos observados.



Fotografia 6

4.2.9 - Parque da Cidade

À semelhança da Zona Histórica do Porto, só tivemos referências do Parque da Cidade no caso do *parkour*. Mais uma vez, é uma área de prática difícil de delimitar, tendo em conta as características do desporto em questão. Em termos de delimitação, optámos por todo o Parque da Cidade, embora conscientes de que no interior do mesmo são utilizadas as estruturas que permitem a prática deste desporto, como sendo os vários muros e estruturas em pedra que existem um pouco por toda a área do parque (Fotografia 7).

O que o Gráfico 13 nos mostra é um cenário igual ao do centro da cidade. Apenas os praticantes de *parkour* referiram este local de prática e, como tal, o tipo de exploração que fazem do mesmo é semelhante ao da Zona Histórica, isto é, sem nenhum ponto de permanência específico, pautando-se essencialmente pela deambulação por todo o espaço.



Fotografia 7

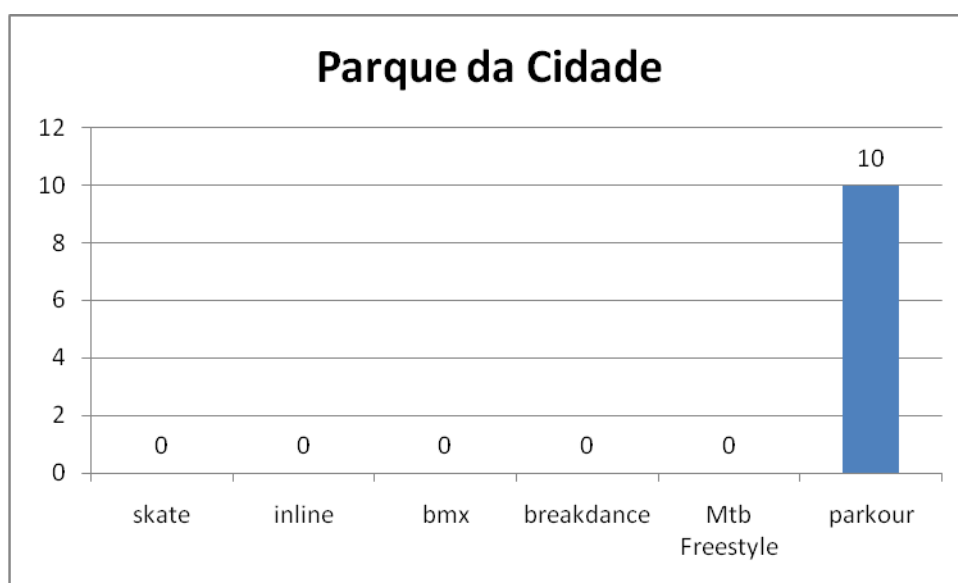


Gráfico 13: Desportos praticados no Parque da Cidade de acordo com as entrevistas realizadas.

Deste modo, apesar de não se assemelhar do ponto de vista estrutural com a Zona Histórica, o Parque da Cidade partilha a utilização peculiar que o *parkour* dá aos espaços, sendo um importante ponto onde se poderia promover a prática deste desporto. O modo como os vários obstáculos se espalham por todo o parque permitiria a sua utilização de uma forma contínua, permitindo a

fluidez tão apreciada pelos praticantes desta modalidade (Carvalho e Pereira, 2008). Por outro lado, a própria variedade de obstáculos levaria a que as potencialidades deste local não se esgotem facilmente, permitindo uma prática continua ao longo do tempo.

4.3 – A Cartografia

Tendo em conta, que cada mapa foi elaborado de modo a que a sua dimensão aproveitasse o mais possível o espaço útil de cada página apresentaremos agora os resultados referentes ao processo cartográfico e, nas páginas seguintes, os mapas propriamente ditos.

O Mapa 1 reúne várias informações. Estas vão desde os locais de prática referidos pelos entrevistados, aos locais onde foram realizadas as entrevistas, passando pelos fenómenos de aglomeração e dispersão na utilização dos espaços, bem como pela delimitação de algumas zonas que se estendem para lá do que delimitam cada ponto no mapa. Este será apresentado e discutido em conjunto com o Mapa 2, que se trata do mesmo mapa, mas com uma base diferente. Isto é, enquanto no Mapa 1 a cidade está representada apenas pelas suas fronteiras, não sendo visíveis ruas ou edifícios, o Mapa 2 está assente sobre uma visão da cidade que permite identificar os vários pormenores da mesma. A escolha de apresentar estes dois mapas em conjunto prende-se com o facto de ser mais fácil, através do Mapa 1 interpretar os fenómenos de dispersão e concentração dos espaços utilizados, assim como a delimitação dos espaços de prática, mas através do Mapa 2 conseguimos identificar de forma mais imediata o contexto que envolve cada ponto do mapa.

Nestes mapas é possível verificar uma maior concentração de ponto na Baixa da Cidade, sendo que vai havendo uma maior dispersão à medida que nos afastamos da mesma. No entanto, devemos lembrar que apesar desta concentração, aquele que consideramos o ponto central dos fenómenos observados se situa um pouco mais afastado, na Casa da Música. Estes Mapas levantam, assim, uma questão essencial, isto é, porque razão se dão estes fenómenos de concentração e porque é que se concentram na Baixa? Tendo em conta o quadro teórico, podemos fazer uma aproximação centrada nos praticantes, ou seja, resgatar as conclusões de Pais (2004). Segundo o autor, os espaços ocupados afirmam-se, como esclarece o autor, como um desejo de expansão, sendo impresso no centro urbano, criando registos, símbolos de passagem e vivência. É, por isso, importante ter atenção a presença destes elementos, uma vez que são eles que nos mostram que o

espaço é uma produção feita de movimentos, gestos e cumplicidade que representam quem os realiza. Assim, tendo esta característica representativa, terão necessariamente que conferir visibilidade aos seus ocupantes. E, possivelmente, não haverá melhor local para isso que a Baixa de uma cidade. Estes mapas mostram, ainda, a delimitação de dois locais que se estendem para além dos pontos no mapa. São eles a Avenida da Boavista e a Zona Histórica. Assim, através do Mapa 2, é possível entender de uma forma mais clara do que qualquer descrição que tentássemos fazer sobre a forma e extensão destes dois locais. É de referir ainda que no mapa são visíveis localizações que foram mencionadas pelos praticantes entrevistados na cidade do Porto, mas não foram por nós analisadas. Referimo-nos às que se situam fora dos limites da cidade, cuja correcta análise implicaria a extensão do estudo, não só ao local, mas também à cidade onde se situa, sendo necessário realizar para as cidades onde se situam estes pontos, o mesmo tipo de análise com se levou a cabo no Porto.

O Mapa 3 mostra-nos a forma como, dentro da distribuição geográfica observada no Mapa 1 e 2, vão variando o tipo de desporto praticado bem como o número de praticantes. A informação referente ao número de praticantes de cada local está presente nos Gráficos apresentados no subcapítulo anterior. Como tal, a importância deste não reside na apresentação de números para cada local, mas na apresentação de uma informação visual que torna a interpretação dos dados mais fácil e acima de tudo mais aprofundada. Assim, podemos verificar a forma como a Baixa da cidade é dominada pelo *skate*; como apesar das poucas referências, a zona do Edifício transparente se revela a mais polivalente; e como o *parkour*, com as suas particularidades técnicas, consegue ter a utilização exclusiva de dois locais de prática, assim como uma presença predominante no Edifício Transparente. Neste caso, as questões levantadas pela cartografia vão no sentido de perceber a razão para tal distribuição. Se algumas razões são fáceis de relacionar com factores como as características do local, outras permanecem por desvendar, uma vez que sob a pena de nos desviarmos do tema central, tendo em conta os limites temporais para a realização deste trabalho, não foi possível explorar. Os factores relacionados com as características dos locais dizem respeito ao facto de, por

exemplo, um local óptimo para a prática do *parkour*, ser possivelmente impeditivo da prática de outros desportos. No entanto, estes factores são desenvolvidos mais aprofundadamente no subcapítulo seguinte.

À medida que fomos realizando as entrevistas, apercebemo-nos que muitos dos praticantes não eram residentes na cidade do Porto. Este facto levantou uma questão relativamente à área de influência da cidade do Porto sobre as cidades circundantes. Assim, através dos dados recolhidos na anamnese relativos à freguesia de residência dos entrevistados foi possível a realização do Mapa 4. Neste mapa estão representados os locais de prática referidos nas entrevistas, assim como os locais de proveniência dos praticantes, sendo a última representada de modo a espelhar a variação do número de praticantes consoante o local de residência. Mais do que revelar quantos praticantes são provenientes de cada local, este mapa permite perceber de uma forma mais clara que, em relação aos praticantes entrevistados, o Porto exerce uma influência que se estende a norte, até à Maia e a sul, até à freguesia do Olival, em Vila Nova de Gaia. Com os dados que dispomos podemos interpretar esta atractividade da cidade do Porto como resultado do que já foi referido na questão da atractividade da Baixa. Esta poderá, deste modo, estar relacionada com a procura da visibilidade, de espaço de prática que se assumam como um veículo de comunicação da identidade de cada grupo.

Os seguintes mapas, Mapa 5 a Mapa 10, dizem respeito à maneira como se dá a ocupação da cidade por parte de cada desporto. No Mapa 5, podemos verificar que, relativamente praticantes entrevistados, a prática de BMX se concentra na Casa da Música e Centro Comercial Itália, estando ainda presentes, em menor número no Edifício Transparente e Praça dos Leões. Tendo em conta as características físicas dos locais com mais afluência, podemos interpretar esta concentração de praticantes na Casa da Música e Centro Comercial Itália como sendo resultado das características físicas dos locais, uma vez que são os que mais se assemelham a um *skatepark*.

O Mapa 6 mostra-nos um caso um pouco diferente, o *breakdance*. Uma vez que a prática deste desporto se centra em ginásios, e pelo facto de os praticantes entrevistados já terem tido problemas de compatibilidade, como

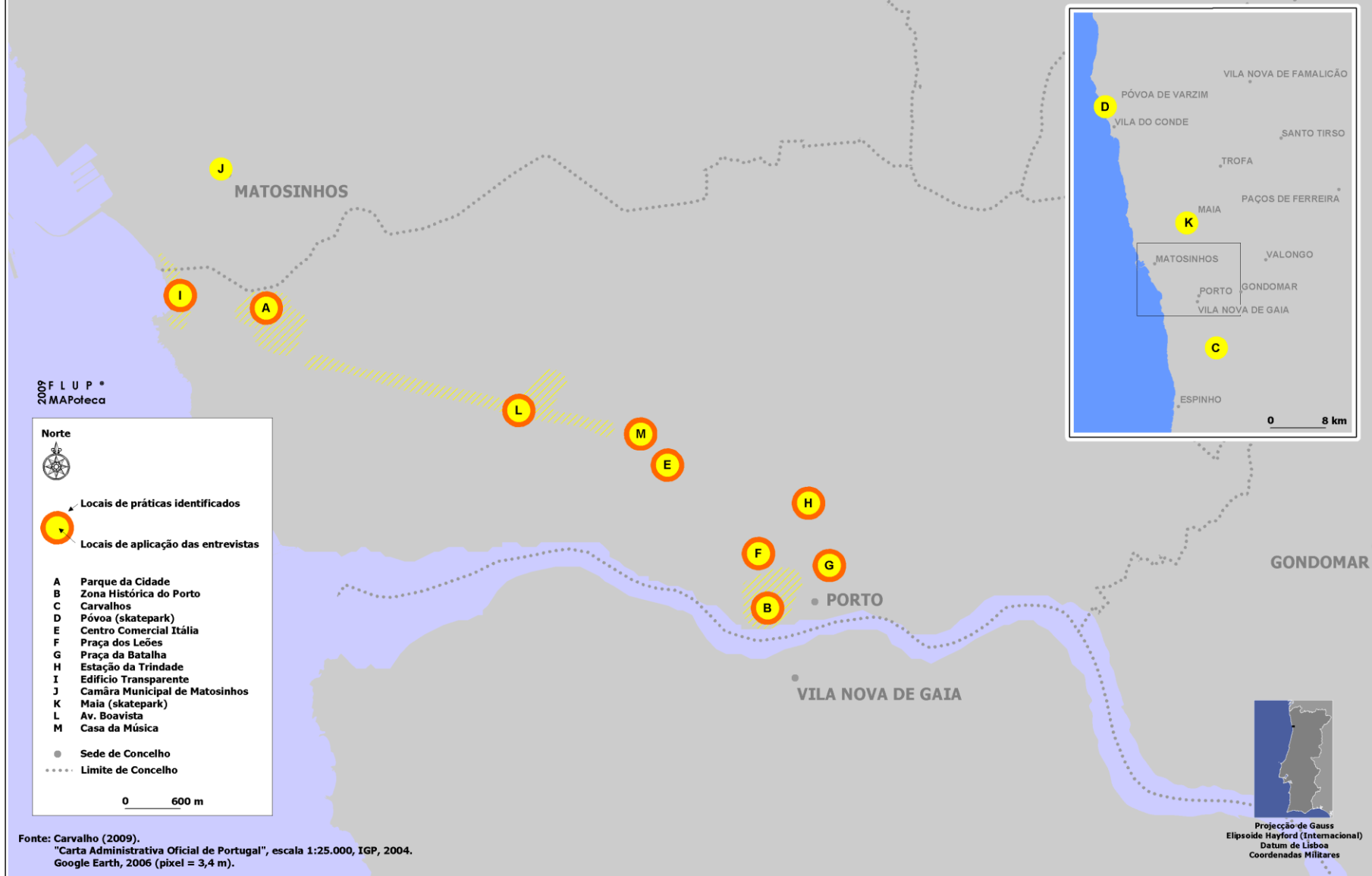
referimos mais adiante na análise desta categoria. No momento, o único espaço exterior que estes praticantes utilizavam era a Casa da Música, uma vez que neste local não se verificam os problemas apontados. O *MtbFreestyle*, está representado no Mapa 7, tendo uma distribuição muito semelhante à do BMX, devido às características que aproximam os dois desportos. Apesar de tecnicamente distintos, ambos são praticados sobre bicicletas, sendo favorecidos locais com rampas semelhantes às de um *skatepark*, como já vimos no caso do BMX. As principais diferenças em relação a estes dois desportos, dizem respeito à sua popularidade, visto que encontramos menos praticantes de *MtbFreestyle*, e ao facto de os seus praticantes terem referido mais um local que os de BMX, A Câmara Municipal de Matosinhos, que por se situar fora da Área de estudo, não pudemos caracterizar. No Mapa 8 podemos ver a forma como é explorada a cidade do Porto através do *parkour*. Os praticantes deste desporto utilizam, no Porto, dois espaços que não são utilizados por mais nenhum dos entrevistados. A Zona Histórica e o Parque da Cidade, são locais que não parecem favorecer a prática dos outros desportos observados, tanto pelas características que impedem o deslize como pela própria dimensão dos obstáculos que vão mais de encontro às características técnicas deste desporto, como veremos mais adiante. É de salientar, ainda, a presença deste desporto no Edifício Transparente, também devido às características físicas deste local. O *inline* está representado através do Mapa 9. Neste podemos verificar que os praticantes entrevistados se concentram na Casa da Música, Edifício Transparente e Praça dos Leões, sendo também notório o seu reduzido número. As razões pelas quais uns desportos são mais populares que outras podem relacionar-se com as categorias que procuramos analisar neste trabalho, como veremos seguidamente. No entanto, estas poderão não explicar totalmente fenómenos que dizem respeito a factores sociais não aprofundados neste trabalho. Por fim, no Mapa 10 mostra a distribuição de praticantes de *skate*. Neste caso, o *skate* só não está presente nos locais exclusivos do *parkour*, isto é a Zona Histórica e o Parque da Cidade, uma vez que as suas características físicas não permitem o deslize. Podemos também verificar que os seus praticantes se concentram essencialmente na Baixa da cidade e Casa da Música, podendo tal facto relacionar-se com

questões de acessibilidade e visibilidade, factores que exploramos de seguida na análise à categoria Acessibilidade.

Deste modo, com a cartografia foi possível adquirir novos conhecimentos quanto ao fenómeno estudado, aprofundar e ter uma visão diferente sobre aspectos que já haviam sido verificados recorrendo às outras metodologias e, acima de tudo, levantar um conjunto de questões relacionadas com aspectos que poderiam ser já representados em mapa, mas que implicariam um afastamento do objectivo deste trabalho e requereriam mais tempo em todas as fases do mesmo. Ficamos, assim, com ideia levantada pela MAPoteca que, em termos de representação, poderíamos tentar relacionar os locais de residência com os locais de prática, os locais de prática com a rede de transportes públicos existentes, assim como os locais de residência com os meios disponíveis para chegar aos locais de prática, entre outros aspectos.

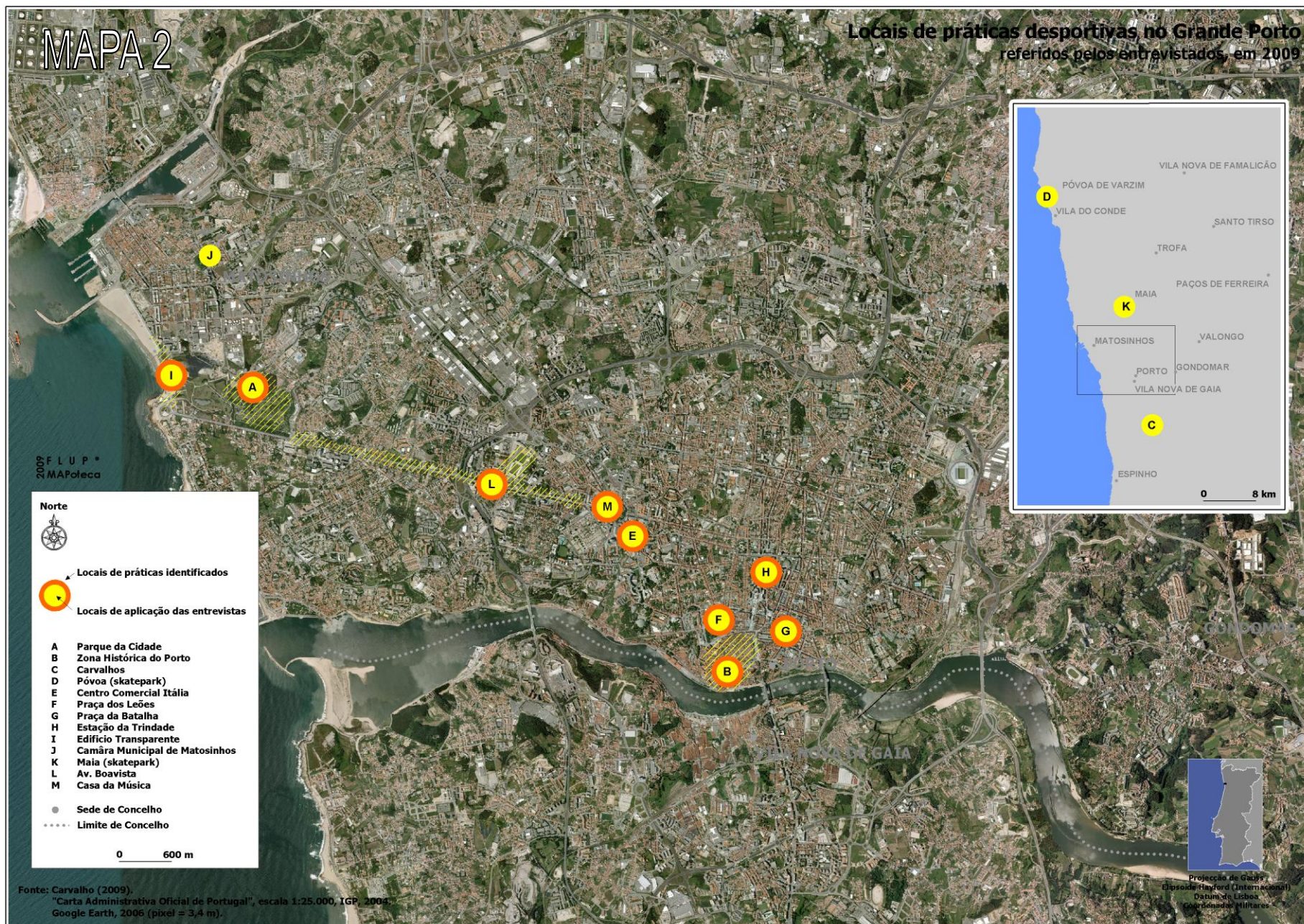
MAPA 1

Locais de práticas desportivas no Grande Porto referidos pelos entrevistados, em 2009



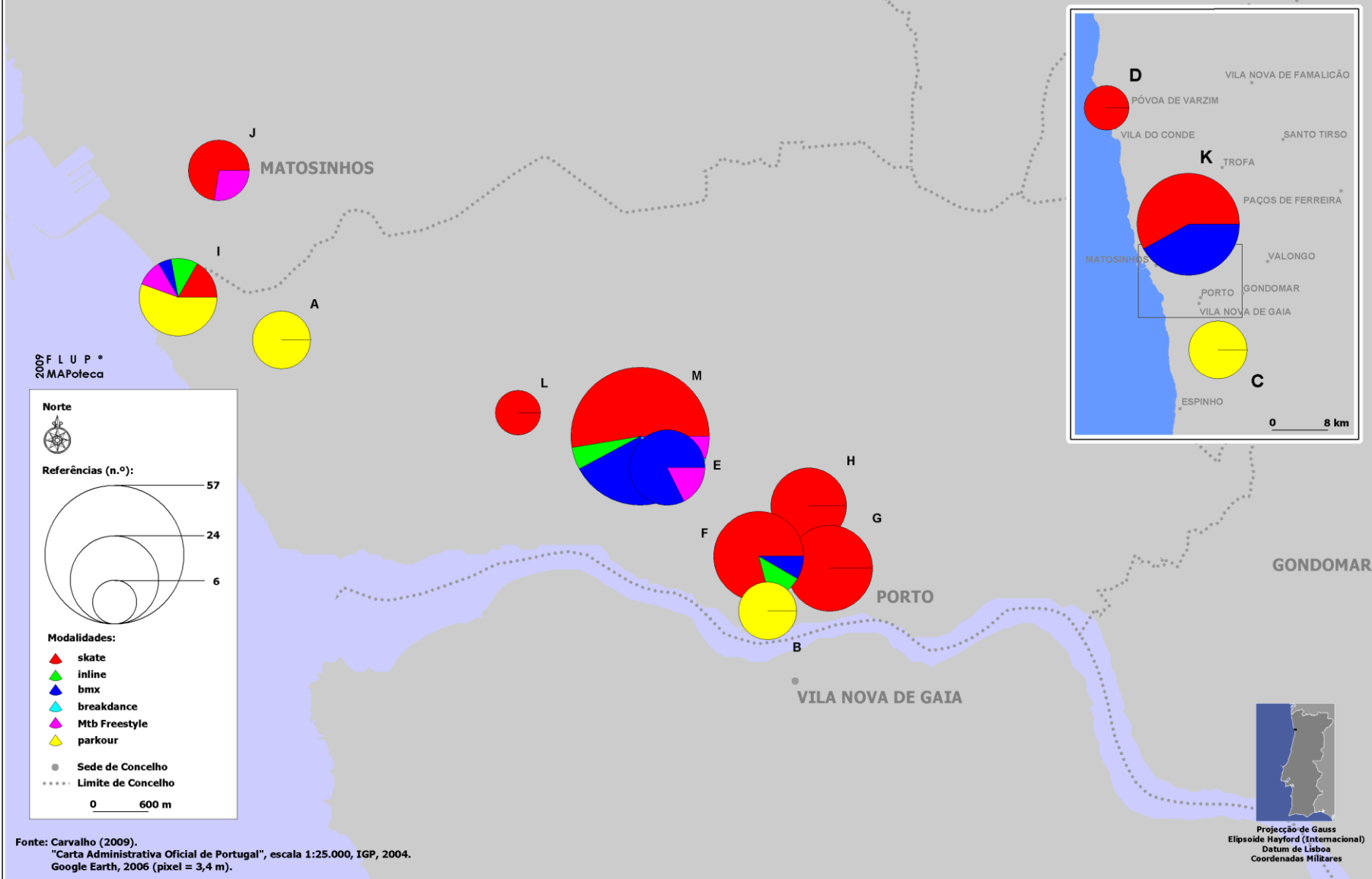
MAPA 2

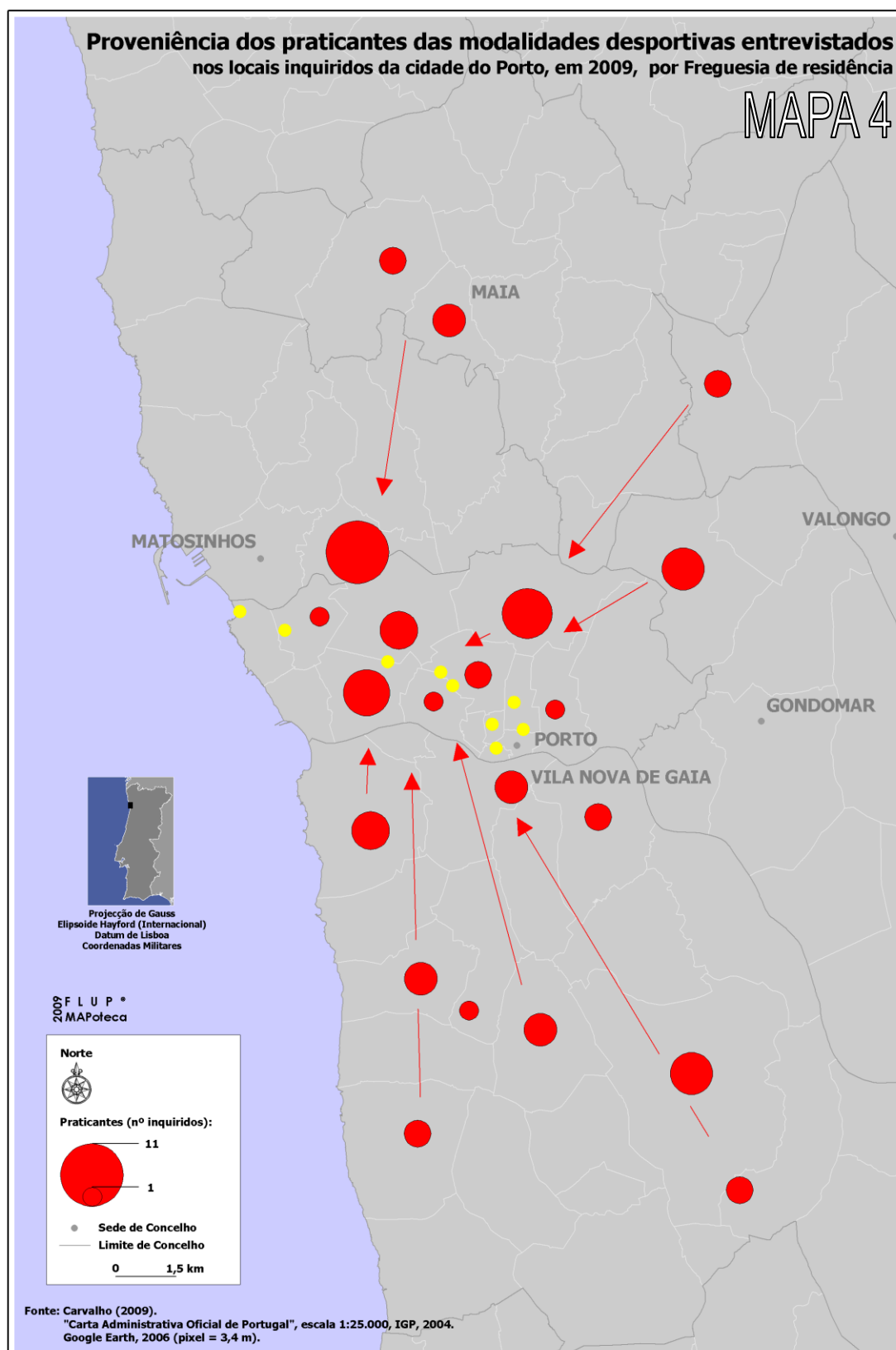
Locais de práticas desportivas no Grande Porto referidos pelos entrevistados em 2009



MAPA 3

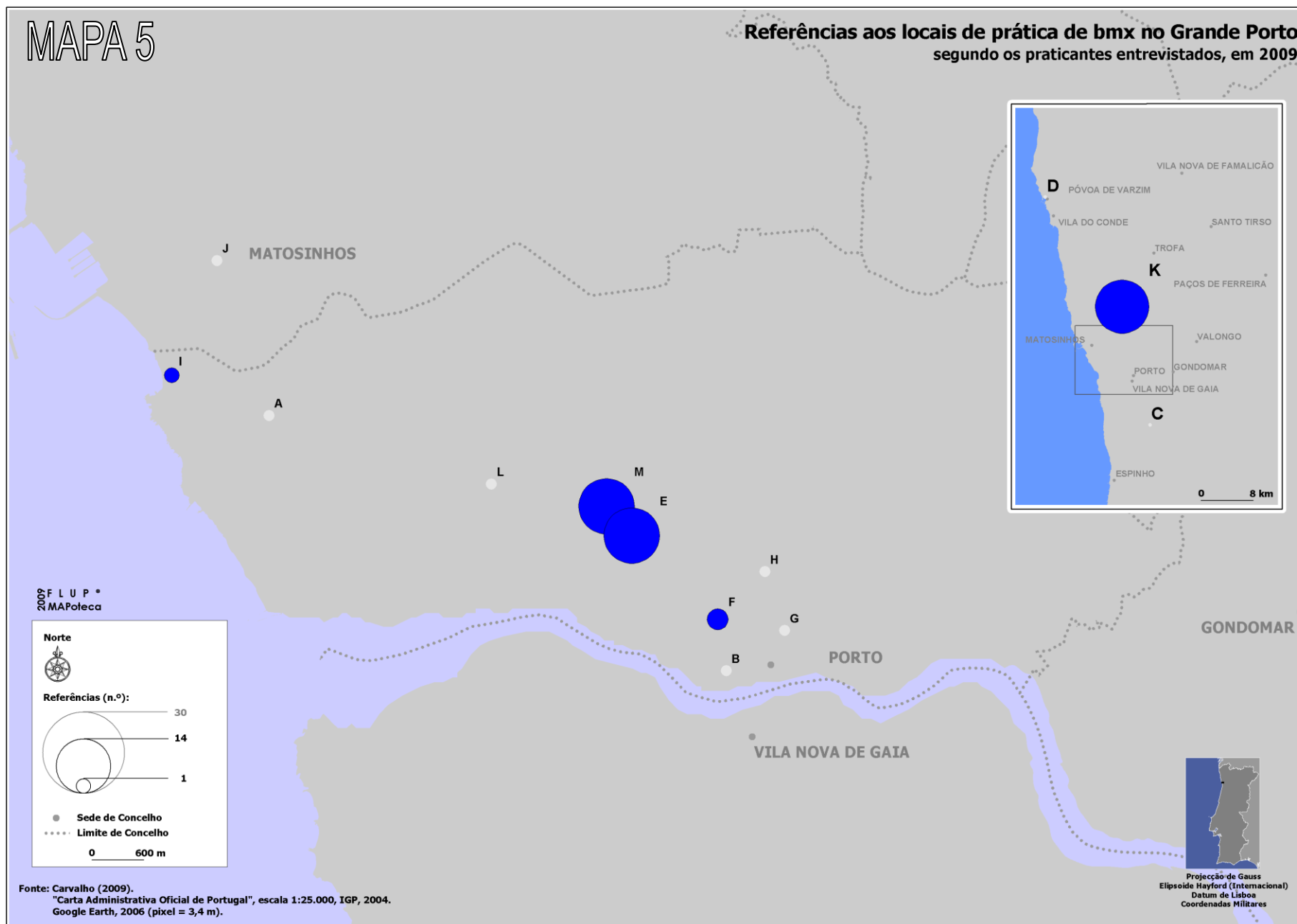
Referências aos locais de prática no Grande Porto, por modalidades desportivas segundo os entrevistados, em 2009





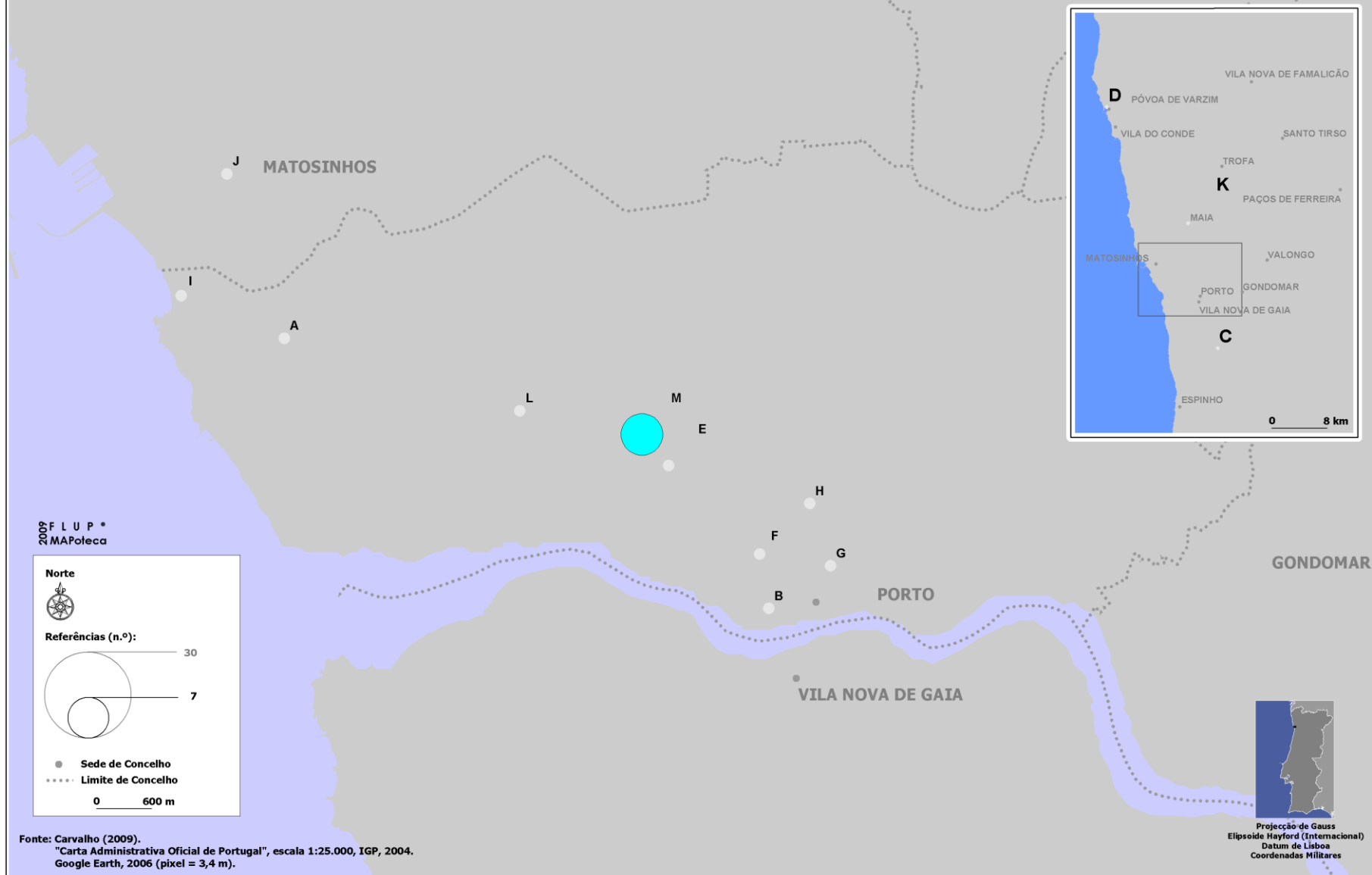
MAPA 5

Referências aos locais de prática de bmx no Grande Porto
segundo os praticantes entrevistados, em 2009



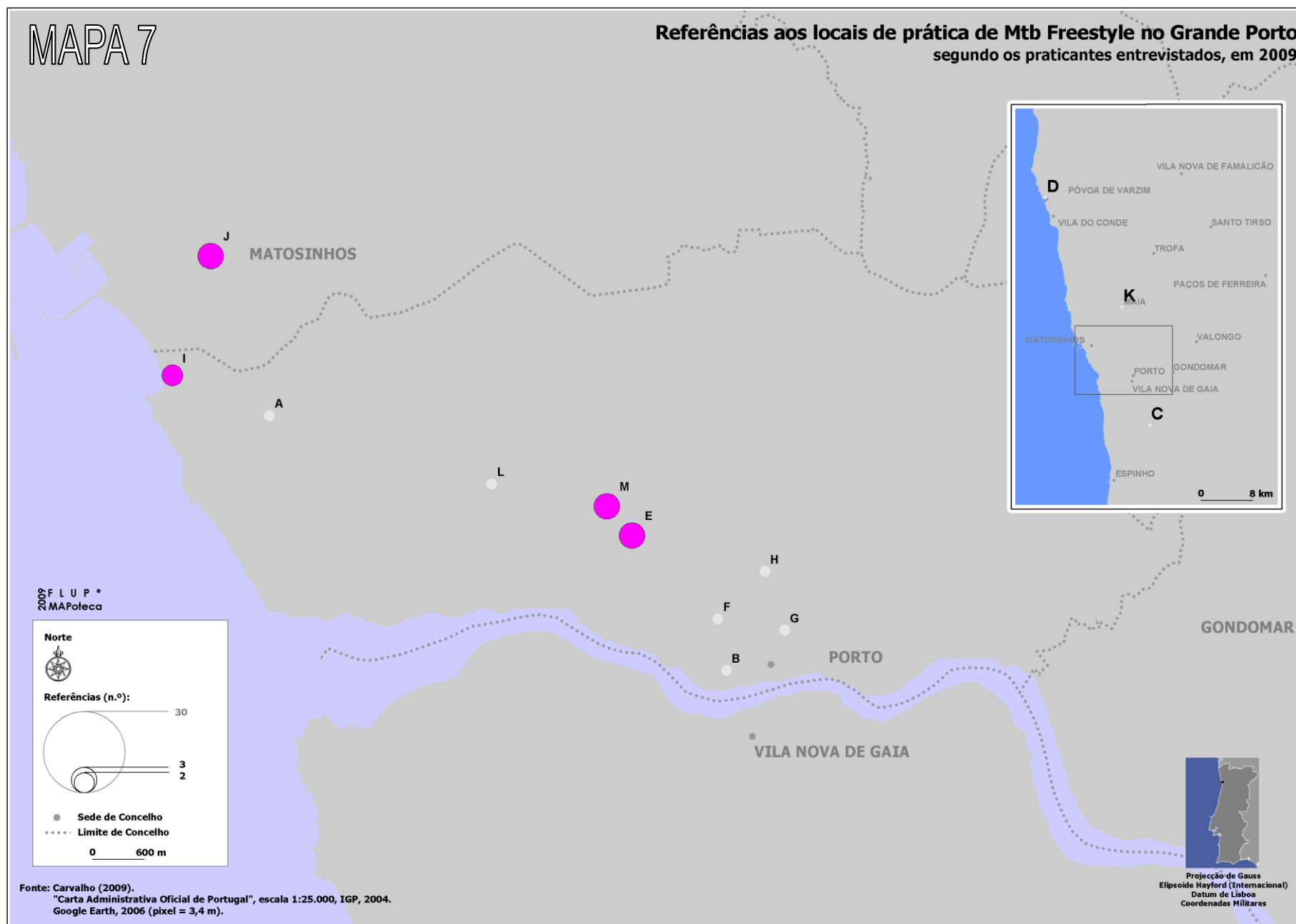
MAPA 6

Referências aos locais de prática de breakdance no Grande Porto segundo os praticantes entrevistados, em 2009



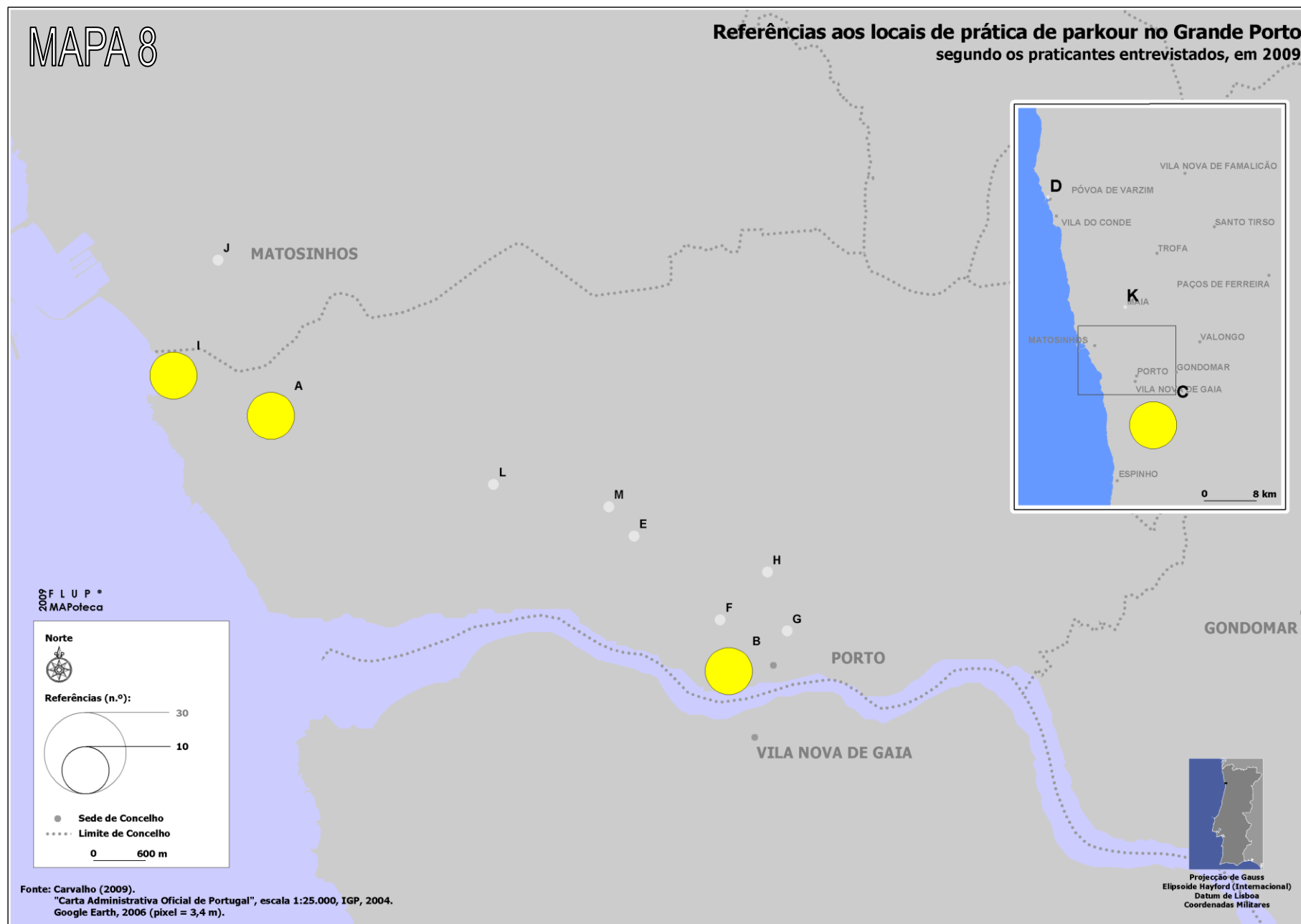
MAPA 7

Referências aos locais de prática de Mtb Freestyle no Grande Porto segundo os praticantes entrevistados, em 2009



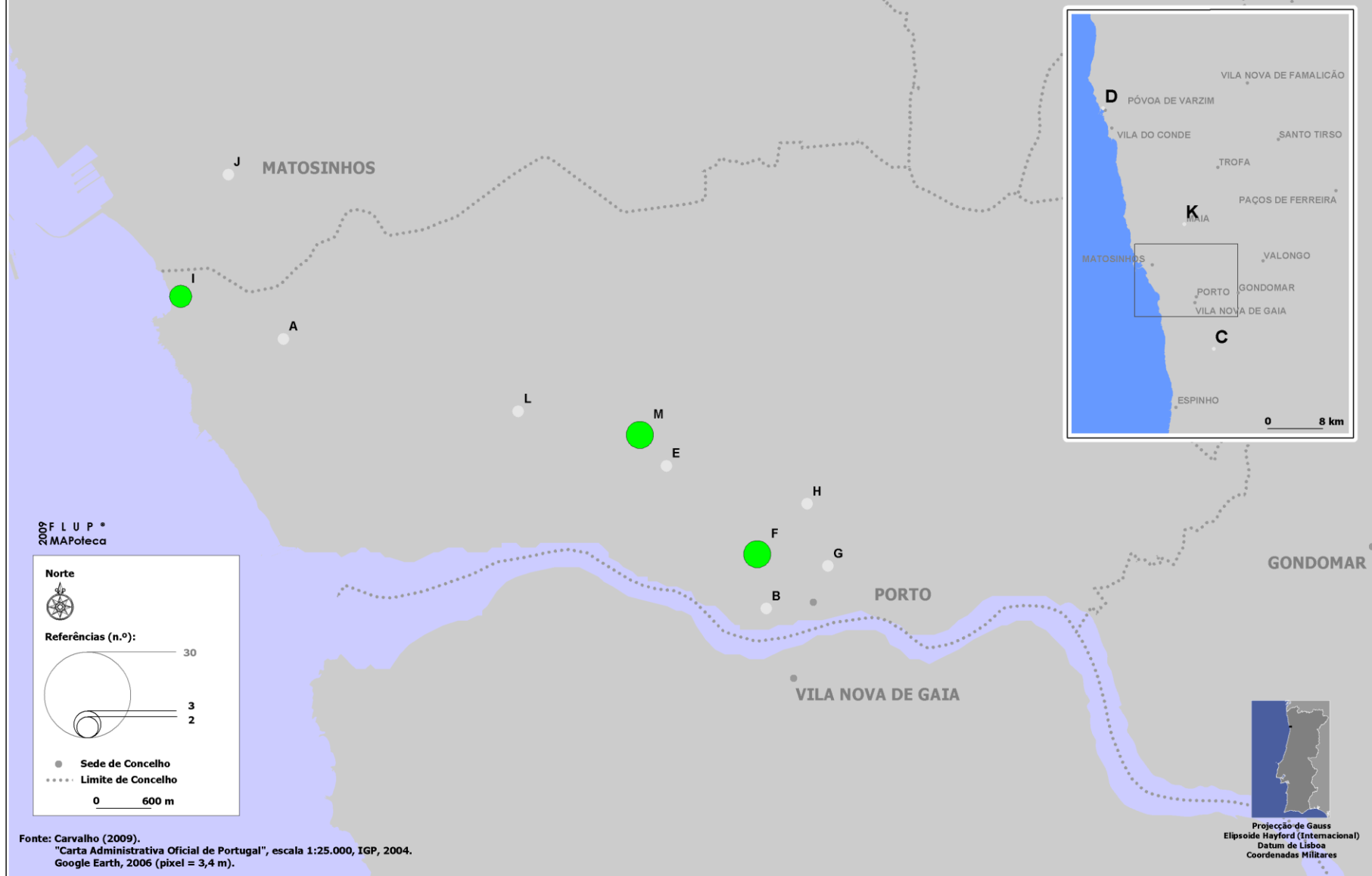
MAPA 8

Referências aos locais de prática de parkour no Grande Porto segundo os praticantes entrevistados, em 2009



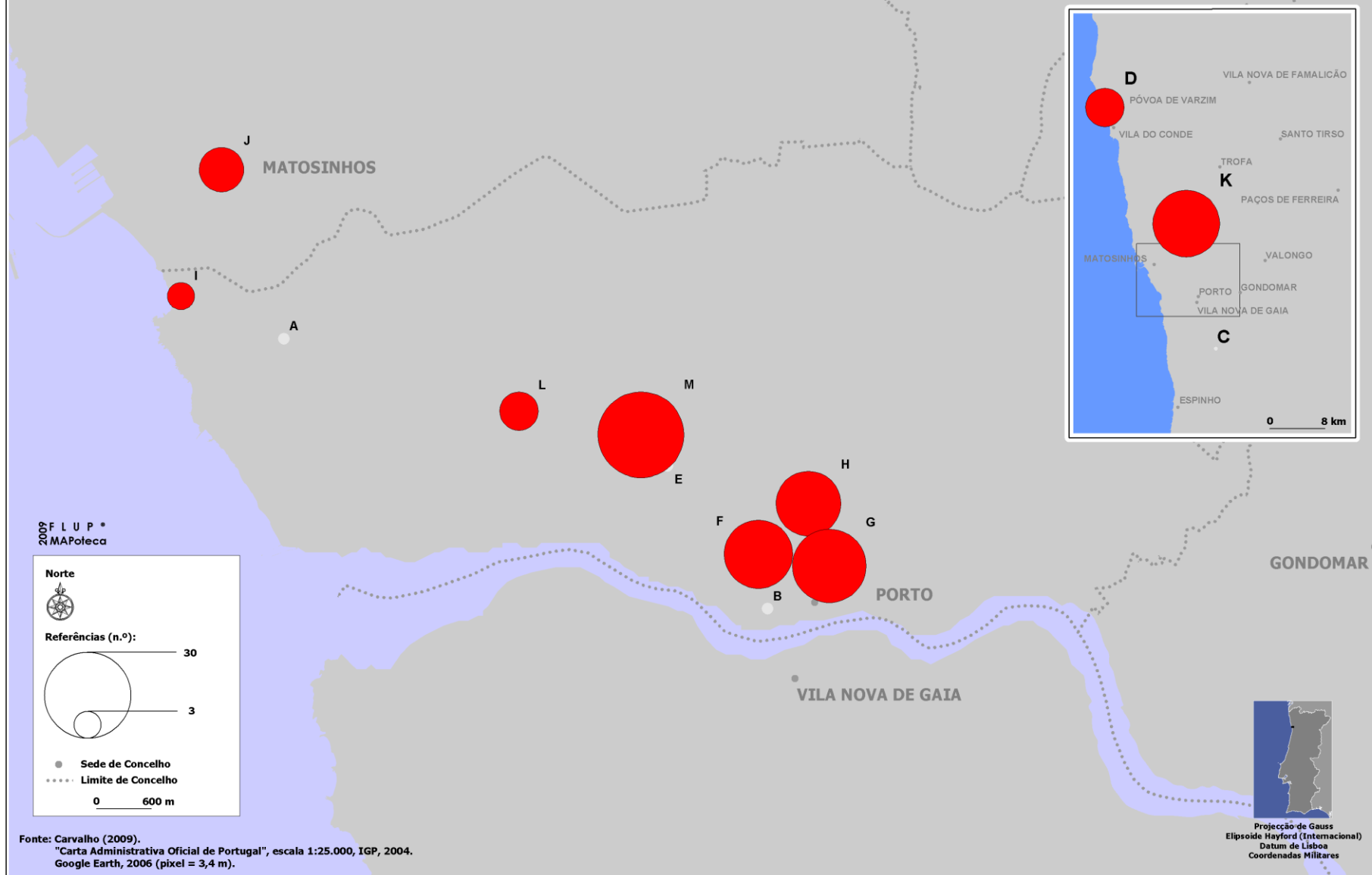
MAPA 9

Referências aos locais de prática de inline no Grande Porto
segundo os praticantes entrevistados, em 2009



MAPA 10

Referências aos locais de prática de skate no Grande Porto
segundo os praticantes entrevistados, em 2009



4.4 - Análise a partir do Sistema Categorical

Partimos agora para uma análise feita ao discurso dos praticantes e aos dados recolhidos através das observações e do sistema categorial. Nesta análise não incluímos a categoria relacionada com o significado da prática para o sujeito, uma vez que esta serviu essencialmente para desenvolver a análise que apresentámos anteriormente quando caracterizámos os praticantes. Como veremos, cada local adquire importância devido a diversas características que se poderão relacionar mais com uma ou outra categoria. Apesar de as apresentarmos em separado, sentimos que é importante deixar claro que nenhuma categoria actua separadamente havendo, sim, diferenças na preponderância de umas sobre as outras, de local para local, ou como espelha o discurso de um dos praticantes: “Tens sítios que vais pelos obstáculos, outros pelo pessoal, outros porque são perto (*sic*)”.

4.4.1 - Características do local

Esta categoria diz respeito à forma como as características físicas de um local podem ter influência na sua escolha para a prática desportiva. Ao longo das observações fomos nos apercebendo de diversas características que alguns locais tinham em comum, como por exemplo, um piso liso. Tendo em conta o número de praticantes de *skate*, é compreensível que esta seja uma característica frequentemente referida como importante. Verificamos, também, que para a prática foi salientada, nas entrevistas, a importância da existência de obstáculos, uma vez que é sobre os mesmos que se realizam muitas das manobras dos vários desportos, e a sua presença ajuda a tornar a prática mais desafiante. Se durante as observações nos fomos apercebendo das peculiaridades de cada local e da importância de determinadas estruturas, como corrimões e escadaria, nas entrevistas, o discurso dos praticantes tornou mais clara a necessidade de existência destes elementos. Como se pode verificar nos seguintes excertos, é necessário “ Ter um pavimento liso e muitos sítios para se andar bem e ter alguns obstáculos”. Desta forma, segundo os mesmos, são procuradas “rampas,

obstáculos, tudo o que dê para fazer manobras”. No entanto, nem todos os praticantes procuram o mesmo, no caso do *breakdance* foi referido que era importante: “Estar ao ar livre, no centro da cidade, ter um chão bom para dançar”. Já para os praticantes de *parkour*, “O Porto é fixe (*sic*) porque é diferente do que estamos habituados, é uma área urbana com obstáculos muito diferentes, o que faz com que fazer *parkour* aqui seja muito diferente e faz-nos evoluir.”

Tendo uma noção geral daquilo que é valorizado pelos praticantes observados, faremos agora uma “viagem” pelos vários locais, analisando aquilo que oferecem em termos estruturais e tentando perceber que importância tem esta categoria na escolha de cada um.

Ao analisar a descrição feita da Casa da Música, concluímos que este não parece um local perfeito para prática destes desportos, não sendo seguramente as características do local a razão para afluência que se verifica. De acordo com os entrevistados, é importante a existência de obstáculos, elementos esses que não existem neste local. Por outro lado, no caso do *breakdance*, os praticantes referiram características que a Casa da Música, sem dúvida, oferece. Porém, de forma geral, o sentimento em relação a este local é bem expresso nas palavras deste *skater*: “Procuramos um chão bom como o da Casa da Música, mas já estamos fartos porque não tem obstáculos, é só mesmo o chão e por ser tão conhecida”. Logo desde as primeiras observações percebemos que teria de existir algo mais para além das características do local, visto que não existem os obstáculos típicos deste tipo de desportos. As razões da popularidade deste ponto estarão, assim, mais relacionadas com outras categorias. Ficam, assim, em aberto as questões relacionadas com a Acessibilidade, a Sociabilidade e a Compatibilidade, uma vez que este é um local central e com muita visibilidade, com transportes públicos em seu redor, e onde, aparentemente, existe uma boa aceitação por parte da população.

O caso do Edifício Transparente é oposto à Casa da Música, uma vez que tem escadarias, rampas e corrimões, e tem um bom piso; não obstante tem uma afluência reduzida, quando comparado com o local anterior. As razões para tal foram sendo analisadas ao longo do diário de campo e serão expostas nas seguintes

categorias ficando, neste caso, assente a ideia de que não basta a existência de um bom conjunto de estruturas para a prática destes desportos.

Na Baixa da cidade existem três locais com algumas semelhanças. Começamos pela estação da Trindade. Apesar de ter algumas referências por parte dos entrevistados, este local foi apenas mencionado por *skaters*, sendo os mesmos, os únicos praticantes observados durante o trabalho de campo. É um local que oferece apenas uma das características que foram apontadas como boas para a prática, isto é, o piso. De resto, como se pode ver na descrição do espaço, é uma zona ampla e sem grandes mais-valias para a prática, o que torna o número de referências mais alto que o esperado, sendo de esperar que as razões da prática neste local se prendam mais com as restantes categorias.

Quanto à Praça dos Leões e à Praça da Batalha, estas são estruturalmente semelhantes, na medida em que possuem um bom piso e contam com a existência de obstáculos. O número de referências é semelhante para os dois locais, sendo o que os distingue a variedade de desportos praticados. Através das observações, foi possível concluir que estes são talvez os dois locais com um maior equilíbrio na forma como o peso de cada categoria afecta a sua escolha, ou seja, existe uma boa acessibilidade, são locais centrais e de referência com muita visibilidade, onde, normalmente, não existem problemas de compatibilidade com a população e autoridades e, como já referimos, com algumas condições para a prática.

Quanto ao Centro Comercial Itália, a importância das características é evidente, uma vez que o local se assemelha muito a um *skatepark*. A existência de rampas, *quarter-pipes*, lombas e bancos torna-o perfeito para a prática dos desportos referidos para este local. No entanto, apesar de, aparentemente, a estrutura ter sido pensada para a prática desportiva, o facto de ter um piso que impossibilita a prática de *skate* e *inline*, faz-nos questionar se a escolha do mesmo terá em vista a dissuasão da prática desportiva naquele local.

Tendo em consideração que a Zona Histórica e o Parque da Cidade foram apenas referidos por praticantes de *pakour*, analisamos agora estes locais de acordo com as características que permitem a prática deste desporto e desencorajam a prática dos restantes. Ambos os locais têm vários obstáculos do agrado dos *traceurs*, como por exemplo muros e estruturas altas, que dificilmente poderiam ser

utilizados para a prática dos restantes desportos. Adicionalmente o próprio piso que é indiferente para a prática de *parkour*, impede o *inline* e o *skate*, permitindo os desportos que utilizam bicicletas. Estes estão ausentes nestes locais essencialmente devido à falta de obstáculos que se adequem.

4.4.2 - Acessibilidade

A acessibilidade diz respeito à localização geográfica do local e à existência de uma rede de transportes públicos que permita facilmente chegar ao ponto desejado. Algo que nos fomos apercebendo ao longo da construção do quadro teórico e posteriormente através das observações e entrevistas foi da importância das relações sociais e da forma como a prática destes desportos se assume como mais uma forma de conviver com os amigos. Assim, será lógico que se procurem locais fáceis de encontrar e fáceis de aceder através de transportes públicos, uma vez que muitos dos praticantes não são residentes na cidade do Porto e não são portadores de carta de condução. Tal como referem os praticantes, “Escolhemos sítios como estes porque são centrais, são uma referência na cidade do Porto e têm muitos transportes que passam na zona”, sendo, portanto, “bom ter sítios que ficam perto de estações do metro, por exemplo, porque assim é mais fácil encontrarmos todos”. É, por isso, fundamental que seja um local “Onde se possa chegar de metro ou autocarro, estar bem servido em termos de meios de transporte”. No entanto, mesmo com locais com uma boa rede de transportes públicos existem vários praticantes para os quais não é fácil chegar à cidade. De acordo com os mesmos, “o Porto não é muito acessível para mim, porque não tenho transportes directos, se não tiver quem me traga de carro não venho”. Porém, a distância ou a dificuldade em chegar ao local pode influenciar na frequência com que se treina no Porto, mas, de acordo com o que verificámos, os praticantes sentem-se bem na cidade, demonstrando que a falta de acessibilidade não demove a vontade de treinar nestes locais, como se pode ver pelas palavras de um dos entrevistados: “É difícil vir para aqui, mas vale a pena”. Desta forma, podemos verificar que o facto de existirem transportes públicos em todos os locais observados é, sem dúvida, um argumento

para a sua escolha como local de prática. De facto, em locais como a estação da Trindade esta categoria assume-se como uma das principais razões para a presença de praticantes no local, tendo em conta as características físicas. O mesmo se pode dizer da Casa da Música. A sua localização geográfica, o facto de ser uma referência na cidade do Porto e de ter uma estação do metro, bem como várias linhas de autocarro serão, sem dúvida, argumentos para a sua popularidade. De resto, apesar de o número de praticantes ir variando de local para local, podemos dizer que todos são locais de referência, fáceis de encontrar, e acessíveis através de transportes públicos, o que confirma a importância desta categoria na escolha de um local de prática. É de referir ainda o caso da Avenida da Boavista que, pelo que foi possível observar, é utilizada tanto como local de prática, como trajecto para a residência de alguns dos praticantes, sendo provavelmente, esta a principal razão da sua referência por parte dos praticantes.

Associada a esta categoria surge a questão da visibilidade. Ao analisarmos os locais seleccionados, não podemos deixar de pensar, tal como Tajima (2005), que o elemento “ver e ser visto” é um factor chave na escolha do local de prática, uma vez que permite a afirmação e representação daquilo que a prática de cada desporto assume para cada praticante e para cada grupo. Neste sentido, não é de estranhar que Karsten e Pel (2000) constatem que por vezes os governos locais providenciam instalações próprias, como *skateparks*, mas, a cidade em si mesma permanece o paraíso definitivo. Segundo a categoria referente à importância da prática para o sujeito, o modo que o desporto praticado pode representar parte da identidade individual e grupal é importante, de um local que permita essa mesma representação. Em suma, precisa de ser um local central cuja visibilidade possibilite a construção de discursos de representação através da prática desportiva.

4.4.3 - Compatibilidade

Esta categoria refere-se ao facto de existir uma aceitação por parte da população e autoridade em relação à prática de actividades desportivas nos locais em questão. Se, como verificámos na construção do quadro teórico, existe inerente

às culturas juvenis um carácter de resistência social, este não é constantemente procurado. Como observaram Carvalho e Pereira (2009), para treinar são procurados locais mais recatados onde não existam problemas de compatibilidade com a população ou autoridades, existindo, no entanto momentos em que se procuram quebrar algumas regras, mas raramente estes são momentos de treino.

O caso do *breakdance* foi o que apresentou mais problemas de compatibilidade. De acordo com os seus praticantes, procuram-se “sítios onde os seguranças não nos chateiem (*sic*). Em Lisboa, no metro, não há problema nenhum em dançar, mas aqui no Porto metem-nos logo cá fora”; por isso a Casa da Música é o único local público onde treinam. Os outros praticantes vêem a questão de forma semelhante. De forma geral, a cidade do Porto é um local onde não têm problemas, ou nas palavras de um dos entrevistados, “É muito importante estar à vontade, porque há sítios como na Maia onde já arranjámos problemas, mas aqui no Porto não costuma haver tantos”.

Deste modo, ao longo das observações não foram registados quaisquer problemas de compatibilidade, uma vez que os locais foram já seleccionados pelos praticantes com esta questão em mente. O grupo que mais problemas encontrou no Porto, foi o de praticantes de *breakdance*, que foram expulsos ao tentar treinar dentro das estações de metro. De resto, os locais observados oferecem aos praticantes a possibilidade de os ocuparem de uma forma para a qual não foram construídos sem que existam impedimentos que os afastem permanentemente. Por parte da população parece que estes locais foram já aceites como palcos para este tipo de desportos, havendo uma partilha mais ou menos pacífica entre os praticantes e as pessoas que apenas querem chegar ao seu destino.

4.4.4 - Sociabilidade

Sempre que se observam relações sociais é necessário ter presente que se inserem num espaço onde surgem associados, um espaço, uma configuração social e uma estrutura cultural, sendo, como sugere Lopes (2000), através destes factores, em conjunto com mecanismos de apropriação do espaço, que se geram estilos e

usos combinando-se em formas particulares de vivência. Deste modo, como sugere Ingen (2003), o estudo deste tema deve ir para além das acções descritivas dos cenários desportivos, abandonar as generalizações conceptuais e espaciais e avançar para a análise da heterogeneidade que caracteriza o espaço desportivo enquanto espaço social.

Neste sentido, esta categoria relaciona-se com a existência de sítios, junto ao local de prática, que permitam o convívio entre os praticantes, visto que é muito importante o desenvolvimento das relações sociais, como já referido ao longo do trabalho. Como se pode ver no diário de campo, “as relações de sociabilidade que se desenvolvem durante a prática são tão ou mais importantes que o próprio desporto”. Estas são possíveis quando, no local, existem construções que, tal como observámos, “assumem a forma de degraus ou outros tipos de estruturas que permitam ter todo o grupo reunido e algo isolado das restantes pessoas”. As relações de sociabilidade estabelecidas podem assumir também importância na promoção deste tipo de actividades. Tal como verificámos, dá-se muitas vezes a “presença de jovens no local apenas pelo convívio, isto é, sem praticarem qualquer dos desportos que são habituais neste local. Facto que faz aumentar a presença feminina, sendo possível verificar também um aumento, não tão notório, nos praticantes femininos. (...) A existência destes espaços poderá por si só promover a prática de actividade física pela vontade de fazer o mesmo que os pares” (excerto do diário de campo).

Assim, no discurso dos próprios praticantes, “É importante termos sítio onde andar e descansar, conviver, estar com o pessoal”, até porque associado a este convívio foi observada uma atitude através da qual, nas palavras de um dos praticantes “ajudamo-nos mutuamente e evoluímos mais depressa, por isso tem que ser um sítio onde possamos estar todos (...) uma tarde inteira a treinar ou a descansar sem problemas”.

Dos locais observados, a Casa da Música e a Praça da Batalha foram os locais onde este convívio era mais notório. A Casa da Música é um local onde a qualquer momento é possível observar quase o mesmo número de pessoas a praticar como a conviver, como é possível verificar na Fotografia 6. Durante as observações era frequente ver vários grupos a chegarem ao local com sacas de

supermercados, especialmente à medida que a tarde avançava e iam parando para lanchar. Estes momentos ocorrem especialmente na zona da fachada que, devido às características arquitectónicas do edifício, tem sempre zonas com sombra que os praticantes aproveitam.

No caso da Praça da Batalha, os degraus que ladeiam a Praça são um sítio onde habitualmente se reúnem várias pessoas para além dos praticantes, sendo este um local que já está associado à reunião de várias pessoas. No caso dos *skaters* que habitam este local, era frequente ver grupos de várias pessoas a conviver e apenas dois ou três a andar. Notava-se que os que estavam sentados eram praticantes apenas porque também traziam consigo um *skate*. Os restantes locais seguem a mesma tendência quanto à necessidade de espaços de convívio, diferenciando-se apenas por não serem tão notórias as reuniões sociais.

Em relação à Praça dos Leões e à Estação da Trindade, os praticantes juntavam-se no chão um pouco afastados do local de prática para não incomodar os colegas em actividade. Já no caso do *parkour*, é difícil definir os locais de paragem já que aconteciam de forma aleatória, dependendo de factores como o cansaço ou a necessidade de discutir a forma de ultrapassar algum obstáculo. Nesta categoria é, assim, importante reter que os momentos de reunião são tão importantes como os momentos de prática, e que a procura de um local que possa promover a actividade física nesta faixa etária não pode descurar este aspecto fundamental.

Depois de expormos os resultados obtidos podemos voltar atrás, olhar o quadro teórico e, apoiados no mesmo, tecer um conjunto de considerações como forma de concluir este capítulo.

Começamos pelo declínio drástico nos níveis de actividade física apresentado em vários estudos (como por exemplo, Sallis, 2000; Matos, Carvalhosa e Diniz, 2002; Fernandes e Mendes, 2003). Este pode revelar que as estratégias utilizadas de promoção da actividade física poderão necessitar de ser revistas no que diz respeito à adolescência. Esse declínio leva-nos a procurar os locais e as formas ideais de promover a actividade física nesta população. Neste sentido, Aytura, Rodriguezb, Evensona, Catellierc, e Rosamond (2008) demonstram que os centros urbanos estarão, em princípio, mais preparados para a promoção da actividade física, uma vez que possuem uma utilização dos espaços mais variada, permitindo

encontrar várias estruturas num espaço suficientemente reduzido para percorrer, por exemplo, a pé. Não obstante, para um conhecimento mais aprofundado acerca desta questão devemos ir para além das características estruturais e entender, tal como Pais (2004), que para estes jovens a vivência da cidade é pautada por experiências sensoriais, que vão desde o ruído das rodas sobre o pavimento até à sensação de trepidação provocada pelo deslocamento. É através desta experiência que se produzem espaços livres, reinventando-se o espaço urbano da cidade. Enquanto desliza, o corpo do *skater* produz novos tipos de discurso, rompendo com o espaço pré-existente, e dando-lhe uma existência própria que desafia os usos pré-estabelecidos.

Após a recolha e análise dos dados, a necessidade de uma cidade que seja abrigo de manifestações culturais, promovendo expressões de identidade, é a ideia base que emerge. Sendo movimentos massivos como é o caso das grandes manifestações sociais, ou micromovimentos, que representam modos alternativos de vida, o importante é que “a polis ganha consciência da urbs criam-se reais condições para o exercício da cidadania participada” (Pais, 2004, pág.60). Quanto à forma de intervenção, seguimos a linha de Bach (2003), segundo o qual, o planeamento urbano e as políticas desportivas municipais, deverão, futuramente, reconhecer que estes desportos informais têm as suas próprias estruturas onde se desenvolvem, identificando estes espaços como valências desportivas paralelas aos equipamentos tradicionais criados para eventos desportivos específicos. Isto pressupõe, obviamente, que a necessidade de uma utilização espontânea do espaço, enquanto característica intrínseca destas actividades desportivas informais, seja oficialmente aceite e apoiada pelos municípios e governantes, e que os seus praticantes sejam tidos em conta, uma vez que, segundo Pedrazzini (2001), os praticantes de desportos alternativos urbanos tornam-se, por vezes, autênticas bibliotecas de sociologia urbana.

5 - CONCLUSÕES

--

5 - Conclusões

Iniciámos este trabalho com o objectivo de entender de que forma as estruturas presentes na cidade do Porto podem promover a prática desportiva na população jovem que, segundo os estudos expostos no quadro teórico, tem vindo a tornar-se cada vez mais sedentária um pouco por todo o Mundo. Assim, tentámos perceber quais as características que tornam um espaço urbano próprio para a prática dos desportos que são mais apelativos à população jovem. Para tal, recorremos à observação dos espaços, dos seus agentes e das características geográficas e sociais que caracterizam o objecto de estudo, assim como da forma como estes espaços se distribuem pela cidade, procurando zonas de maior concentração para obter uma visão mais ampla das características que procuramos.

A perseguição dos objectivos traçados iniciou-se, assim, na construção de um quadro teórico que permitiu, através do Capítulo I, perceber que a população jovem nacional, relativamente aos níveis de sedentarismo, é um reflexo daquilo que se passa também ao nível internacional, isto é, verifica-se uma tendência para a diminuição dos níveis de actividade física, que deve ser travada, nomeadamente, através de estratégias de promoção de estilos de vida saudáveis que tenham como base um conhecimento da população a que se destinam. Iniciámos, por isso, com o Capítulo II, uma exploração das culturas juvenis tentando entender o que é valorizado nestas idades. Entendemos que existe uma grande variedade de culturas juvenis, que têm essencialmente um aspecto em comum: a valorização das relações sociais. Neste sentido, só através da compreensão das estruturas de lazer e sociabilidade desta faixa etária foi possível, posteriormente, entender os fenómenos observados no trabalho de campo. Uma vez que, de acordo com o que fomos percebendo na construção deste quadro teórico, estas culturas juvenis vão desenvolvendo as suas relações sociais em espaços que assumem um grande importância para cada grupo, tentámos, através do Capítulo III explorar a forma como o espaço se pode analisar enquanto produção social dos próprios intervenientes.

Vimos, assim, que o espaço é um conceito socialmente produzido que pode assumir diferentes formas, o Espaço de Prática, Representações de Espaço e

Espaço de Representação. Tendo em conta o âmbito deste trabalho, percebemos que esta foi a maneira ideal para olhar a cidade. Esta surge enquanto espaço social e, quer seja através do conceito de cidade interpretada ou do conceito de *urbs*, é fundamental entender a cidade, como espaço onde é possível desafiar a ordem hegemónica, através da criação de ocasiões de contestação e afirmação, superando os seus limites e constrangimentos. Cada grupo, cada cultura juvenil observada vive e apropria o espaço de forma diferente e é essa mesma vivência que sentimos ter descortinado através do trabalho de campo e tendo como base os conhecimentos adquiridos ao longo da construção do quadro teórico. Do quadro teórico surge ainda o quadro categorial que permitiu pautar a recolha de dados durante o trabalho de campo e posteriormente a sua análise.

Tendo a base teórica, partimos então para o terreno onde utilizámos como ferramentas de recolha de dados, a fotografia, as entrevistas, e as observações. Começámos o processo de recolha com as observações e a fotografia. Este momento inicial foi importante, na medida em que permitiu começar a recolher informações relativas, essencialmente, à forma como os vários grupos de praticantes se apropriam dos seus locais de prática e em relação às características físicas dos locais que fomos observando. A recolha fotográfica permitiu uma descrição mais detalhada dos locais e intervenientes, assim como recolher informações que, de outra maneira, poderiam ficar esquecidas. Concluímos, deste modo, que dificilmente atingiríamos os objectivos traçados sem estes dois meios de recolha de dados. Fundamental foi também a utilização das entrevistas, uma vez que o tipo de informação implícita nas acções dos praticantes nem sempre é passível de ser captado através das observações, sendo necessário o discurso na primeira pessoa para clarificar as razões por detrás da escolha dos vários locais, e relativamente à importância que a prática assume para o próprio sujeito. Através dos dados recolhidos nas entrevistas foi também possível utilizar a cartografia como meio de entender os fenómenos de espacialização dos desportos observados. Com uma base teórica a sustentar o trabalho de campo, e após termos apresentado os resultados do mesmo debruçamo-nos sobre as ideias que sentimos que devem ficar retidas.

Tendo em conta as informações recolhidas na Capítulo II Culturas Juvenis: estruturas de lazer e sociabilidade: percebemos que os praticantes observados vão de encontro ao que se descreve como sendo o conjunto de valores e atitudes valorizado por esta faixa etária na contemporaneidade. Através das entrevistas, foi possível entender que a prática destes desportos assume, para os seus praticantes, um significado que não se esgota na prática em si. Faz parte da sua vida, da sua identidade, permite o desenvolvimento de um conjunto de relações sociais fundamentais para cada sujeito, para além de se assumir como uma forma de representação de todos estes aspectos. Deste modo, podemos concluir que para os sujeitos observados o desporto praticado faz parte da homologia de cada grupo. Existe, deste modo uma coordenação simbólica entre valores e estilos de vida de um grupo, e a formas que usam para expressar e reforçar os seus interesses centrais.

Obviamente que não pretendemos com isto dizer que esta vivência se pode alargar à restante população juvenil, mas podemos com certeza afirmar, partindo do trabalho anteriormente desenvolvido (Carvalho e Pereira, 2008), do quadro teórico presente neste trabalho, da forma como o número de praticantes foi aumentando desde o início do trabalho de campo até ao seu final, e analisando a forma como estes desportos estão presentes em quase todas as formas mediáticas que têm como público-alvo a população jovem, que se tem dado um aumento de popularidade que pode e deve ser aproveitado para a promoção de um estilo de vida activo, associando a prática desportiva a uma vivência social e espacial que é potenciada de forma única com estes desportos. Com a noção do interesse que estas actividades desportivas estão a despertar em cada vez mais jovens, e tendo em conta a forma como os praticantes estão a apropriar-se de vários espaços da cidade do Porto, foi necessário entender o que é valorizado na escolha dos mesmos.

Para tal, após a recolha de dados foi feita uma análise de conteúdo pautada pelo sistema categorial: através do mesmo, analisámos os dados tendo em conta a Acessibilidade, a Compatibilidade, a Sociabilidade, e as Características do Local. Uma vez que já expusemos os resultados de uma forma mais específica para cada local, é relevante deixarmos nesta parte final as conclusões gerais que sobressaíram de cada categoria.

A acessibilidade diz respeito à localização do espaço de prática e à rede de transportes públicos existentes em seu redor. Como é possível constatar na apresentação de resultados e todos os locais, existem vários transportes públicos, o que, por um lado, facilita o acesso aos praticantes não residentes na cidade do Porto e, por outro, agiliza a passagem de um local para o outro dentro da cidade, apesar de termos constatado que no espaço urbano os praticantes deslocam-se essencialmente a pé ou utilizando os seus equipamentos (bicicletas, *skates* e patins). A localização é também importante, visto que nos apercebemos da necessidade de seleccionar locais de referência que facilmente se possam encontrar, como está patente ao longo dos mapas apresentados. Por outro lado, a questão da centralidade dos locais também se pode interpretar como a necessidade de visibilidade, uma vez que este elemento se mostrou um factor chave na escolha do local de prática, o que pode explicar a concentração na Baixa da cidade e outros locais com muita visibilidade que se verificou através da cartografia. As razões de tal necessidade prendem-se com os factores sociais já referidos, isto é, a prática destes desportos assume-se como parte da identidade dos seus praticantes e, como tal, dada a importância das relações sociais e da forma como se comunicam as identidades, a prática destes desportos num local central serve também um propósito representativo inerente a cada grupo.

Comum aos vários locais é também a inexistência de conflitos notórios entre os praticantes e a população e autoridades. Como verificámos, esta é uma característica importante, uma vez que, quando o objectivo é passar uma tarde com os amigos a praticar, os sujeitos tentam encontrar espaços onde se possa dar uma certa permanência, uma vez que, segundo as declarações recolhidas nas entrevistas, não gostam de ser constantemente expulsos dos locais. Aquilo que concluímos é que, de alguma forma, a população da cidade já se habitou a estes novos habitantes e à forma como ocupam o espaço. Não podemos dizer que existe uma aceitação geral em toda a cidade, por isso mesmo, é necessária a análise da compatibilidade de um local, antes que se decida que pode ser um bom local de promoção destas práticas desportivas.

A questão da sociabilidade foi apontada por todos os entrevistados, e diz respeito à existência de locais que permitam o convívio sem impedir a prática. Mais

uma vez, esta foi uma categoria observada em todos os espaços, isto porque não é muito difícil encontrar um sítio junto ao local de prática onde se possa parar a prática por alguns momentos. Esta categoria assume especial importância, na medida em que se relaciona directamente com o significado da prática para os sujeitos. Assim, apesar de não ser difícil encontrar os referidos locais de convívios, é necessário, acima de tudo, ter consciência da sua importância na prática destes desportos.

Por fim, quanto às características do local, podemos afirmar que são fundamentais para a prática destas actividades. Apesar da sua elevada importância apercebemo-nos que, existindo as condições físicas mínimas, um local pode ser escolhido devido a uma conjugação de factores relacionados com as outras categorias. A Casa da Música, por exemplo, é um local que não oferece condições físicas perfeitas para a prática dos desportos neste local observados, mas é, sem dúvida, um local com muita afluência. A razão para tal não se encontra em apenas uma categoria mas numa conjugação de centralidade, visibilidade, acessibilidade, sociabilidade e compatibilidade que fazem deste local um dos mais atractivos do Porto. O mesmo se pode dizer em relação aos restantes locais, visto que nenhum apresenta condições perfeitas para a prática. Aliás, como verificámos durante as observações, alguns acabaram por ser complementados por obstáculos criados pelos próprios praticantes.

Podemos, assim, concluir que a promoção deste tipo de actividades necessita invariavelmente de um espaço. Espaço esse que deve ser seleccionado tendo em conta todos os factores mencionados e, acima de tudo, entendendo que cada categoria não assume importância por si só, havendo uma conjugação que acaba por se tornar chamativa para todos os jovens que já pratiquem ou que se sintam atraídos para a prática destes desportos urbanos. Por outro lado, não é demais reforçar a ideia de que, independentemente do local onde se possa tentar levar a cabo o tipo de trabalho que realizámos no Porto, é necessária uma análise da população alvo, tentando perceber que tipo de actividades são valorizadas. Assim, pensamos que com este trabalho criámos as bases para um tipo de análise que poderá trazer vários benefícios tanto aos governos locais, que poderão satisfazer de uma forma particular as necessidades específicas das suas populações, como das

populações que têm assim uma maior garantia de que o tipo de acções levadas a cabo vão de encontro às suas necessidades.

Para a cidade do Porto podemos concluir, com base em todos os dados recolhidos, que existe um prazer inerente à prática destes desportos em cenários urbanos. Esse prazer relaciona-se, tal como referimos, com uma vivência urbana que permite a expressão da identidade própria de cada grupo e o desenvolvimento de relações de sociabilidade que tanta importância assumem nesta faixa etária. Assim, quanto aos locais já existentes, julgamos que um conjunto de pequenas intervenções estruturais pode potenciar ainda mais os locais já utilizados. Temos plena noção de que se tratam de espaços de referência na cidade do Porto que não são facilmente alteráveis, mas o que sugerimos é um tipo de intervenção que não cause alterações estruturais significativas. Falamos de elementos móveis como os utilizados na Casa da Música ou na Batalha, na protecção de algumas estruturas, ou mesmo no tipo de intervenção que sofreu o largo em frente ao Centro Comercial Itália.

Para terminar, não podemos deixar de referir algumas questões que foram sendo levantadas ao longo deste trabalho, e que não podemos analisar sob o risco de nos desviarmos demasiado dos objectivos principais, ou comprometermos o trabalho em termos de prazo de finalização. Tendo em conta que recolhemos dados relativos ao estabelecimento de ensino e à zona de residência, seria positivo entender que influência têm estes factores na escolha dos locais. Uma outra questão que gostaríamos de ter aprofundado é relação que poderá existir entre a área de residência dos praticantes e a rede de transportes públicos que a rodeia, visto que através das observações e conversas que fomos tendo com os praticantes, verificámos que este pode ser um factor com importância na escolha do local de prática. Não foi, igualmente, possível, deixar de sentir alguma vontade em estender o estudo, por exemplo à área metropolitana do Porto, uma vez que existem alguns locais referidos pelos praticantes que se encontram fora da cidade, tais como a Câmara Municipal de Matosinhos, ou o *skatepark* da Maia. Para terminar, fica a ideia de que se tivéssemos mais tempo poderíamos analisar a área envolvente ao Porto, local onde residem muitos dos praticantes entrevistados, de forma entender de que modo se vivem estas práticas desde a periferia até ao centro urbano.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

--

Abrantes, M. M., Lamounier, J. A., & Colosimo, E. A. (2002). Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes das regiões Sudeste e Nordeste. *J Pediatr (Rio J)*, 78.

Aytura, S. A., Rodriguezb, D. A., Evenson, K. R., Catellierc, D. J., & Rosamond, W. D. (2008). The sociodemographics of land use planning: Relationships to physical activity, accessibility, and equity. In, *Health & Place* pp. 397-385).

Bach, L. (1993). Sports without Facilities: The Use of Urban Spaces by Informal sports. *International Review for the Sociology of Sport*, 281.

Baker, B. J. (2004). American Sport in the City: The Making of an Urban Place. In: The School of Architecture and Interior Design - UNIVERSITY OF CINCINNATI.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bauman, Z. (1999). Urban spaces war: on destructive order and creative chaos. *Citizenship studies*, 3(2), 173-185

Beal, B. (1992). *The subculture of Skateboarding: Beyond Social Resistance*. Colorado. Dissertação de Doutorado apresentada à College of Health and Human Sciences. Department of Kinesiology and Physical Education.

Beal, B. (1995). Disqualifying the official: an exploration of social resistance through the subculture of skateboarding. *Sociology of Sport Journal*, 12(3), 252-267.

Bélanger, A. (2000). SPORT VENUES AND THE SPECTACULARIZATION OF URBAN SPACES IN NORTH AMERICA: The Case of the Molson Centre in Montreal. *International Review for the Sociology of Sport*, 378.

Blustein, J., & Fleischman, A. R. (2004). Urban Bioethics: Adapting Bioethics to the Urban Context, *Academic medicine*, 79, 1198-1202.

Camy, J., Adamkiewics, E., & Chantelat, P. (1993). Sporting Uses of the City: Urban Anthropology Applied to the Sports Practices in the Agglomeration of Lyon. *International Review for the Sociology of Sport*, 175.

Castells, M. (1984). *Problemas de investigação na sociologia urbana*. (3ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Carvalho, R., & Pereira, A. (2008). Percursos alternativos — o Parkour enquanto fenómeno (sub)cultural. *RPCD*, 8.

Corburn, J. (2004). Confronting the Challenges in Reconnecting Urban Planning and Public Health. *American Journal of Public Health*, Vol 94.

Crosset, T., & Beal, B. (1997). The use of “subculture” and “subworld” in ethnographic works on sport: a discussion of definitional distinctions. *Sociology of Sport Journal*, 14(1), 73-85.

Costa, A.. (2002). IDENTIDADES CULTURAIS URBANAS EM ÉPOCA DE GLOBALIZAÇÃO. *RBCS*.

Costa, D., Junior, C., & Matsuo, T. (2007). Sobrepeso em adolescentes de 14 a 19 anos em um município da região Sul do Brasil. *Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.*, 7, 263-270.

Curry, T. J., Schwirian, K., & Woldoff, R. A. (2004). High stakes: Big Time Sports and Downtown Redevelopmen. *URBAN LIFE AND URBAN LANDSCAPE SERIES - THE OHIO STATE UNIVERSITYPRESS*.

Dannenberg, A. L., Jackson, R. J., Frumkin, H., Schieber, R. A., Michael Pratt, Kochtitzky, C., & Tilson, H. H. (2003). The Impact of Community Design and Land-Use Choices. *American Journal of Public Health*, 93.

Depro, D. (2006). Rethinking Sports-Based Community Crime Prevention: A Preliminary Analysis of the Relationship Between Midnight Basketball and Urban Crime Rates, *Journal of Sport and Social Issues*, 180.

Dumazedier, J. (1973). Sport and Sports Activities. *International Review for the Sociology of Sport*.

Dunning, E. (1994). Sport in Space and Time: "Civilizing Processes", Trajectories of State-Formation and the Development of Modern Sport. *International Review for the Sociology of Sport*, 331.

Eichberg, H. (1993). New Spatial Configurations of Sport? Experiences from Danish alternative Planing. *International Review for the Sociology of Sport*, 28, 245.

Emery, J., Crump, C., & Hawkins, M. (2007). Formative Evaluation of AARP's Active for Life® Campaign to Improve Walking and Bicycling Environments in Two Cities. *Health Promotion Practice*, 8, 403-414.

Farhang, L., Bhatia, R., Scully, C. C., Corbur, J., Gaydos, M., & Malekafzali, S. (2008). Creating Tools for Healthy Development: Case Study of San Francisco's Eastern Neighborhoods Community Health Impact Assessment. *J Public Health Management Practice*, 14, 255-265.

Feixa, C. (1999). *De jóvenes, bandas y tribus*: Editorial Ariel.

Fernandes, A. T. (1999). *Para uma sociologia da cultura*. Porto: Campo das Letras.

Fortuna, C. (1999). *Identidades percursos, paisagens culturais: estudos sociológicos de cultura urbana*. Oeiras: Celta Editora.

Fortuna, C. (2001). Sounscapes: The sounding city and urban social life. *Space and Culture*.

Frank, L. D., Andresen, M. A., & Schmid, T. L. (2004). Obesity Relationships with Community Design, Physical Activity, and Time Spent in Cars. *Am J Prev Med*, 27.

Frumkin, H. (2003). Healthy Places: Exploring the Evidence. *American Journal of Public Health*, 96.

Fusco, C. (2007). 'Healthification' and the Promises of Urban Space: A Textual Analysis of Place, Activity, Youth (PLAY-ing) in the City. *International Review for the Sociology of Sport*.

Geertz, C. (1996). *La interpretación de las culturas*. Barcelona: Gedisa Editorial

Giles-Corti, B., & Donovan, R. J. (2003). Relative Influences of Individual, Social Environmental, and Physical Environmental Correlates of Walking. *American Journal of Public Health*, 93.

Gouveia, C., Pereira-da-Silva, L., Daniel Virella, P. S., & Amaral, J. M. V. (2007). ACTIVIDADE FÍSICA E SEDENTARISMO EM ADOLESCENTES ESCOLARIZADOS DO CONCELHO DE LISBOA. *Revista de Medicina da Criança e do Adolescente*, 38.

Guerra, P. (2003). A cidade na encruzilhada do urbano: elementos para uma abordagem de um objecto complexo. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 69.

Handy, S., Boarnet, M., Ewing, R., & Killingsworth, R. (2002). How the Built Environment Affects Physical Activity Views from Urban Planning. *American Journal of Preventive Medicine*, 23.

Hastrup, K. (2004). All the World's a Stage: The Imaginative Texture of Social Spaces. *Space and Culture*, 223.

Haupt, A. (1996). Notions of Rupture (or Noise) in Subculture. Documento apresentado em *Proceedings of the Fourth Postgraduate Conference*, Bellville.

Haug, E., Torsheim, T., & Samdal, O. (2008). Physical environmental characteristics and individual interests as correlates of physical activity in Norwegian secondary schools: the Health Behaviour in School-Aged Children study. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 5.

Heinemann, K. (1986). The Future of Sports: Challenge for the Science of Sport. *International Review for the Sociology of Sport*, 271.

Heitzman, J. (1999). Sports and Conflict in Urban Planning: The Indian National Games in Bangalore. *Journal of Sport and Social Issues*, 23.

Hoehner, C. M., Ramirez, L. K. B., Elliott, M. B., Handy, S. L., & Brownson, R. C. (2005). Perceived and Objective Environmental Measures and Physical Activity Among Urban Adults. *Am J Prev Med* 2005, 28, 105-116.

Hunter, J. (2002) Flying-through-the-air Magic's:skateboarders, fashion and social. [Versão electrónica]. *Sheffield Online Pappers in Social Research*.

Ingen, C. v. (2003). GEOGRAPHIES OF GENDER, SEXUALITY AND RACE Reframing the Focus on Space in Sport Sociology. *International Review for the Sociology of Sport*, 2, 201–216.

Karsten, & L, Pel, E. (2000). Skateboarders Exploring Urban Public Space: Ollies, Obstacles and Conflicts. [Versão electrónica]. *Journal of Housing and Built Environment*, 15, 327-340.

Klein, M.. (1993). Social-Spatial Conditions Affecting Women's Sport: The Case in the Ruhr Area. *International Review for the Sociology of Sport*, 145.

Lefebvre, H. (1981). *La Production de l'Espace* (2nd ed.). Paris: Editions Anthropos.

Librett, J., Yore, M., & Schmid, T. (2003). Local Ordinances That Promote Physical Activity: A Survey of Municipal Policies. *American Journal of Public Health*, 93.

Lopes, J. T. (2000). *A cidade e a cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Porto: Edições Afrontamento.

Lopez, R. P., & Hynes, P. (2006). Obesity, physical activity, and the urban environment: public health research needs. *Environmental Health: A Global Access Science Source*, 25.

Lowell, B. (1966). OBLIGATORY ALLIANCE-THE URBAN RENEWAL AUTHORITY AND THE CITY HEALTH DEPARTMENT. *A.J.P.H.*, 56.

Marques, T., & Gaya, A. (1999). ATIVIDADE FÍSICA, APTIDÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE: ESTUDOS NA ÁREA PEDAGÓGICA EM PORTUGAL E NO BRASIL. *Rev. paul. Educ. Fís.*, 13, 83-102.

Martins, C., Silva, F., Santos, M. P., Ribeiro, J. C., & Mota, J. (2008). Trends of Cardiovascular Risk Factors Clustering Over Time: A Study in Two Cohorts of Portuguese Adolescents. *Pediatric Exercise Science*, 20, 74-83.

Martins, C., Silva, F., Santos, M. P., Ribeiro, J. C., & Mota, J. (2008). Trends of Cardiovascular Risk Factors Clustering Over Time: A Study in Two Cohorts of Portuguese Adolescents. *Pediatric Exercise Science*, 20.

Matos, M., Carvalhosa, S., & Diniz, J. (2001). ACTIVIDADE FÍSICA E PRÁTICA DESPORTIVA NOS JOVENS PORTUGUESES. In. Lisboa: FMH /PEPT /GPT.

Métoudi, M. (1994). Sociology of Sport and Space a Productive Bet. *International Review for the Sociology of Sport*, 367.

Monteiro, C., Conde, W., Matsudo, S. , Matsudo, V., Bonseñor, I. , & Lotufo, P. (2003). A descriptive epidemiology of leisure-time physical activity in Brazil, 1996–1997. In, *Rev Panam Salud Publica/Pan Am J Public Health* pp. 246-254).

Morrow, V. (2003). "No ball games": children's views of their urban environments. *J. Epidemiol. Community Health*, 234.

Mota, J., Gomes, H., Almeida, M., Ribeiro, J. C., & Santos, M. P. (2007). Leisure Time Physical Activity, Screen Time, Social Background, and Environmental Variables in Adolescents. *Pediatric Exercise Science*, 19.

Mota, J., Gomes, H., Mariana Almeida, Ribeiro, J. C., & Santos, M. P. (2007). Leisure Time Physical Activity, Screen Time, Social Background, and Environmental Variables in Adolescents. *Pediatric Exercise Science*, 19, 279-290.

Mota, J., Ribeiro, J., Santos, M. P., & Gomes, H. (2006). Obesity, Physical Activity, Computer Use, and TV Viewing in Portuguese Adolescents. *Pediatric Exercise Science*, 17, 113-121.

Mota, J., Santos, M. P., & Ribeiro, J. C. (2008). Differences in Leisure-Time Activities According to Level of Physical Activity in Adolescents
Journal of Physical Activity and Health, 5, 286-293.

Mota, J., Santos, M. P., & Ribeiro, J. C. (2008). Differences in Leisure-Time Activities According to Level of Physical Activity in Adolescents. *ournal of Physical Activity and Health*, 5.

Must, A., & Strauss, R. S. (1999). Risks and consequences of childhood and adolescent obesity. *International Journal of Obesity*, 23.

Nelson, K. M. (2008). Designing Healthier Communities Through the Input of Children. *J Public Health Management Practice*, 14, 266-271.

Oliveira, J., Lamounier, J., Assis, A., Berezovsky, M., & Jr., O. (2000). *Obesidade e Anemia Carencial na Adolescência*. São Paulo: Instituto Danone.

Pais, J. M. (1993). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Pais, J. M. (1998). Introdução. In J. M. Pais (Ed.), *Gerações e valores da sociedade portuguesa*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 17-58.

Pais, J. M. (2003). Grupos juvenis: condutas e imagens. In M. Cabral & J. Pais (Eds.), *Condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo*. Oeiras: Celta Editora, pp. 367-412.

Pais, J. M. (2004). JOVENS E CIDADANIA. In, *Simpósio Internacional sobre a Juventude*. Rio de Janeiro: UFRJ.

Pais, J. M. (2007). O poder das máscaras: ocultações e revelações. In ANPED (Ed.), *3ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu.

Pereira, J., & Mateus, C. (2000). Custos indirectos da obesidade em Portugal. In, *7º encontro nacional de economia da saúde*. Lisboa: APES.

Pereira, J., Mateus, C., & Amaral, M. J. (1999). CUSTOS DA OBESIDADE EM PORTUGAL. *Associação Portuguesa de Economia da Saúde*.

Pikora, T., Giles-Corti, B., Bulla, F., Jamrozika, K., & Donovan, R. (2003). Developing a framework for assessment of the environmental determinants of walking and cycling. *Social Science & Medicine*, 56, 1693-1703.

Pitanga, F., & Lessa, I. (2005). Prevalência e fatores associados ao sedentarismo no lazer em adultos. *Cad. Saúde Pública*, 21.

Porro, N. (1995). An Urban Sports Movement as a Social Actor and a Political Arena: Remarks on Post War Associations Research in Rome. *International Review for the Sociology of Sport*, 141.

Puig, N., Castillo, J., Pellegrino, P., & Lambert, C. (1993). Sports Facilities as a Revealing of a Society: The Spanish Case. *International Review for the Sociology of Sport* 1993, 203.

Quivy, R.; Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. 2ªed. Lisboa: Gradiva.

Richard J. Jackson (2003). The Impact of the Built Environment on Health: An Emerging Field. *American Journal of Public Health*, 93.

Rodrigues, L. P., Bezerra, P., & Saraiva, L. (2005). Influência do meio (urbano e rural) no padrão de aptidão física de rapazes de Viana do Castelo, Portugal. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 5, 77-84.

Santos, M., Esculcas, C., & Mota, J. (2004). The Relationship Between Socioeconomic Status and Adolescents' Organized *Pediatric Exercise Science*, 16, 210-218.

Santos, M., Esculcas, C., & Mota, J. (2004). The Relationship Between Socioeconomic Status and Adolescents' Organized and Nonorganized Physical Activities. *Pediatric Exercise Science*, 16, 210-218.

Santos, M., Margarida Matos, & Mota, J. (2005). Seasonal Variations in Portuguese Adolescents' Organized and Nonorganized Physical Activities. *Pediatric Exercise Science, 17*, 390-398

Santos, M., Matos, M., & Mota, J. (2005). Seasonal Variations in Portuguese Adolescents' Organized and Nonorganized Physical Activities. *Pediatric Exercise Science, 17*, 390-398.

Schilling, J., & Linton, L. S. (2005). The Public Health Roots of Zoning In Search of Active Living's Legal Genealogy. *Am J Prev Med, 28*.

Seclén-Palacín, J., & Jacoby, E. R. (2003). Factores sociodemográficos y ambientales asociados con la actividad física deportiva en la población urbana del Perú. *Pan Am J Public Health, 14*.

Semenza, J. (2003). The Intersection of Urban Planning, Art, and Public Health: The Sunnyside Piazza. *American Journal of Public Health, 93*.

Shore, B. (1994). Marginal Play: Sport at the Borderlands of Time and Space. *International Review for the Sociology of Sport, 29*.

Siegrist, J. (2000). Place, social exchange and health: proposed sociological framework. *Social Science & Medicine, 1283±1293*.

Silk, M. (2004). A Tale of Two Cities: The Social Production of Sterile Sporting Space. *Journal of Sport and Social Issues, 349*.

Soja, E. (2003). Writing the city spatially. *CITY, 7*.

Srinivasan, S., O'Fallon, L. & Deary, A. (2003). Creating Healthy Communities, Healthy Homes, Healthy People: Initiating a Research Agenda on the Built Environment and Public Health. *American Journal of Public Health, 93*.

Steyn, D. (2004). The body in public culture. skateboarder. *postamble*, 1.

Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In J. Madureira Pinto (Ed.), *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 101-128.

Wendel-Vos, W., Schuit, J., Niet, R., Boshuizen, H., Saris, W., & Kromhout, D. (2004). Factors of the Physical Environment Associated with Walking and Bicycling. *MEDICINE & SCIENCE IN SPORTS & EXERCISE*.

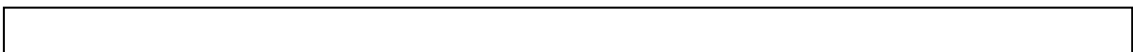
Wheaton, B. (2000). "Just Do It": Consumption, Commitment, and Identity in the Windsurf Subculture. *Sociology of Sports Journal*, 17, 254-274

Wheaton, B., & Beal, B. (2003). 'KEEPING IT REAL' Subcultural Media and the Discourses of Authenticity in Alternative Sport. *INTERNATIONAL REVIEW FOR THE SOCIOLOGY OF SPORT*, 2, 155–176.

Woolley, H., & Johns, R. (2001). Skateboarding: The City as a Playground. *Journal of Urban Design*, 6, 211-230.

Yinger, J. M. (1960). Contraculture and subculture. *American Sociological Review* 25 (5), 625-635.

ANEXOS



Entrevista/Anamnese

Idade: ____

Género: _____

Freguesia: _____

Ocupação: _____

Estabelecimento de ensino: _____

Meio de transporte para o local: _____

Desporto praticado na altura da entrevista: _____

Tempo de Prática: _____

Locais de prática: _____

Itinerário(s):

Frequência de prática:

> 1 x semana__ 1 x semana__ 1 a 3 x semana__ + 3 x semana__

Outros Desportos praticados: _____

A primeira questão “ Porque escolheste este local para praticar desporto?”vai no sentido de tentar entender quais são as motivações do praticante ao escolher aquele local, sendo o desenvolvimento da conversa guiado pelas categorias:

- Acessibilidade
- Sociabilidade
- Compatibilidade
- Características Físicas do Local.

A segunda questão “ o que significa para ti, este desporto?” diz respeito à importância da prática para o praticante, e vai no sentido de clarificar o que verificamos no enquadramento teórico, isto é, os vários significados que podem estar inerentes à prática desportiva:

- Saúde
- Relações Sociais
- Práticas de Lazer

Grelhas Fotográficas (das fotografias presentes no corpo do trabalho)

Nome	Fotografia 1
Local	Casa da Música
Data	01-04-2009
Autor	Rui Gonçalves de Carvalho
Contexto	Prática desportiva na Casa da Música ao início da tarde (14:30)

Nome	Fotografia 2
Local	Casa da Música
Data	13-02-2009
Autor	Rui Gonçalves de Carvalho
Contexto	Utilização de obstáculos trazidos pelos praticantes

Nome	Fotografia 3
Local	Edifício Transparente
Data	09-05-2009
Autor	Rui Gonçalves de Carvalho
Contexto	Prática de parkour junto ao Edifício Transparente

Nome	Fotografia 4
Local	Estação da Trindade
Data	11-02-2009
Autor	Rui Gonçalves de Carvalho
Contexto	Condições de Prática na Estação da Trindade.

Nome	Fotografia 5
Local	Praça da Batalha
Data	08-04-2009
Autor	Rui Gonçalves de Carvalho
Contexto	Objectos trazido pelos praticantes, na Praça da Batalha

Nome	Fotografia 6
Local	Zona Histórica da cidade do Porto
Data	08-04-2009
Autor	Rui Gonçalves de Carvalho
Contexto	Estruturas valorizadas pelos <i>traceurs</i> , na Zona Histórica

Nome	Fotografia 7
Local	Parque da Cidade do porto
Data	09-05-2009
Autor	Rui Gonçalves de Carvalho
Contexto	Tipo de obstáculos no Parque da Cidade.

Análise de Conteúdo - Entrevistas

Acessibilidade

É importante que seja perto de casa ou que pelo menos dê para ir de metro;|
Como moro perto dos sítios onde ando não há problema. Normalmente ando em sítios assim perto, onde posso ir a pé. |

Eu moro na zona do Porto e gosto de vir para cá, mas se tivesse que ir de metro para algum sítio também ia, logo que fosse bom para andar. |

É bom ter sítios que ficam perto de estações do metro, por exemplo, porque assim é mais fácil encontrarmo-nos todos |

Escolhemos sítios como estes (Casa da Música) porque são centrais, são uma referência na cidade do Porto e tem muitos transportes que passam na zona |

Onde se possa chegar de metro ou autocarro, estar bem servido em termos de meios de transporte|

Não é assim tão fácil, tenho de apanhar dois autocarros para chegar ao Porto, mas mesmo assim vale a pena.|

Temos sempre por aqui o metro, senão for o metro temos autocarros|

Tendo o metro perto dos sítios é bom, apesar de eu às vezes ir de skate|

É bom irmos para sítios onde passam muitos autocarros, isso facilita muito|

O Porto não é muito acessível para mim porque não tenho transportes directos, se não tiver quem me traga de carro não venho|

Vou para sítios que não sejam muito longe de onde vivo|

É bom termos o metro e podermos levar as bicicletas, assim podemos andar pelo Porto à vontade|

Quando são sítios centrais é melhor por causa dos transportes e de ser fácil chegar cá|

Bastante importante eu poder chegar aos sítios de metro|

Não é muito fácil vir dos Carvalhos para cá, por isso essa não é uma das razões que gostamos desta zona.|

Possivelmente vínhamos mais vezes se não fosse tão demorado chegar cá|

É difícil vir para aqui, mas vale a pena|

É fácil vir para cá e é por isso que venho|
Andamos onde seja parte de minha casa e dos meus colegas|
A acessibilidade não é o mais importante, dá jeito, mas também vamos para sítios onde não é assim tão fácil ir.|

Sociabilidade

Venho sempre com amigos por isso é importante que os espaço tenha sítio para nós estarmos e andarmos (de skate);|
Como venho com sempre com um amigo é importante estar num sítio à vontade e a conviver|
Vim com a minha irmã e um colega meu, escolhemos sítios onde podemos estar a andar ou a falar todos juntos. |
É muito importante vir com os amigos porque ajudamo-nos mutuamente e evoluímos mais depressa, por isso tem que ser um sitio onde possamos estar todos. |
Nós somos um grupo, treinámos juntos para ir a torneios, somo muito unidos|
Foi aqui que fiz grande parte dos meus amigos, estamos juntos a fazer o mesmo é bom|
Sozinha não conseguia vir. Venho para estar com os meus amigos e treinar. (...) podemos estar uma tarde inteira a treinar ou a descansar sem problemas|
Tem de dar para conviver com o pessoal|
Gosto de sítios onde anda muita gente, onde posso tar com o pessoal toda a tarde|
Gosto de estar com muita gente a andar, a conviver|
E onde possa estar com os amigos|
Gosto de sítios conhecidos que seja fácil encontrar para poder combinar com mais gente. (...) é bom poder estar num sitio durante uma tarde com os colegas|
É importante termos sitio onde andar e descansar, conviver, estar com o pessoal|
Gosto que tenho muita gente no sítio a andar. (...) Só vou para sítios onde possa estar com toda a gente sem problemas, a conviver e a andar|

O que tem mais influência é o pessoal, onde eles tiverem eu tento ir|
Gostamos de estar na boa, não é preciso estar sempre a treinar e é bom ter
sítios em que podemos fazer isso.|
A batalha para a prática do skate não acho nada de especial, é mais pelo
convívio, e isso é uma coisa que se passa em muitos sítios|
...e ter aqui os amigos|

Compatibilidade

Com a polícia nunca tive problemas, só com a população, mas passa-se bem
nunca foi nada de grave; |
Gosto de andar no Porto porque nunca tive problemas nem com pessoas nem
com poilcia |
Comecei há pouco tempo, por isso ainda não tive esses problemas com
pessoas |
Por exemplo já tentamos treinar em estações do metro onde tivemos
problemas |
É sítios onde os seguranças não nos chateiem. Em Lisboa no metro não há
problema nenhum em dançar, mas aqui no Porto metem-nos logo cá fora. (...)
Se tivermos num sitio onde tenha mármore chamam logo a polícia|
Um sitio onde ninguém nos venha chatear é o que procuramos|
Procuramos não ter problemas com ninguém|
Já tentamos treinar nas estações de metro mas tivemos problemas. Entratanto
começamos a procurar lugares onde não nos expulsem.|
Às vezes na Câmara de Matosinhos tenho problemas, por isso é bom quando
um sitio não dá problemas|
Gosto de sítios onde a gente esteja sossegados. Às vezes aparecem “gunas”
nos sítios e não gosto disso|
Já tive aí problemas em vários sítios e é por isso que andamos sempre à
procura de um onde não haja problemas|
É importante não ter problemas nem com policias nem com a população que
passa|
Nunca encontrei problemas nos sítios onde ando e por isso é que continuo a ir

para lá|

Desde que viemos para aqui (C.C. Itália) nunca ninguém nos expulsou, por isso continuamos|

Andamos em sítios onde nos deixam em paz|

É muito importante estar à vontade, porque há sítios como na Maia onde já arranjam problemas, mas aqui no Porto não costuma haver tantos |

Ninguém gosta de ter alguém a dizer para sair, por isso é um factor que influencia a escolha|

Aqui as pessoas parecem estarem mais abertas ao desporto, ou pelo menos nem ligam|

O facto de ainda não termos tido nenhum problema no Porto também é importante|

Sim, isso é muito importante, porque não gostamos de ter problemas com as pessoas|

Depende dos sítios, na maioria não há problemas, mas mesmo em sítios sem problemas há manobras que dá-mos que temos que ter mais cuidado. Se for numa escadaria temos que ver se alguém vem e assim.|

Onde temos problemas acabamos por não ficar muito tempo|

Em frente a cafés ou apartamentos já tivemos problemas|

É bom ninguém nos vir chatear e dizer que não podemos andar aqui|

Características do local

Local bem concebido para o desporto, ter um bom piso, ser amplo;|

Ter um pavimento liso e muitos sitio para se andar bem e ter alguns obstáculos. |

Tem que ser um local bom para praticar | Tem que ser um sitio fixe, com um bom chão |

É bom ter um piso liso e plano, e coberto da chuva|

Estar ao ar livre, no centro da cidade, ter um chão bom para dançar|

Gostamos de treinar em sítios assim, com muita gente|

Procuramos espaço que nos façam lembrar os inícios, assim na rua, em locais públicos. Gostamos de ter pessoas à volta a ver, pessoas que gostam disto |

Ter obstáculos bons, escadarias|

Gosto de sítios como a Casa da Música que acabam por se parecer com um skatepark|

Escolho locais com bom piso|

Gosto de sítios amplos onde dê para andar bem|

Procuramos rampas, obstáculos, tudo o que dê para fazer manobras|

Procuramos um chão bom como o da Casa da Música, mas já estamos fartos porque não tem obstáculos, é só mesmo o chão e por ser tão conhecida|

Procuram-se sempre sítios que tenham alguma coisa de especial, por exemplo, gosto de estar no sitio onde comecei, por ter sido o meu inicio, mas também gosto da casa da música porque não há nenhum sitio parecido|

Tens sítios que vais pelos obstáculos, outros pelo pessoal, outros porque são perto, a Casa da Música tem um bom piso mas não é nada de especial, é mais pelo pessoal e por ser um sitio conhecido.|

O Porto é fixe porque é diferente do que estamos habituados, é uma área urbana com obstáculos muito diferentes, o que faz com que fazer parkour aqui seja muito diferente e faz-nos evoluir|

Pelos spots que o Porto tem, pelos possibilidades que dá. (...) è muito mais urbanos que lá nos Carvalhos e eu gosto mais deste tipo de sítios|

Tem outro tipo de estruturas, a arquitectura e os obstáculos são diferentes|

Tem que ter alguma coisa que seja boa para andar, tipo o piso ou bons obstáculos|

Que tenha rampas, desafios, saltos, escadas|

O piso, os obstáculos...|

Significado da prática para o sujeito

É um desporto radical, extremo, que faz viver as coisas com adrenalina; sim, tem influencia no meu grupo de amigos porque muitos são skaters, e na maneira como vivo a minha vida, faz parte de mim e da minha maneira de ser.|
É importante para manter o físico, é divertido, aprendo sempre coisas novas e posso conviver à vontade. Faz parte dos meus tempos livres e ajudou-me a fazer amigos. |

É um desporto que gosto muito de praticar, ocupa-me o tempo e eu gosto de andar de skate. Eu já joguei futebol e deixei porque era muito longe, agora ando se skate também porque fazer desporto faz-me sentir bem de saúde. |

O breakdance é aquilo com me identifico, faz parte de quem eu sou. (...) mas alguns elementos fazem outras coisas, por exemplo, aquele miúdo também pratica capoeira, enquanto que há gente que é só mesmo isto. |

Pá, o breakdance é uma parte muito importante da minha vida e muitas vezes serve para fugir dos problemas e não pensar nas coisas que me chateiam, agora ao certo o que faz isso não sei. Não sei se é pela música, por estar com os amigos ou pela dança em si. Se calhar até é tudo junto que me faz estar bem, para mim a minha vida é o breakdance. |

É um vício, uma segunda vida, faz parte de mim e das pessoas que fazem isto comigo. |

É uma forma de fazer exercício, de ouvir a musica que gosto, estar com os amigos, de ocupar o tempo livre. |

Nós começamos a treinar na rua, juntamos um grupo de amigo e começamos a experimentar e isto tornou-se muito importante para nós. Continuamos a evoluir, a entrar em competições, mas sempre a fazer as coisas que gostamos. (...) A mim isto faz-me sentir livre, deixas de penar nos problemas e entras no espírito da dança. É uma coisa boa para uma pessoa estar bem com ela própria. Quanto mais faço isto mais gosto ganho pela prática. Para além disso, os amigos sempre presentes, isto faz parte de quem nós somos. |

É a minha vida, inclui estar com os meus amigos, conviver, divertir-me, faz parte de quem eu sou |

É a minha vida |

Mal acordo penso logo “onde é que está o meu skate”. É uma parte muito grande do meu dia, é a minha forma de estar. Se não andasse de skate não me sentia contente, não estava completo. |

Estar com amigos e passar o tempo livre |

Ando por gosto, divirto-me com os amigos, passo um bom tempo

Gosto muito de andar, de estar com os meus amigos |

Andar, fazer desporto, estar com os amigos, é um bocado daquilo que nós somos |

Já me magoei, já me parti todo, mas saio de casa e nem reparo mas tenho o skate debaixo do braço, já faz parte de mim. Levo um bocadinho mais a sério porque tenho patrocínios o que faz com que eu arrisque mais. |

Para mim este desporto é diversão, mas não estou fechado à oportunidade de progredir. O meu principal objectivo é continuar a fazer isto por diversão.(...) O skate tem influência na maneira como vivo porque é uma parte importante de mim e é um escape, é a única coisa que me faz sentir como sinto, não há nada que o possa substituir. |

O skate faz parte da minha vida, agora não conseguia deixar de fazer

É uma forma de estar, de me relacionar com o que me rodeia, de estar com os amigos. Também é uma pratica física que nos ajuda noutros contextos |

O parkour é um modo de vida, não é a mesma coisa que jogar futebol, é paixão mesmo. Sem duvida que envolve a minha identidade |

É uma maneira de estar no meio em que vivemos e uma forma de conviver e de me divertir |

É um modo de vida, já faz parte da minha maneira de ser e do meu grupo de amigos |

É uma cena que eu curto fazer, que já faço há vários anos, afastou-me de várias coisas más na vida, em vez de andar aí feito otário tou a andar de skate com o pessoal. (...) é importante para a tua maneira de ser como pessoa, como tas com as outras pessoas(...) amigos a sério é pessoal do skate. |

Para mim é lazer, convívio com os amigos, é parte da minha maneira de ser |

Para mim é divertimento, não levo isto a sério |

Análise de Conteúdo - Observações

Acessibilidade
(L12) o grupo não se desloca a este local tantas vezes como desejaria devido a dificuldades relacionadas com os meios de transporte desde os Carvalhos em Pedroso até ao Porto. (...)
Sociabilidade
Presença de jovens no local apenas pelo convívio, isto é, sem praticarem qualquer dos desportos que são habituais neste local. Facto que fez aumentar a presença feminina apesar de ser possível verificar também um aumento, não tão notório, nos praticantes femininos. (...)A existência destes espaços poderão por si só promover a prática de actividade física pela vontade de fazer o mesmo que os pares, sendo este aspecto algo a verificar posteriormente. Estavam aproximadamente 40 praticantes desde os 7/8 anos até aos 25/30. A maior parte deles acompanhados por grupos de amigos, mas alguns, mais novos, acompanhados pelos pais. Inicialmente não foi fácil identificar os grupos, já que, como havia sido observado, existe alguma interacção entre eles. Vivia-se um ambiente descontraído. (...) parecia haver uma lógica de antiguidade e experiencia na ocupação dos espaços. Como pude constatar em conversas, os mais experientes estavam na parte da frente e os menos experientes nas laterais ou atrás. Não foi difícil perceber que o que se passava, acima de tudo era uma reunião de amigos, com o skate como pano de fundo. (...) as relações de sociabilidade que se desenvolvem durante a prática são tão ou mais importantes que o próprio desporto. (...) Pareceu-me também importância a existência de locais que para além da prática permitam a reunião e o convívio entre os elementos do grupo. Estes assumem a forma de degraus ou outros tipos de estruturas que permitam ter todo o grupo reunido e algo isolado das restantes pessoas.

Enquanto uns treinavam outros estavam sentados a conversar, percebendo-se que aquele não seria um treino de uma hora, mas uma tarde inteira de convívio.

Compatibilidade

Características do local

O grupo ia utilizando os passeios e escadarias à medida que se deslocava, como se aquele caminho se tratasse já de um itinerário. (...) O espaço em volta tinha um piso muito liso, propício à prática e contava com uma escadaria que convidava a manobras mais arriscadas, que ainda foram ensaiadas, mas que se revelaram demasiado perigosas para o nível dos praticantes. (...) quando cheguei à praça estava um grupo de cerca de 10 skaters a utilizar os bancos de pedra em frente ao edifício da reitoria para realizar diversas manobras. (...) existem por vezes elementos que estão apenas presentes pelo convívio, não tendo consigo qualquer equipamento para a prática. (...) em frente ao Rivoli encontrei mais dois skaters que aproveitavam a superfície plana para treinar algumas manobras. O local é amplo e com grande visibilidade, como de resto, todos os outros locais observados até ao momento,|

Para “surfear” as ondas de betão em volta da Casa da Musica. (...)uma plataforma com cerca de cinquenta centímetros de altura, que permitia saltar para cima ou deslizar nas esquinas laterais. A presença deste elemento, reafirma a necessidade de obstáculos na Casa da Musica, já que sem estes, a pratica resumir-se-ia ao deslize. |

Os muros que ladeiam a fonte são exaustivamente explorados pelo grupo, bem como a própria fonte, que medindo cerca de três metros na parte mais alta, constitui por si só algum desafio. (...) Duas estruturas metálicas com cerca de um metro de altura que estavam afastadas entre si cerca de dois metros, o que permitia a realização de várias manobras de forma consecutivas. (...) O

muro de pedra que se estende até ao mercado, e o próprio telhado servem de local de prática onde se exploram tanto os limites dos espaço como que de quem o percorre. (...) três lances de escadas ladeados por muros de pedra e corrimões de ferro. (...) um dos lances da escadaria que é limitado acima e abaixo por pequenos varandins que fazem a ligação entre as escadarias. Uma das manobras que mais agradou o grupo foi tentar saltar do telhado da construção para os varandins, o que se constituiu um verdadeiro desafio, uma vez que para chegar aos varandins tinha que se saltar sobre os corrimões e muros que acompanham as escadas, e o facto de o telhado se encontrar a um nível superior implicava saltar uma distância considerável seguida de uma queda de cerca de dois metros para chegar a um local que pela sua dimensão requer alguma precisão. (...) decidimos partir para a Sé já que as estruturas mais antigas costumam oferecer obstáculos maiores, já que os muros, por exemplo, são habitualmente mais largos e mais altos. (...) as escadarias e caminhos característicos desta zona providenciam um bom espaço de prática (...) Não há necessidade de superfícies planas, e os obstáculos que, para o skate, inline ou bmx, eram adequados, para o parkour são demasiado simples. Este desporto necessita de muros altos, escadarias e corrimões que não estão presentes na paisagem dos locais de prática dos desportos observados até agora. O gosto pelo tipo de obstáculos providenciados por edifícios mais antigos conduziu-nos para uma zona que não tinha ainda sido referida. | percebi a importância de um skatepark para desportos como o inline e o bmx. Uma das queixas foi nesse mesmo sentido: “como é que uma cidade como estas não tem um skatepark?” no entanto era bem notório o prazer de estar na cidade e não num sítio isolado. |

Os spots aqui são muito melhores, tem mais sítios onde andar. (...) aquele local tem um piso bom para a prática do skate mas não tem obstáculos a não ser a parede em frente à estação que é alta demais para explorar através do skate. (...) Os primeiros aspectos que se salientaram quanto aos locais, foram a existência de, pelo menos um piso que permitisse a prática, embora seja igualmente importante a existência de algumas barreiras, como corrimões, degraus ou muros. (...), a visibilidade que se obtém nos locais visitados é realmente notória. Tanto na Batalha como na Praça da República o

fluxo de pessoas é constante, o que torna estes locais perfeitos para alguém que queira passar algum tipo de mensagem, no caso destes adolescentes, a sua própria identidade.]

Os grupos, no geral, eram constituídos por rapazes, que viajavam num movimento pendular, pela fachada da Casa da Musica. (...) a Casa da Música apresenta um piso excelente para a prática, assim como elevações consideráveis que funcionam como rampas. O único problema é a inexistência de obstáculos. Tal foi contornado pela colocação de dois corrimões com cerca de cinquenta centímetros de altura, colocados pelos próprios praticantes.]

Estavam reunidos sob a escadaria de acesso à casa da Música, com oleado no chão para fornecer uma superfície mais lisa e um telemóvel ligado a colunas portáteis para a música. (...) Apenas com algumas elevações e *quarter pipes* a ladear as entradas para o parque subterrâneo foi criado um skatepark com óptimas condições para o BMX, que ao mesmo tempo permite a passagem de pessoas e a sua permanência no local devido à existência de estruturas em forma de bancos. A escolha do pavimento não permite a prática de skate ou inline, mas deixa antever um local de referência para o BMX, que no Porto, ainda não existia. Um outro aspecto positivo é facto de, estar bem integrado no local, isto é, em caso de ausência de praticantes no local, não parece um skatepark abandonado, as sim um largo com bancos e árvores, com uma arquitectura um pouco diferente.

Significado da prática para o sujeito

Reparei também que as pessoas que estavam presentes nesta altura não eram os habituais, e que o seu nível técnico evidenciava o recente início de prática, o que confirma a tendência para os praticantes de maior nível técnico se concentrarem em locais mais visíveis, sem que isso impeça a presença de iniciantes na frente da Casa da Musica

Uniformidade de atitudes e representações, que assumiam, essencialmente, a forma de uma atitude descontraída e de fruição do momento, e um vestuário específico relacionado com o mundo do skate, que se replicava por todos os praticantes. De notar também a predominância de elementos masculinos.

Observei apenas a presença de três raparigas a andar de skate, sendo uma delas aluna da escola Bollywood.]

a forma como se falava da vivência na cidade, da companhia da população, dos locais, da beleza urbana, fazia perceber que o palco urbano é sem dúvida o preferido, mas nem sempre o que melhores condições oferece.]

Com uma aparência marcadamente punk. As cristas, o cabelo pintado, os pins e alfinetes, os remendos alusivos a bandas punk, não faltava nada. Mas nem todos praticavam, e notava-se uma diferença entre os que apenas observavam (com um vestuário mais elaborado) e os que praticavam (com um vestuário mais confortável e sem tantos artifícios). (...) Com um visual que espelhava mais o típico dos desportos alternativos, e uma atitude mais descontraída, este grupo prometia maiores facilidades de comunicação.]

Neste local havia mais uniformidade quanto à forma como os praticantes agiam e se apresentavam. O visual era marcadamente relacionado com este tipo de práticas, e as atitudes eram descontraídas, ainda que cientes do que tentavam representar. Os grupos em si estavam separados, mas não havia uma tentativa demarcada para tal, uma vez que várias vezes trocavam concelhos acerca de várias manobras. Para além disso havia um encorajamento geral sempre que alguém fazia uma manobra mais difícil, o que demonstra, à primeira vista, pouca preocupação em ter um grupo tecnicamente melhor que os outros. (...) se um local reunir algumas das condições necessárias, tais como acessibilidade (estação de metro), visibilidade, e um piso propício, estes praticantes são capazes de construir os seus próprios obstáculos para usufruírem das restantes mais-valias.